



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

CURTA VK E CASA DE AYA: TRAMAS ENTRE EDUCAÇÃO POPULAR E
CULTURA NA VILA KENNEDY

ISABEL CRISTINA MENDES PINHEIRO NAVEGA

Sob a orientação do Professor
Aristóteles de Paula Berino

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica, RJ

Março de 2016

370 Navega, Isabel Cristina Mendes Pinheiro,
N323c 1984-
T Curta VK e Casa de Aya: tramas entre
educação popular e cultura na Vila Kennedy /
Isabel Cristina Mendes Pinheiro Navega -
2016.
136 f.: il.

Orientador: Aristóteles de Paula Berino.
Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares.
Bibliografia: f. 133-136.

1. Educação - Teses. 2. Educação popular -
Teses. 3. Cultura popular - Teses. 4.
Festivais de cinema - Teses. 5. Memória
coletiva - Teses. I. Berino, Aristóteles de
Paula, 1965-. II. Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares. III. Título.



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e
Demandas Populares (PPGEduc)

ISABEL CRISTINA MENDES PINHEIRO NAVEGA

**“CURTA VK E CASA DE AYA: tramas entre educação
popular e cultura na Vila Kennedy”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Educação.

Linha de Pesquisa: Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas

Dissertação aprovada em 25/02/2016.

BANCA EXAMINADORA

A.L.L. de Paula Berino

Prof. Dr. Aristóteles de Paula Berino - UFRRJ (Orientador)

Adriana Carvalho Lopes

Prof.^a. Dr.^a. Adriana Carvalho Lopes - UFRRJ

Maristela de Souza Guedes

Prof.^a. Dr.^a. Maristela Gomes de Souza Guedes - UERJ

Nivea Maria da Silva Andrade

Prof.^a. Dr.^a. Nivea Maria da Silva Andrade - UFF

Nova Iguaçu (RJ)
Fevereiro/2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Eliane e Ademir, por compreenderem minhas angústias, aflições e quererem, da forma mais singela e popular possível, ajudar-me na elaboração deste trabalho. Ao meu namorado, Aristóteles Berino, que muito me incentivou, me deu carinho, abrigo, respeito, amor e, o principal, me fez crer que nada seria tão afetuoso sem a sua doce e amável presença na minha vida. Aos amigos que abrilhantam meus caminhos, cotidianamente, desde que a educação popular fez, do meu corpo, morada, em especial aos que ao longo do mestrado conheci, e os que integram o Coletivo CurtaVK e Casa de Aya: Isabele Aguiar, Débora Dantas, Guilherme Junior, Luana Dias, Camila Aguiar e Ingrid Pontes.

Agradeço, também, aos digníssimos professores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro que vislumbraram nova essência aos meus horizontes, revestiram minha capa humana e deram-na outra ainda mais humana. Em especial à Professora Márcia Denise Pletsch, cuja sabedoria acadêmica sempre a fez ser cada vez mais apreciada por mim; à Coordenação e à Secretariado Programa, e igualmente às Professoras Adriana Lopes, Stela Caputo e Nívea Andrade, que dedicaram parte do seu precioso tempo para me auxiliar na conclusão deste projeto.

*Podemos sorrir, nada mais nos impede.
Não dá pra fugir dessa coisa de pele
sentida por nós, desatando os nós,
Sabemos agora: nem tudo que é bom vem de fora!*

*É a nossa canção pelas ruas e bares,
nos traz a razão, lembrando palmares.
Foi bom insistir, compor, e ouvir.
Resiste quem pode à força dos nossos pagodes!*

*E o samba se faz, prisioneiro pacato dos nossos tantãs,
e um banjo liberta, da garganta do povo, as suas emoções,
alimentando muito mais a cabeça do compositor:
eterno reduto de paz, nascente das várias feições do amor!*

*Arte popular do nosso chão...
É o povo que produz o show e assina a direção!
Arte popular do nosso chão...
É o povo que produz o show e assina a direção!*

Jorge Aragão, Coisa de Pele

RESUMO

NAVEGA, Isabel Cristina Mendes Pinheiro. **Curta Vk e Casa de Aya: tramas entre educação popular e cultura na Vila Kennedy**. 2016. 128p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

A educação popular é uma área da educação cujas práticas permitem a aquisição do conhecimento através do entrelaçamento dos indivíduos com saberes que, ao serem contextualizados, decodificam sentidos, disseminam conceitos e os adequa a comunicação para transcrever fatos, vivências e anseios; possibilitando, consecutivamente, o diálogo dinâmico entre os sujeitos e seu meio. Para melhor entender sua definição, o presente trabalho objetiva-se em discorrer sobre duas experiências da educação popular na Vila Kennedy com intuito de evidenciar como os movimentos populares influenciam e ressignificam seus contextos e como, por sua vez, é de suma importância considerá-los nas redes educativas que se criam nos espaços formais e informais de ensino, por exemplo. Uma das iniciativas delas é o Curta VK, festival de cinema comunitário que, anualmente, acontece na localidade; a outra é a Casa de Aya, espaço cultural de troca de saberes populares, que valoriza as potencialidades dos indivíduos com o desejo de fazer com o que os moradores possam participar, autonomamente, na construção da aprendizagem, assim como também possam reconfigurar o cenário dessa comunidade popular tão marginalizada socialmente. Desta forma, o objetivo deste trabalho é o de, ademais de apresentá-las, valorizando-as em suas potencialidades, mostrar como os espaços formais de ensino, como as escolas públicas da região, devem apreciá-las na construção do conhecimento e do sentido social que se cria, mutuamente, na sociedade.

Palavras-chave: Educação Popular, Curta VK, Casa de Aya, Redes de conhecimento, Crianças e jovens.

ABSTRACT

NAVEGA, Isabel Cristina Mendes Pinheiro. **Short VK and Aya's House: Relations between popular education and culture in Vila Kennedy**. 2016. 128p. Dissertation (Master Science in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

Popular education is an area of education whose practices allow the acquisition of knowledge through the interweaving of individuals with knowledge that, when contextualized, decode meanings, disseminate concepts and adapts it to communicate to transcribe facts, experiences and concerns; enabling consecutively dynamic dialogue between individuals and their environment. To better understand its definition, this objective is to work in talk about two experiences of popular education in Vila Kennedy aiming to show how popular movements influence their context and therefore it is extremely important to consider them in all areas education: form or informal, for example. One of the initiatives of these is the Short VK, community film festival that annually takes place in the locality; the other is the Aya House, cultural space for the exchange of popular knowledge, which values the potential of individuals with a desire to do what the residents can participate autonomously in the construction of learning, and can also reconfigure the scenario that popular community as marginalized socially. Thus, the objective of this work is to, in addition to presenting them, valuing them at their potential, show how the formal teaching spaces, such as public schools in the region should consider them in the construction of knowledge and meaning social that creates mutually in society.

Keywords: Popular Education, Curta VK, Casa de Aya, Knowledge Networks, Children and Youth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Manifestação dos moradores do Esqueleto contra a remoção	28
Figura 2- Mapa de localização da Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro	29
Figura 3- Matéria noticiando que o espaço, que deu origem à Vila, pertencia um proprietário de terras que nos denominou como —marginais de pouca ou nula moral; reafirmando o pensamento excludente que até aqui estamos evidenciando	30
Figura 4- Moradores do Morro do Pasmó, em Botafogo, deixando suas casas	31
Figura 5- Slogan do projeto —Aliança para o progresso	32
Figura 6- As primeiras casas construídas para habitação na Vila Kennedy, lugar que, até então, era considerado um terreno baldio.	33
Figura 7- Casebres criados no Esqueleto que viria a ser a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.....	35
Figura 8- Antiga Favela do Esqueleto, no Maracanã. Espaço onde, n na atualidade, encontra-se a Universidade Estadual do Rio de Janeiro	36
Figura 9- Momento em que os moradores do Esqueleto começam a desocupar seus barracos	38
Figura 10- A Vila Kennedy de agora	40
Figura 11- Chamada para o 1º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy	48
Figura 12- Foto extraída da primeira chamada do Curta VK	50
Figura 13- Logo do Curta VK	51
Figura 14- Matéria publicada sobre o Curta VK, no jornal Extra. Na foto, a professora Isabel Navega, o professor Guilherme Junior, e a jornalista Débora Dantas.....	52
Figura 15- Gravação da chamada, para o festival, na Coluna semanal de evento do jornalista Fábio Júdice no RJTV	52
Figura 16- Convite para o Festival posicionado no viaduto que liga os dois lados da Comunidade.....	54
Figura 17- Seção Criança no primeiro dia do Festival Curta Vc	57
Figura 18- Primeira etapa do festival: exibição de curtas-metragens às crianças da Escola Joana Angélica.....	60
Figura 19- Terceira etapa do festival: pronunciamento do júri técnico a respeito do curta-metragem vencedor da categoria “Eu curto a VK”	63
Figura 20- Ainda na Terceira etapa do festival: exibição dos curtas-metragens que participaram da mostra competitiva	64
Figura 21- Último dia do festival: exibição dos curtas e premiação	67

Figura 22- Chamada para a mostra de 1 ano após o 1º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy.....	69
Figura 23- Chamada para a mostra em comemoração ao primeiro aniversário do CurtaVK .	69
Figura 24- Fachada do portão central da Casa de Aya grafitada pelo colaborado, e amigo, Dáblío	74
Figura 25- O educador Guilherme Junior, integrante do Coletivo Casa de Aya, decorando as paredes da Casa	75
Figura 26- Amigos e moradores ajudando-nos com a pintura de uma das paredes da Casa... ..	76
Figura 27- Conversa desinibida sobre as projeções	76
Figura 28- Doações feitas pelos amigos Gabi Domingues, Sandra Vale e Leila Queiroz Hugo Araujo, Vanessa F Klein.....	78
Figura 29- Quatro dos muitos voluntários que participaram das oficinas da Casa: Venina dos Santos, William da Silva, Francili Costa, Carla oliveira, interagindo com o espaço, primeiramente, através da nossa página no Facebook.....	79
Figura 30- Registro da primeira atividade cultural, e educativa, na Casa de Aya	81
Figura 31- A socióloga Bianca Arruda interagindo com eles após o debate exibição fílmica.	82
Figura 32- Nas imagens: primeira, Venina dos Santos fazendo a contação de histórias do livro; na segunda, as crianças rendendo-se aos “birotos”; na terceira, as pinturas expressivas sobre a temática do conto	83
Figura 33- Apresentação Circense.....	84
Figura 34- Quatro das crianças que frequentam a Casa: a Gabi, a Fefê, a Aninha e o Arthur, juntos da jornalista Luana Dias, conversando sobre o que podemos fazer para que a nossa estadia na Casa seja harmoniosa.....	86
Figura 35- As carinhas que figuram os estados de ânimo das crianças (e nossos também) ..	87
Figura 36- Uma das Crianças, o Arthur, iniciando as atividades na Casa retratando como se sentia naquele momento.	87
Figura 37- Oficina de ilustração com o professor Marcelo Papf.....	89
Figura 38- Alimentação Saudável, na qual as professoras conversam sobre nutrição e o que se tem nosso prato diariamente. Imagem da oficina: "O que você come?", que propiciou o conhecimento de novas frutas de forma bem lúdica e divertida.....	90
Figura 39- Início da oficina de Capoeira com o Professor Leandro Bicicleta	90
Figura 40- "Isso não foi legal, isso foi impressionante!", exclamaram Wesley e Luyd depois de assistirem a um vídeo de Parkour que a galera da Omnis Pro Parkour apresentou. Eles ficaram empolgadíssimos com a ideia de aprender a praticar a modalidade.....	91

Figura 41- Oficina de artes do Guilherme Júnior, as crianças aprenderam um pouco da arte africana baseada no Livro “A Lenda da Pemba”, da autora Márcia Regina da Silva. Com recortes e pinturas fizeram lindos vasos africanos!	91
Figura 42- Aula de reciclagem com a professora Priscila Aguiar	92
Figura 43- Retomada das atividades, após o recesso do ano de 2016, com os educadores da Casa	92
Figura 44- Retomada das atividades, após o recesso do ano de 2016, com os educadores da Casa	93
Figura 45- Depoimentos da mãe de duas alunas que participam do projeto	96
Figura 46- Alana, uma das alunas do projeto, desenhando-me ao lado dela e de sua irmã, a Analu	97
Figura 47- Chamada para o 2º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy, realizado entre os dias 12 e 15 de novembro	98
Figura 48- Logo do Curta VK contextualizado à temática do prêmio que nos possibilitou a segunda edição: Ações.....	100
Figura 49- Cartaz de divulgação dentro e fora da comunidade e nas grandes redes sociais .	100
Figura 50- Primeira incursão nas praças da Vila Kennedy para convidar os moradores a participarem das oficinas de produção e editoração de vídeos. Na foto, esquerda para a direita: Isabel Navega, Isabele Aguiar, Dudu Alves, Carol e Guilherme Junior	102
Figura 51- Divulgação dentro da comunidade	103
Figura 52- Divulgação dentro da comunidade	104
Figura 53- Matéria publicada no jornal Extra falando sobre o Curta VK	105
Figura 54- Oficinas com o produtor Jairo	106
Figura 55- Oficina com o produtor Jairo, que mostrou como manusear a câmera, tripé, deu noções de enquadramento e falou também sobre edição.....	106
Figura 56- Programação de exibição dos Curtas da mostra “Tema Livre” – 1º dia	107
Figura 57- Programação de exibição dos Curtas da mostra “Tema Livre” – 2º dia	107
Figura 58 - Programação de exibição dos Curtas finalistas das duas categorias —Tema Livre e “Eu Curto a Vila Kennedy” no último dia do evento	108
Figura 59- Abertura do Festival com a Seção Criança com os alunos da Escola Municipal Joana Angélica.....	109
Figura 60- O público e os debatedores depois da exibição da “Seção Negra”	111
Figura 61- Família, moradora da comunidade, indo participar da mostra competitiva	112

Figura 62- Plateia começando a chegar para o último dia de Festival	112
Figura 63- Anúnciação dos ganhadores das duas Mostras: “Tema livre” e “Eu curto a Vila” Kennedy.....	113
Figura 64 - Bino Cultura entregando o troféu e o prêmio, um “iphone 5C”, à diretora do curta-metragem “A Menina e a Árvore” da professora Jocélia Chagas	114
Figura 65- Depoimento da professora Jocélia, ganhadora da mostra competitiva —Eu curto a Vila Kennedy na página do Curta vk.....	115
Figura 66 - Coletivo Curta VK, da esquerda para a direita: Luana Dias, Isabele Aguiar, Débora Dantas, Guilherme Junior e Isabel Navega.....	116
Figura 67- Fotos, do Google, que ilustram a Vila Kennedy.....	118
Figura 68	127
Figura 69	127
Figura 70	128
Figura 71	128
Figura 72	129
Figura 73	129
Figura 74	130
Figura 75	130
Figura 76	131
Figura 77	131
Figura 78	132
Figura 79	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	61
Tabela 2	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
INFÂNCIAS: TECENDO A AFETIVIDADE COM A EDUCAÇÃO POPULAR	22
CURTA VK: O FESTIVAL COMUNITÁRIO DE CURTAS-METRAGENS DA VILA KENNEDY	41
CASA DE AYA	71
FESTIVAL DE CURTAS-METRAGENS DA VILA KENNEDY: MEMÓRIA SOCIAL E CONTINUIDADE	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
A VILA DOS MEUS OLHOS	127
REFERÊNCIAS	133

INTRODUÇÃO

“A vida que me ensinaram como uma vida normal:
 tinha trabalho, dinheiro, família, filhos e tal.
 Era tudo tão perfeito se tudo fosse só isso,
 mas isso é menos do que tudo,
 É menos do que eu preciso.

Agora, você vai embora,
 e eu não sei o que fazer,
 ninguém me explicou na escola,
 ninguém vai me responder...

Eu sei a hora do mundo inteiro,
 mas não sei quando parar,
 é tanto medo de sofrimento,
 que eu sofro só de pensar.

A quem eu devo perguntar, aonde eu vou procurar,
 um livro onde aprender a você não me deixar?

Educação Sentimental II, Kid Abelha¹

Na correlação de todos os caminhos que a educação popular respira em arte: as experiências de mundo dos indivíduos, o aprendizado deles na correspondência de suas humanidades e a revivescência do sentimento de esperança, prosperidade e afeto que cada ator social traz consigo, resplandecem as manifestações populares como práticas educativas que resgatam e valorizam as potencialidades dos sujeitos na qualidade de protagonistas de suas histórias, culturas, e, principalmente, como participantes ativos na construção do sentido que se faz, com múltiplas interdependências, na sociedade. Com intuito de dialogar com tais práticas, este trabalho versa sobre duas experiências da educação popular na Vila Kennedy, sub-bairro de Bangu, localizado na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro: o 1º e 2º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy, o Curta Vk e a Casa de Aya, acrescidas do olhar de professora popular, atividade que desempenho dentro e fora da redondeza. Duas iniciativas que, cada qual com sua representatividade e movimentação, lutam para que as moradas da cultura popular sejam sempre a porta de entrada para a valorização do saber que se faz e se cria, impreterivelmente, na relação dos indivíduos consigo, seus mundos, seus meios, seus

¹ ABELHA, Kid. **Educação Sentimental II**. In: Multishow Ao Vivo: Kid Abelha 30 anos. Rio de Janeiro: Universal Music, 2012.

contextos e, sobretudo, seus pares – a partir do conhecimento que é feito no povo, com e através dele, ou seja, por meio da relação mútua e plural que todo aprendizado estabelece.

Apresentar as duas iniciativas como proposta de estudo, sobretudo como tema de pesquisa para esta dissertação, justifica-se pelo desejo de dar visibilidade às vivências das pessoas que mostram como ultrapassam as fronteiras do conhecimento hegemônico, esse que durante um vasto processo histórico, social e cultural, determinou qual tipo de saber era, ou deveria ser, valorizado e até legitimado na sociedade como um todo. É mostrar, ademais, que na batalha pela vida, as gentes reinventam-se pela simples necessidade de sobrevivência cotidiana, mas também pela vontade ímpar de se estabelecerem como protagonistas de suas e de tantas outras histórias, mostrando-nos com seus movimentos astutos e audazes que é preciso viver, lutar e, sobretudo, resistir aos condicionantes que lhes são duramente impostos dia após dia.

Sendo assim, a abrangência das duas iniciativas vai além das projeções no momento das realizações, e do prestígio de seu exercício no desenvolvimento dentro da comunidade, dentro da Vila da Kennedy, pois, a partir delas, podemos pensar no desafio de se estudar movimentos como o Curta VK e a Casa de Aya frente o cenário da educação popular no Brasil contemporâneo. Podemos, ademais, entender como se dão como práticas sociais para aqueles que a fazem e para o público também, as práticas livres, cheias de sentido, integradas às descobertas, às memórias coletivas, às possibilidades de reinvenção na busca por alternativas – àquelas cuja normalidade da história e da vida, em seu fazer cotidiano, não estão acostumadas a contemplar por diversas razões, incluindo as que, muita das vezes, citando Brandão (2009, p.9): “fundamenta o discurso do poder da ordem, ou da ordem do poder estabelecido sobre princípios de desigualdade, restrição da liberdade, exclusão social, discriminação de pessoas e de grupos humanos e inculcamento de saber e de valores entre culturas”.

E é por elas – práticas e alternativas – que sugerimos a integração da educação popular, como possibilidade educativa, aos espaços cuja troca de experiências dá-se coletivamente – incluindo os que se encontram nos ambientes formais de ensino, como as escolas públicas da região e das grandes redes públicas de ensino. Mesmo sabendo que a educação popular figura como um campo isolado da educação, o que faz este trabalho justificar-se, veremos então, ao longo desta pesquisa e por intermédio das duas práticas apresentadas, como suas atuações nas classes populares tem permitido importantes reflexões a cerca das propostas contemporâneas da educação em diversos espaços. Podemos dizer, ainda,

que não se trata tão somente de reflexões, mas posicionamentos inquietantes e fundamentais para o maior desejo de moradores dessas localidades: uma vida melhor, digna, em que as vivências e as oportunidades sejam presentes em todos os âmbitos de seu existir.

Pensando na vida desses/nesses lugares populares, nos quais figuramos socialmente enquanto atores, suscitamos, então, o paralelismo entre a expressividade da vida em torno da educação popular e seu trânsito permanente, cotidiano, de troca e representação em que a mobilização conjunta faz-se alicerce para a superação das desigualdades (MARX e ENGELS; 2012). Vamos ver, ainda, que essas práticas e alternativas são também educação em seu diálogo com questionamentos efervescentes da atualidade, o quê nos permite, inclusive, vislumbrar a importância da temática da educação popular não só para as classes populares, mas para os meios em que esses personagens participam com representatividade, o que nos motiva a refletir a respeito de seus posicionamentos no tocante às questões perenes ao dia a dia, e entender, com isso, como reagem e se expressam diante das situações que lhes cercam e lhes confrontam amiúde.

A hipótese desse argumento, de se ocupar do Curta e da Casa como forma a compreender a dinâmica, o valor e o alcance da educação popular na educação, é a de entender como se fortalecem, cultural, social e politicamente, os habitantes do lugar na tessitura das suas vidas, permitindo-nos conceber que esse saber construído na relação com seu meio é de fundamental importância para a concepção geral de educação. Ainda nesse viés, encontraremos no Curta VK e na Casa um pólo de atração que mobiliza os habitantes da comunidade, pois os lugares, que passam por um processo de democratização popular intenso como a Vila Kennedy, ganham total vigor por se tornarem atrativos na mobilização de recursos, redes e laços: conforme nos aconteceu com a Casa de Aya na seleção do edital Rio450 da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2014.

Aproximando-nos, então, das experiências do Curta e da Casa tentaremos analisar os paradigmas da educação popular, para além do ensino informal, nas esferas da Vila Kennedy, acreditando na potencialidade da cultura que os envolvidos produzem, transcendendo ao conhecimento que emergem, podendo, como já brevemente mencionamos aqui, ser apropriados nos outros espaços de composição da educação popular como, por exemplo, o espaço formal de ensino, o escolar. E através, então, dos processos construtivos, das relações com os apreciadores através da composição individual dos dois projetos, das apresentações, da trajetória e da recepção das atividades “como trabalho político de luta pelas transformações sociais, como emancipação dos sujeitos, democratização e justiça social” (ASSUMPÇÃO;

BRANDÃO, 2009, p.12), verificaremos como é possível ensino formal e informal, integrarem-se em redes por um mesmo objetivo: pensar os indivíduos, seus sonhos e experiências, no âmbito da educação popular e das inúmeras aprendizagens que ela pode fomentar.

Contudo, é importante corroborar que este trabalho não tem a pretensão de narrar as histórias populares dos moradores da Vila de forma isolada, ou até mesmo defini-las, ou justificá-las diante do contexto no qual estão inseridos. Nosso trabalho, assim como todo seu emaranhado, visa resgatar as potencialidades dos indivíduos, nas suas práticas diárias, na relação que fazem com os conhecimentos sociais que lhes são apresentados nas movimentações de seus cotidianos, pois compreendemos que “somente com suas narrativas das memórias coletivas e individuais, em suas contradições e divergências, pode-se praticar os modos necessários para se conhecer as formas de viver do homem e da mulher contemporâneos e as maneiras como usam, astutamente, aquilo que é colocado no mercado para consumo” (ALVES, 2003, p. 73).

Nosso estudo será pautado, então, nas movimentações populares das gentes que, em arte, se reinventam para manutenção de suas vidas. As composições dos relatos, as experiências fílmicas, as narrativas que nos indicam o caminho a ser percorrido ao longo desse projeto de vida, ajudam-nos a compreender como elas são, se não o próprio trabalho, a parte em que mais se busca valorizar dentro dessa pesquisa cujo amor pelo outro, pelas coisas e causas do outro, é o ponto de partida para a compreensão do imaginário social dos sujeitos sociais ativos, conscientes de seus papéis políticos e culturais na sociedade. Somos mais do que o mistério da vida envolto às esferas das grandes classes populares – lutando por sobrevivência, somos o esclarecimento no trânsito diário de seus moradores, por isso da importância de se contemplar os toques, os gestos e a capacidade que eles têm de ir além de seus condicionamentos e, sobretudo, de, com isso, criar poesia e arte diante de tamanha segregação social.

Vinicius de Moraes, poeta recorrente neste estudo pela sensibilidade diante das questões populares como forma de recusar “à poesia não vivida” (Moraes, 2008: p.), caminhará ao nosso lado em muitas das incansáveis e itinerantes andanças dessa pesquisa que, através da “faculdade incoercível de sonhar, de transfigurar a realidade, dentro dessa incapacidade de aceitá-la tal como é” (Ibidem, 2008), luta para que as condições dos sujeitos sociais sejam reavaliadas e contempladas no cenário político de seus contextos. Exemplifico esse entendimento, dialogando, primeiramente, com as minhas experiências pessoais que,

como parte também desse contexto no qual delimito, me ensinou a pensar a partir da realidade que se apresentava frente aos meus olhos infantis de criança popular cheios de sonhos, brilhos, prospecções, desejos e, sobretudo, esperanças no amanhã dos que são impossibilitados de viver o hoje.

Como base teórica e metodológica serão utilizados os pressupostos de autores que, junto da causa popular, entendem que é preciso pensar a educação partindo das experiências do povo – incluindo os que dessa nomenclatura fazem uso com frequência em seus textos com o objetivo de tracejar o que a imensidão dessa palavra quer mostrar-nos, a exemplo, trazemos as obras de Carlos Brandão. Com Certeau (2012), em “A Invenção do Cotidiano”, vemos o cotidiano desmistificar-se por meio das apropriações do dia a dia que são reinventadas, de forma não pragmática, por seus usuários à medida que se deparam com situações que lhes cercam a vida, seus espaços geográficos, sociais e culturais. Defrontar-se com estas reinvenções é, conforme menciona o próprio autor, deslocar a atenção do consumo dos bens às operações sociais, e contextuais, que os sujeitos realizam quando se apropriam, astutamente, dos produtos que lhes são destinados, exemplificando, em práticas, essas recriações e apropriações anônimas, que nascem do inusitado, do inesperado.

Elas modificam, inclusive, as representações imediatas do objeto até então criado para consumo passivo e lhe atribuem novas incorporações ou táticas de uso; o que abre espaço para novos cenários, novas linguagens e expressões artísticas, ademais de exteriorizar os desejos, anseios, questionamentos, indagações de seus recriadores e praticantes enquanto atores sociais de sua e de outras histórias. As atividades lúdicas e visuais, entendidas a partir do cotidiano, também transitam nessa esfera de interpretação. Elas podem nos ajudar a entender como tais práticas/táticas figuraram significativamente em cada operador e em determinados espaços, independente de quais sejam eles: escolas, praças, calçadas de ruas, residências, e, ainda mais, como mantêm conexões variáveis entre os praticantes consigo, entre eles em conjunto, com o seu meio e mundo.

Ainda na consideração da valorização do sujeito e da legitimidade da educação popular nos ambientes formais de ensino, Paulo Freire, outro autor bastante utilizado neste trabalho e pelo qual nos baseamos com profundo entusiasmo para retratar as questões relacionadas às compreensões do povo, proferia que a formação do sujeito, como cidadão, só se efetiva quando as práticas educativas valorizam sua espontânea participação na sociedade, independente de como ela venha a ocorrer e que, para isso, se deve considerar, impreterivelmente, as diversas condições que o relacionam ao seu ambiente físico, social,

histórico e cultural, já que o homem “é um ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é.” (FREIRE, 1967: p. 39).

Falar de educação Popular para Freire, um dos nossos maiores educadores e mestres na arte de pensar as pessoas, com elas e a partir delas, e frente a tantos outros educadores enlaçados nesta temática – abrangendo o grande Miguel Arroyo – é falar dos atores sociais e da diversidade dos papéis que eles desempenham em sua comunidade e em suas escolas paralelamente, assinalando, para isso, aspectos variados na construção democrática da sociedade. E, mais ainda, é compreender que a participação ampla de todos os envolvidos rejeita a submissão, a propagação de uma educação bancária, reprodutiva e determinista (Idem, 1967).

Para chegar a essas fundamentações – teóricas, acadêmicas e populares – e, delas fazer usos diversos na pesquisa, participei do 1º e no 2º Festivais de Curtas-metragens da Vila Kennedy como produtora do evento e integrante do Coletivo Curta VK e, também, das intervenções no Espaço de Cultura Casa de Aya, ambos realizados e localizados na Vila Kennedy, uma das maiores comunidades populares da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Lá, nas relações com meus pares, com as crianças, jovens e adultos que integram os dois espaços, pude conversar abertamente sobre questões que aqui trago e que, no cotidiano de suas origens e vidas, estão sempre presentes. Pude, mais ainda, perceber que na troca entre eles, eu me afirmava ainda mais como educadora e cientista popular e que, por isso mesmo, precisava devolver-lhes, o quanto antes, essa experiência inédita, sem imposição e rótulos, que se fazia através das experiências relaxadas que cruzaram, e seguem cruzando, o meu itinerante caminhar nos dois espaços. O retorno está aqui, na pesquisa e na poesia me deram compartilhando suas vidas em forma de arte, arte de viver intensamente seus obstáculos e suas delícias.

Para melhor compreendermos como os movimentos sociais – e a correspondência entre a educação popular que figura nesta pesquisa – o presente trabalho apresentar-se-á, no primeiro capítulo, pela minha experiência infantil de desbravar o mundo através das possibilidades que ser criança, dentro de um contexto integralmente popular, nos dá: aproximando-me afetivamente do tema, das vertentes, diálogos, projeções, problematizações, questionamentos e, principalmente, da analogia entre as práticas que envolvem a educação popular e a composição da vida humana. Seguidamente, através do trânsito pela história da Vila Kennedy, que se deu quando os moradores ainda viviam no espaço onde, hoje, encontra-

se a Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, a Favela do Esqueleto – aqui, antes mesmo da apresentação dos dois projetos, encontraremos o início da composição social, cultural e política da Vila, sendo construída antes mesmo de ela nascer e despontar para o mundo, ao redor do bairro de Bangu – sua atual morada – localizado no entorno da Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro desde 1964.

Posterior à apresentação da Vila, já no segundo capítulo, conheceremos o 1º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy, o Curta VK, que contou, para a sua construção, com a parceria de várias iniciativas particulares na primeira edição, a exemplo do Viva Favela, e que foi realizado com o apoio financeiro do Governo do Estado do Rio de Janeiro, através do edital de Microprojetos da secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro, no Teatro Mário Lago, em março de 2012. Ainda falando sobre a experiência exitosa do 1º Festival, mencionaremos as circunstâncias que culminaram na pequena mostra produzida em comemoração ao primeiro aniversário do Curta, em março de 2013, cujo apoio, desta vez, foi de estabelecimentos locais – pois não logramos conseguir qualquer tipo de incentivo financeiro governamental como no ano anterior, por isso de sua mostra e não a continuidade do 2º Festival.

No terceiro capítulo, sequenciando o campo da investigação no tocante às práticas populares, vamos encontrar o nascimento da Casa de Aya: as atividades como um movimento de criação e recriação da vida dos participantes, do cotidiano de suas criações anônimas que transcendem a toda expectativa de flagelo e inferioridade às demais classes sociais. Veremos, ainda, que foi por intermédio do 1º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy e, crucialmente, pelo desejo de se possibilitar um trabalho contínuo e permanente com os moradores da localidade, os mesmos que lotaram as seções do Festival, que a Casa surgiu. No primeiro momento, para a execução da gama de atividades que conseguimos levar para Aya, nós contamos com a boa vontade dos envolvidos – mais uma forma de mostrar como a educação feita pelo povo e com ele fala mais alto quando se tem um pensamento coletivo e comunitário. Atualmente, a nossa Casa é financiada pelo Prêmio de Ações Locais RIO450, e passou, assim como o Curta, pelo processo de seleção para a obtenção da verba que, no momento, nos ajuda na promoção e manutenção das atividades educativas como cinema, atividades circenses, conscientização alimentar e artísticas de forma geral.

Já no quarto capítulo, apresentamos as esferas do 2º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy que foi realizado em 2015, três anos após a primeira edição e dois após a mostra. Para retomarmos o desejo inicial de, a cada ano, conseguirmos realizar o festival de

curtas-metragens na Vila com o propósito de permitir que os indivíduos, sujeitos de suas construções políticas, sintam-se parte integrante da produção do festival e da emergência do saber de suas vidas, conseguimos, nesse ano, o apoio financeiro da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, por meio da submissão do nosso projeto ao edital intitulado como Prêmio de Ações Locais RIO450 – seleção comemorativa ao aniversário da cidade e voltada para o financiamento de projetos cujas atividades estejam relacionadas com movimentações artísticas e culturais dentro das grandes comunidades populares do Rio de Janeiro.

Por fim, vamos nos deparar com a conclusão do que se buscou suscitar na relação entre movimentos sociais com a educação popular: para além das fronteiras existentes no campo da educação em sua totalidade. Com a vontade de mostrar o que há na vida das pessoas e dos seus lugares transeuntes, a pesquisa, então, apresenta a reflexão sobre como a educação das grandes massas, vivida por sua própria gente no processo de elaboração e construção das práticas educativas, pode ser integrada ao universo escolar, melhor, não ser dissociada dele, por ser parte integrante dos indivíduos nos diversos contextos que atuam socialmente. Mais ainda, como os profissionais do ensino formal, a exemplo dos populares que estão presentes na Casa de Aya, nas oficinas voltadas às crianças e aos jovens, podem usar-se das experiências como as nossas na construção de um caminho educacional palpável, sem propagação das injustiças sociais, cujas práticas tenham relevância para todos os que circundam o ambiente escolar – tão descrente frente às reproduções falidas de educação. E que, diante da consideração de seus atores no processo de educação formal, resgatem e valorizem as relações dos sujeitos sociais consigo, com seus meios, seus mundos, com suas experiências, histórias e culturas na e para a construção do sentido – este que se faz livre e comunitariamente na sociedade por intermédio, também, das práticas informais de ensino. (CORSARO, 2011; PIMENTA, 2014).

1 INFÂNCIAS: TECENDO A AFETIVIDADE COM A EDUCAÇÃO POPULAR

“Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração. Toda vez que o adulto balança, ele vem pra me dar a mão. Há um passado, no meu presente, um sol bem quente lá no meu quintal, toda vez que a bruxa me assombra, o menino me dá a mão. E me fala de coisas bonitas que eu acredito que não deixarão de existir: amizade, caráter, bondade, alegria e amor...”

Fernando Brant; Milton Nascimento, Bola de Gude²

É tão bom reviver todas as experiências que, em arte, a vida me trouxe até aqui e recordá-las, assim, de forma desinibida e leve, desperta, em mim, uma série de sentimentos adormecidos nas peripécias de minha infância. Embora possa aparentar diferente nessa breve narrativa de minha fala, quando criança, vivíamos – eu, meus pais e meus sonhos – uma vida muito singela nos arredores de uma grande comunidade popular da Cidade do Rio de Janeiro. Não possuíamos bens materiais, assim como também, por conta da demarcação geográfica na qual nos encontrávamos, não usufruíamos de meios diversificados de acesso à informação e ao lazer organizado: individual e/ou coletivo. Ainda, assim, éramos muito felizes e isso eu me lembro bem.

Foi na minha infância que experimentei as primeiras sensações Freireanas, sem eu nem imaginar quem era Paulo Freire – diga-se de passagem; sensações de compor o mundo, estar nele e, simultaneamente, com ele. Na minha infância também pude perceber o poder da palavra “afeto” sinônimo da palavra “amor” que, partilhada nas redes vitais que construía e, estampada no rosto de cada amiguinho, dava sentido ao meu incipiente existir. Ser a criança que eu era, que imaginei ser, que fiz e quis, autenticamente, ser – quando criança – e a que ainda sou até hoje. Seria triste e inimaginável a minha vida se soubesse que a criança que me escolheu para viver, antes mesmo de eu ter desabrochado em cores para o mundo, tivesse, por um sopro sequer de consciência, adormecido quando comecei a entenderas novas fases infantis que se iam afluando, pouco a pouco, em mim, nas minhas futuras experiências. Moacyr (1996) Scliar diz-nos, na crônica “Cartas de Amor”, que a fantasia é “o melhor lugar para as grandes histórias de amor”, e é nela que a minha história itinerante ocupa seu permanente lugar, que não só reside, mas nasce, cresce, e torna nascer fugazmente por tamanho esplendor, exuberância e contentamento.

² BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. **Bola de Meia, Bola de Gude**. In: Último trem. Belo Horizonte: Nascimento, 2002.

A minha vida de menina era simples. A de menina criativa, ou serelepe como minha bisavó me chamava, mas cabe lembrar que durante anos, minha bisavó atribuiu esse adjetivo às minhas inquietudes infantis sem que eu, ao menos, soubesse o seu efetivo significado. Na época, ria despreocupada sem me prender ao que ela queria tanto dizer, e dava ainda mais gargalhada, nas minhas cirandas, quando ela proferia outras tantas como, por exemplo, “autêntica”, “arteira”, “danada” e “inquieta”. Com a sua ausência, transformada em “nuvenzinha lá no céu”, comecei a entender o que ela queria me dizer – e disse – quando me chamava por todas elas e que, curiosamente ou não, o sentido de cada uma faz-se morada nos diversos espaços sociais nos quais, na atualidade, transito.

Remoto toda essa alegria à minha infância, porque, graças às adversidades que se apresentavam cotidianamente diante dos meus olhos, eu pude compreender que reinventá-las, segundo Certeau (2012), tratava-se de um processo contínuo e sem-fim da minha existência e condição humana. Como mencionei, a limitação financeira era um aspecto bem recorrente na minha casa e ela nos impediu de usufruir de bens materiais necessários e mínimos a manutenção da vida de qualquer indivíduo. Quando a gente é criança, guiando-nos agora pelas considerações do Estatuto da Criança e do Adolescente no tocante à faixa etária, a gente não entende muito bem como isso pode interferir negativamente nas nossas movimentações diárias. Por exemplo, eu não tinha consciência de que saneamento básico, saúde e educação eram aspectos importantíssimos à subsistência digna de qualquer cidadão.

Para a minha felicidade, a restrição financeira só nos impediu de ter um acesso mais privilegiado aos serviços sociais relatados acima, principalmente porque, além de residirmos em uma grande comunidade popular da área urbana do Rio de Janeiro, onde tudo é escasso, precário e restrito em boa parte das vezes, éramos pobres (não infelizes), meu pai desempregou e minha mãe adoeceu, o que tornou a luta pela vida uma disputa ainda mais legítima e acirrada. Não cheguei a passar fome, no entanto vivi momentos de muita dificuldade e, graças eles, lhes apresento as minhas sagas infantis que – aliadas à imaginação de Scliar como morada de grandes histórias e sob a mirada de Certeau no que tange as formas como eu individualizava as minhas experiências, reinventando-as de acordo com as minhas possibilidades e necessidades – foram os primeiros momentos pelos quais a educação popular fez um ninho em meu viver.

Um de muitos episódios me vem à memória com bastante regularidade. Quando meu pai perdeu o emprego, de imediato, precisei mudar de escola. Estudava em um colégio particular dentro da Vila Kennedy, e minha mãe teve de me matricular em uma das escolas

públicas da localidade. Claro que chorei muito, claro que me entristeci, mas claro que fiquei contente também pelo fato de ser presenteada com novos amigos. Nesse momento, a mudança de escola não me gerou grandes consternações, mesmo porque a dificuldade não estava no câmbio, mas, como a própria justificativa da mudança, na escassez dos bens que precisava: caneta, lápis, caderno, ou seja, os utensílios de uso diário para minha existência naquele espaço. Foi a partir daí que minhas movimentações artísticas, ou a vida em arte como disse no início, começaram a fluir.

Na canção “A Letra A”³, o cantor Nando Reis canta um trecho bem propício a ocasião, ele diz assim “o que a gente não sabe, inventa, a gente só não inventa a dor...”. E era como eu me sentia e me via naquele período de novas experimentações: inventando quando não sabia e tudo ao meu redor. Enquanto alguns colegas surgiam com seus materiais, em classe, despontando com aquele cheirinho de recém-nascidos, eu estava recriando os que me sobravam dos anos anteriores - hoje até tenho um pensamento particularizado sobre isso, que a escola estimula demasiadamente não só o consumo, mas também a falta de consciência ambiental dos alunos e responsáveis quando, em um espaço de 365 dias, solicita novos materiais se o papel, por exemplo, tarda de três a vários anos para se decompor.

As minhas criações eram tão cultuadas pelos meus colegas que eles queriam, em algumas vezes, a troca dos nossos materiais: eu me apossaria dos deles e eles dos meus. Era inacreditável. Ficava lisonjeada e isso, evidente, me fazia por vezes esquecer a impossibilidade da aquisição avassaladora de cada ano. Com isso, fui entendendo o poder que eu exercia nas minhas escolhas e, igualmente, reconhecendo a autenticidade que minha bisa tanto dizia das minhas atitudes perante as distintas situações cotidianas que me eram presenteadas a cada instante.

Por anos prossegui agindo e reagindo artisticamente diante dos contratemplos. Tentava ser fugaz a cada sopro de existência. Lembro, com isso, de outra situação em que a educação popular, por um impulso de sobrevivência, abrilhantou meus pensamentos e olhares. Meus vizinhos tinham brinquedos que eu não tinha e nem poderia ter pela justificativa já evidenciada aqui. E um deles era o meu sonho de consumo: os patins. Eu andava com os de todos e sabia manuseá-los como ninguém, mas até do que os próprios donos. Eu os cobiça tanto que, um dia, estudando no chão de casa (outra forma à moda Certeau de reocupação dos espaços), ouvi um anúncio na rádio dizendo sobre o sorteio de vários produtos e, para tanto,

³ REIS, Nando. **A Letra A**. In: Luau MTV - Nando Reis e os Infernais. Rio de Janeiro: Universal, 2006.

eu deveria ligar nos horários em que as promoções eram anunciadas para concorrer ao que chamavam de “prêmio da hora”. Se vivíamos em épocas austeras, telefone não seria um dos bens elementares a ser adquirido por nós na época, logo, não conseguiria competir com outros que desejariam ganhar as condecorações da rádio pelos meios exigidos. Não desanimei, e resolvi adaptar o pedido da emissora ao modo verossímil da minha realidade: redigi uma carta.

Nela, escrevi um pouco da minha vida: onde estudava, minha idade, minhas condições sociais, meu desejo e o porquê de estar escrevendo uma carta ao invés de telefonar. Remeti o envelope sem garantia de seu recebimento no endereço do destinatário. Na certeza de que tudo funcionaria conforme meus anseios, quando não estava estudando, estava ouvindo, confiante, a rádio e seguia os dias na esperança de que, em algum ocasião da programação, lembrariam de mim. Já sabia as canções que tocavam, os radialistas em toques, truques e gestos, a hora dos sorteios, as propagandas, entre outras coisas. A cada hora em que um prêmio era anunciado, eu me entusiasmava, mas perdia o mesmo entusiasmo sempre que não era o meu nome o anunciado. Até que um dia, fui surpreendida ao ouvir o locutor me chamar pelo nome com tanto júbilo. Quase morri, gritei minha mãe, pedi atenção, mas, para o meu pesar, o anúncio não correspondia ao que tanto esperava, o locutor informou que o prêmio que seguiria a meu destino era um liquidificador. Entristeci-me, porque pensei: “o que vou fazer com um liquidificador?”. Fomos buscá-lo na sede da rádio e, para a minha surpresa, o entregador me informou que, ao lado do meu nome, constava que o prêmio ganhado era os patins. Não contive a minha a minha felicidade e, pela segunda memorável vez, vi e senti meu destino ser reconfigurado por meio da minha inquietação na sociedade.

Dali por diante, entendi que a cada gesto articulado de esperança se converteria no meu mais novo companheiro na luta pela legitimidade do meu viver. E todas as movimentações vindouras, a partir de então, estiveram sempre ligadas à minha abertura à essência dos “chamamentos”, como Paulo Freire (2011c) muito bem menciona com total boniteza e profundidade. Continuei, então, no viés artístico como forma não só de saída aos obstáculos que me eram, cotidianamente, apresentados, mas como também a maneira pela qual eu começaria a me posicionar frente às minhas conscientes e pungentes escolhas.

Essas experiências repousam amorosamente dentro de mim, como a criança que me escolheu para eternizar suas tantas fabulosas histórias. Elas me fizeram ver que a dureza das adversidades existe para que possamos, enquanto atores sociais, ir além delas da forma mais autêntica que julgarmos necessária. E ser a criança que fui, como fui, e como continuo sendo,

abriu-me os olhos para as coisas singelas da vida nas quais hoje me conecto com uma especial e forte emoção – tal qual como surgem as criações verdadeiramente geniais da educação popular: com suas estéticas despojadas, relaxadas, que vão de encontro com a alegria e contemplação de também ser e fazer-se criança em seu eterno assombramento, com que sacode o mundo.

Revivendo a minha infância e todas as suas vitais artimanhas, vejo que ela traz à tona o momento pelo qual a minha relação com a educação popular estabeleceu-se pelas muitas de suas primeiras vezes, e, por isso, eu as trouxe aqui, principiando as entrelinhas do meu projeto de pesquisa, melhor, do meu projeto de vida e sobre a vida das pessoas em um ininterrupto e dinâmico movimento de resistência e também de liberdade, aquela que, por ser negada, nos desafia a lutar por ela (FREIRE, 2014). Como moradora de uma grande comunidade popular, lugar “onde a natureza dá o modelo do mais fantástico capricho de curvas”, parafraseando Manuel Bandeira (2008, p.36) nos relatos feitos por ele sobre a Bahia na crônica de igual nome, fui percebendo, no desenrolar de minhas experiências, que a sintonia com os demais habitantes da região aumentava mais do que eu poderia imaginar, justamente, pela combinação forte, rica, simples, e até acanhada, das nossas projeções que eram encorajadas pelo desejo de se construir um mundo menos injusto que cedesse lugar a outro mais humano (FREIRE, 2011c).

As duas lembranças acima, que me aproximam da educação popular, me fizeram pensar, sincronicamente, na minha trajetória enquanto herança histórico-social das experiências da Vila, tão aguerridas, difíceis e dóceis como as que vivi quando criança. Quando comecei a lembrar das vivências infantis de minha vida, não deixei de pensar, igualmente, nas vivências infantis da Vila Kennedy e nas muitas histórias de resistências, lutas e rupturas que marcaram o seu nascimento desde que ela aflorou para o mundo, e eu também por fazer parte dessa história, desse nascimento, e, igualmente, desse aflorar. Todas às vezes que revisitava o paralelismo entre as nossas infâncias, sentia não só a vontade de mudança, mas também as dores daquelas pessoas que há alguns anos atrás foram ludibriadas por propósitos tão individualistas dentro da sociedade. Sempre que passava em frente a UERJ – localidade onde a Vila foi gerada até os anos 60 sob o codinome de Favela do Esqueleto – no período em que escrevia sobre os nossos nascimentos que culminaram no descobrimento da educação popular em nós, a revolta me revestia a carne e me fazia pensar em como teria sido para mim, e para os meus amigos moradores da nova Favela do Esqueleto, ter permanecido vivendo lá: se os acessos e oportunidades seriam maiores e menos traumáticos,

ou simplesmente mais acessíveis, enfim, a cabeça girava em movimentos ininterruptos diante dessas perguntas cujas respostas já conhecemos de longa data.

Em um desses trânsitos por lá – por meio da fluidez da via automobilística e das muitas miradas que dei, e continuo dando, para tentar encontrar em qual daqueles arranha-céus, acinzentados que a UERJ tem, era o tão igualmente cinza e descaracterizado Esqueleto, pois a estrutura física, na qual o amontoado de gente construía sua morada no desejo de um mundo mais palpável e ilusoriamente habitável, não foi implodida – ouvi no som do carro, no momento, a canção a seguir: forte e curiosamente bem pertinente a este momento do discurso. Ao escutá-la, achei fascinante diante da proximidade dos fatos e da dificuldade em seguir revivendo tantos episódios que culminaram no despontamento da Vila. Entendi, no entanto, que narrar a criação da vila a partir da música versada serviria de combustível para a composição dessa nova jornada que se inicia aqui: na comunhão entre a minha infância e as tessituras do Esqueleto que veio a dar na atual Vila Kennedy.

Se eu pudesse, eu dava um toque em meu destino
 Não seria um peregrino nesse imenso mundo cão
 E nem o bom menino, que vendeu limão
 E trabalhou na feira pra comprar seu pão
 Não aprendia as maldades que essa vida tem,
 Mataria a minha fome sem ter que roubar ninguém,
 Juro que eu não conhecia a famosa Funabem,
 Onde foi a minha morada desde os tempos de neném,
 É ruim acordar de madrugada pra vender bala no trem

Se eu pudesse, eu tocava em meu destino
 Hoje eu seria alguém,
 É ruim acordar de madrugada, pra vender bala no trem
 Se eu pudesse, eu tocava em meu destino
 Hoje eu seria alguém

Seria eu um intelectual,
 Mas como não tive chance de ter estudado em colégio legal,
 Muitos me chamam pivete,
 Mas poucos me deram um apoio moral,
 Se eu pudesse, eu não seria um problema social
 Problema Social, Seu Jorge⁴

Ademais, entendi, no diálogo com a canção, que a universidade e seus muros foram levantados não só a partir da história daqueles moradores, através dela ou graças a ela, mas pela negação e impossibilidade deles de construírem um espaço em que suas estâncias não representassem tão somente símbolo de desordem, de antagonismo às belezas naturais da cidade, e que muito menos pudessem contribuir para o entendimento de que ali, resistindo à

⁴JORGE, SEU. **Problema social**. In: Ana & Jorge – Ao Vivo. São Paulo: Sony Music, 2005.

vida, aos condicionantes e aquele ambiente, seriam vistos como um problema social. Ou até como um fenômeno que, diante das “novas realidades, são, ao mesmo tempo, causa e consequência de uma multiplicação de possibilidades, potenciais ou concretizadas, cuja multiplicidade de arranjos é fator de complexidade e de diferenciação crescentes” (SANTOS, 2014, p. 25).

Figura 1 – Manifestação dos moradores do Esqueleto contra a remoção



Fonte: <http://www.ahistoriaqueeuconto.com.br/vila-alianca/>

As miradas à faixa da UERJ: Esqueleto ontem e hoje; as vivências na Vila; a nossa meninice; o apelo contido na letra e evidente no ser personificado como um problema social; contribuíram para que a ira de outrora desse lugar a reflexão que impulsionou, desde sempre, este trabalho, o Curta, a Casa. Dentro de nós, queríamos que a Vila Kennedy fosse pensada por suas bonitezas humanas, que se encontram na luta por ressignificações diárias, secretas, conectadas à vida da população, deixando de ser um “espaço preponderantemente fabricante de memórias repetitivas, para ser um espaço comunicante e, portanto, criador” (FREIRE, 2011b, p. 46). Eis que diante deste viés, apresento-lhes a Vila Kennedy localizada no entorno do bairro de Bangu, na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro.

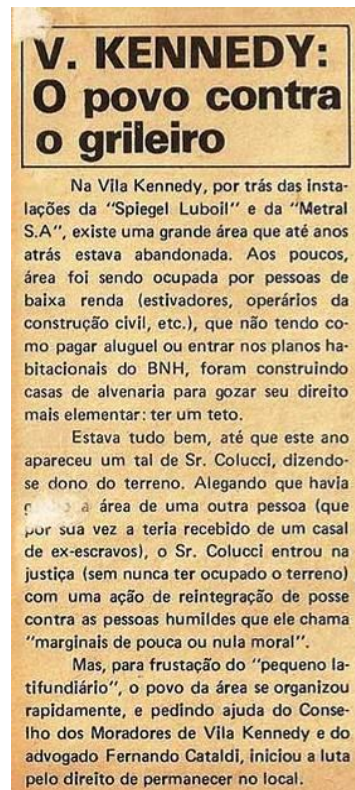
Figura 2- Mapa de localização da Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro



Fonte: <http://www.encontrariodejaneiro.com.br/zona-oeste-rj/mapa-da-zona-oeste-do-rio-de-janeiro.html>

Para o mundo, a Vila surgiu no ano de 1964 representando um dos primeiros conjuntos habitacionais construídos na América Latina. Junto dela, temos ainda a história da Vila Aliança e a da Cidade de Deus, conjuntos habitacionais projetados e erguidos no mesmo período e processo histórico e, igualmente, localizados no município do Rio de Janeiro. A sua idealização, assim como o das duas localidades mencionadas, objetivou-se na realocação da população que vivia nas comunidades populares surgidas às margens dos bairros centrais da cidade do Rio de Janeiro, pois, à época, semelhante ao que passava com outros países do nosso continente, “os processos de industrialização-urbanização alteraram aspectos relevantes do quadro de relações de classes” (BRANDÃO; ASSUMPÇÃO, 2009, p. 12).

Figura 3 – Matéria noticiando que o espaço, que deu origem à Vila, pertencia um proprietário de terras que nos denominou como “marginais de pouca ou nula moral”; reafirmando o pensamento excludente que até aqui estamos evidenciando.



Fonte: <http://www.ahistoriaqueeuconto.com.br/vila-alianca/>

O Governador do então Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, utilizou-se do argumento de que se precisava construir bairros proletários cuja intenção era a de acabar com o crescente processo de desorganização urbana que se propagava e que se fazia diante da impossibilidade dos moradores de viverem, dignamente, próximos às zonas centrais da capital carioca, localidades pelas quais se encontravam os principais centros urbanos. Temos como maiores exemplos o Morro do Pasmado, localizado no bairro de Botafogo; a Favela Maria Angu, no Bairro de Ramos; e a Favela do Esqueleto, localizada no bairro do Maracanã, e onde, após a demolição dos cortiços e barracos criados pela invasão do prédio abandonado que seria o Hospital das Clínicas da Universidade do Brasil⁵, ergueu-se a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a UERJ.

⁵ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/moradora-mais-antiga-de-vila-kennedy-conta-como-foi-chegar-comunidade-ha-50-anos-11863687>

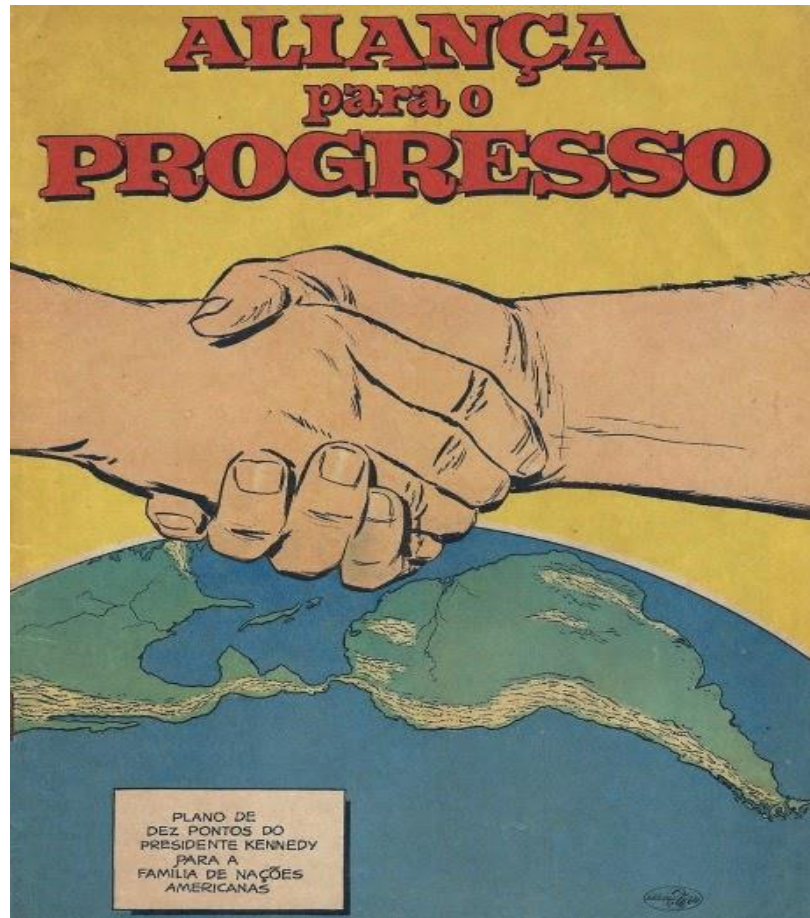
Figura 4- Moradores do Morro do Pasmado, em Botafogo, deixando suas casas.



Fonte: <http://www.ahistoriaqueeuconto.com.br/trajetoria/>

A verba para a sua construção, destinada ao então plano de desocupação da massa popular, contou com recursos disponibilizados pelo Governo Federal e do financiamento estratégico do governo dos Estados Unidos através do projeto “Aliança para o Progresso”, idealizado pelo presidente John F. Kennedy no período de seu mandato frente à liderança do país. O plano de Kennedy tinha como meta ilusória estimular o desenvolvimento social e econômico dos países latino-americanos, pois o que pretendia mesmo era inibir o avanço do sistema socialista e regime comunista nesses mesmos países, diferentemente do que acontecia exacerbadamente em Cuba – com a revolução que já se instaurava nesse território pelo líder Fidel Castro (ALLAGIO, 2006).

Figura 5 - Slogan do projeto “Aliança para o progresso”



Fonte: <http://kenedydevilakennedy.blogspot.com.br/>

O Brasil, então, o maior daqueles países da figura acima: em potência e território, um dos representantes da América Latina, alia-se ao projeto estadunidense de retração populista e, assim como os demais países da região, com exceção de Cuba, associa-se à Aliança: seus ideários e objetivos. Cabe ressaltar que não nos deteremos aqui em apontar as medidas para o desenvolvimento do projeto, nem tampouco quais foram as muitas preconizadas pelos nossos governantes. Mencionar o projeto “Aliança para o Progresso” faz-se necessário diante do contexto de construção e ocupação da Vila Kennedy que, para legitimar o programa e fazer uma homenagem póstuma ao presidente – que viria à inauguração, mas foi assassinado um ano antes quando circulava no automóvel presidencial na Praça Dealey – acabou ganhando o seu nome.

Figura 6 -As primeiras casas construídas para habitação na Vila Kennedy, lugar que, até então, era considerado um terreno baldio.



Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/03/foi-noticia-em-1965-governo-removia-moradores-de-favelas-do-rio.html>

No momento em que a Vila despontava em construção, os processos de industrialização, assim como os de urbanização, alteraram demasiadamente os nossos aspectos de classes, assim como também, e simultâneo, o panorama nacional. Cabe ressaltar, por sinal, que essa modificação segue afetando-nos ainda na contemporaneidade – de forma tão crescente quanto à época dos fatos que estamos mencionando, com igual ou maior profundidade. Um exemplo bem considerável, claro, e próximo, encontra-se em alguns tantos quilômetros da Vila: na Cidade de Brasília, Distrito Federal, modelada no mesmo período do nosso conjunto habitacional, esculpida e delineada para ser o símbolo da modernidade⁶, usando a fala de um dos maiores projetistas, o arquiteto Oscar Niemeyer, mas que, como a VK, tornou-se sinônimo de apreensão e acolhimento das mazelas da nossa sociedade moderna.

Fiz esse paralelo com a nossa atual capital do Brasil porque, ao longo desse processo de escrita e criação, varias descobertas aproximaram-me mais do meu espaço, ademais de me fazer encontrá-lo em muitos outros, como foi o caso de Brasília. Identificando as aproximações com o documentário sobre a obra do arquiteto, seus pensamentos, contornos,

⁶ Fazendo alusão às palavras de Oscar Niemeyer, arquiteto responsável pelo traço e desenho de Brasília. Fonte: **A Vida é um Sopro**. Direção: Fabiano Maciel. Europa Filmes, 2010. 1 DVD (90 MIN).

esferas e percepções, intitulado de “A Vida É um Sopro”, frase usada, frequentemente, e por ele, fiquei vidrada ao ouvir do arquiteto a sua visão de criador sobre como se construía e constituía a Brasília popular, das pessoas que migravam para a localidade com a fantasia de que suas condições de vida melhorariam por isso: de que haveria vida descente a todos, independente da classe social. Igualmente ao que ocorreu com a população que, situada às margens do esmo, nas comunidades populares centrais da cidade, acreditaram que aceitando a mudança transformariam suas vidas.

E, como ocorreu com Brasília, tudo lhes caiu como “um momento de sonho”, parafraseando a canção de Antônio Carlos Jobim⁷. A ilusão da vida melhor, com infraestrutura, longe da falta de organização e planejamento foi por água abaixo, ou mesmo como diz o Tom, suas felicidades caíram como “uma gota de orvalho numa pétala de flor”, brilhando tranquila, depois, oscilando de leve e caindo como “uma lágrima de amor”, para uns como uma lágrima rasa; para outros, como lágrimas tempestuosas. E é nessa dicotomia entre a bonança e a tormenta que, finalmente, nasce a Vila: no desejo da população pela prosperidade, a ilusão da eliminação de seus problemas com moradia, visto os precários barracos que os moradores da antiga Favela do Esqueleto habitavam e, primordialmente, como mais uma de muitas medidas criadas para apaziguar, camuflar e eximir todo o infortúnio que populações como estas, ditas carentes, com frequência estavam relacionadas.

Como concreto, sabíamos que a capital do nosso estado enfrentava um processo de crescimento urbano acelerado, cujos sistemas básicos indispensáveis para a manutenção e a mínima qualidade de vida da população não era o mais razoável possível. Exatamente como se apresentou em Brasília durante todo o processo de sua criação, total reflexo da falta de organização e planejamento sempre presentes no nosso cotidiano, e nas movimentações governamentais que só presam pelo aumento cada vez mais discrepante na divisão de renda. Tanto em Brasília como na Vila, uma rima e não uma solução, fazendo menção ao Poema de Sete Faces, de Carlos Drummond de Andrade (2010, p. 11), quem pagou a conta de tudo isso foram os moradores populares de suas respectivas regiões.

Brasília construiu-se no antagonismo entre a esperança e a realidade frustrada do povo goiano e dos muitos povos brasileiros vindos de todas as partes do país. Com a Vila, não lhe passou nada muito diferente, a não ser a migração interna, dentro da própria capital, aliada ao desamor dos que não desejavam sair de suas humildes, mas centrais, residências. Mas como

⁷ JOBIM, Antônio Carlos Brasileiro de Almeida. **A Felicidade**. In: Tom Jobim Inédito. Rio de Janeiro: BMG, 1987.

ocupar esses espaços acabava por interferir negativamente na imagem da cidade – uma ideia que segue visivelmente contemporânea, haja vista os cenários que buscam camuflar as mazelas sócias da nossa capital postal: a estação do metrô do bairro do Maracanã, em frente à UERJ, agora com um tampão para ofuscar o morro da Mangueira; a estação do metrô do bairro de Ipanema, com o Mirante da Paz, encobrendo uma das saídas que dá no morro do Cantagalo – não lhes restou outra opção senão a de deixarem seus humildes barracos pela ilusão da vida melhor, a que seguimos, fortes e itinerantes, na luta até os tempos de agora.

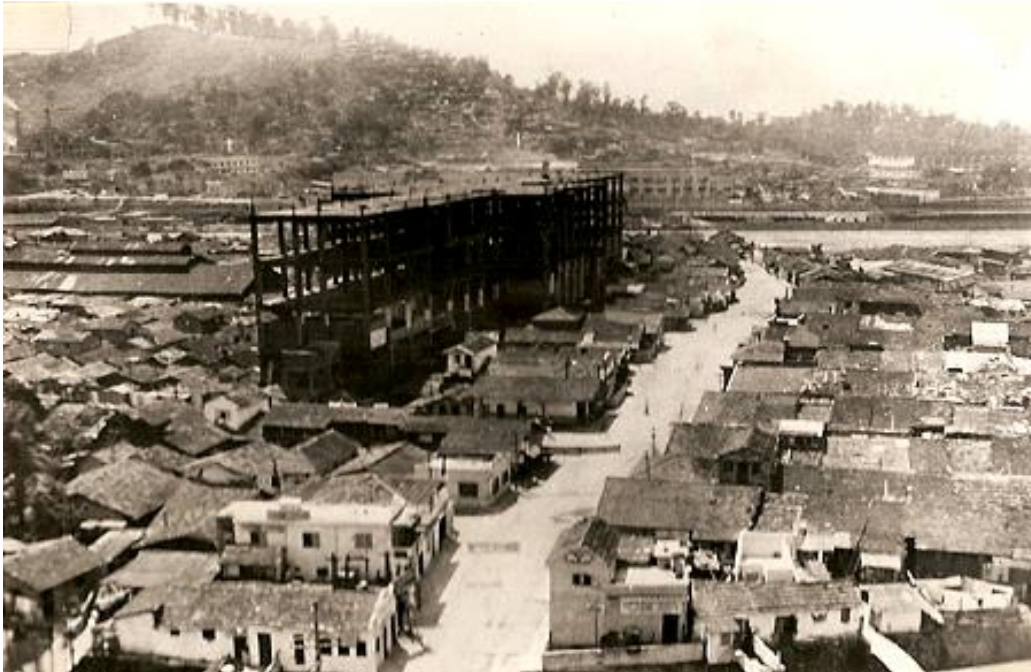
Como disse outrora, ao começar a escrever sobre a Vila, e refletir sobre este momento da pesquisa, inúmeros questionamentos, experiências, passagens humanas e urbanas afloraram os meus pensamentos de moradora, estudante e educadora popular, um deles já destacado: a construção da cidade de Brasília sob o ângulo de Niemeyer e evidenciado no documentário sobre sua vida. Outro veio do meu fluxo e trânsito pela UERJ. Mas existe um novo, tão marcante quanto, que vem dos símbolos e estímulos que as imagens faladas de minha mãe trazem ao narrar suas tantas histórias juvenis enquanto moradora desta Favela que lhes apresento por meio do registro fotográfico abaixo:

Figura 7 - Casebres criados no Esqueleto que viria a ser a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/uerj-universidade-que-cresceu-na-area-de-uma-favela-quase-fechou-ha-50-anos-16335150>

Figura 8 - Antiga Favela do Esqueleto, no Maracanã. Espaço onde, na atualidade, encontra-se a Universidade Estadual do Rio de Janeiro.



Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/uerj-universidade-que-cresceu-na-area-de-uma-favela-quase-fechou-ha-50-anos-16335150>

Na imagem, temos as composições do Esqueleto: nos muitos cortiços, becos, casas e vielas que delimitavam a esfera geográfica da localidade, assim como também os significados e representações encorpados nos papéis sociais dos moradores. Nos relatos da minha mãe, as experiências humildes de quem teve, desde que veio ao mundo, a rotina dos grandes desgastes cotidianos, a tristeza de saber que só lhe restava sobreviver, mas também repleta das memórias sociais dos poucos passeios culturais disponíveis ao desfrute de sua condição financeira: ir ao cinema na Semana Santa para assistir à encenação da Paixão de Cristo; sentar nos bancos de cimento da Praça Barão de Drummond em raríssimos finais de tarde; e o passeio mais constante que era o de ir, junto de alguns membros da família, ao Centro Espírita Caboclo Ubiratan, todas as terças e quintas-feiras, na Rua Pereira Nunes.

Mas, ao contrário do que se possa imaginar, o Centro era frequentado pelos mais ilustres e “renomados” profissionais da área: médicos, professores e advogados, ou dizendo a seu modo, pela nata da sociedade. Seguidores da doutrina espírita que, cercados pela realidade periférica do local, nos confins do Bairro de Vila Isabel, e pela propagação dos ensinamentos de amor e caridade, dedicavam-se aos encontros para a realização de leituras sobre o evangelho e para, em seguida, semear os novos aprendizados junto ao próximo. Porém, o que para eles significava por em prática o novo ensinamento, de modo a promover o bem pela

partilha, que deveras acontecia, para os muitos moradores da Favela representava o “momento de passar bem”, pois aproveitavam-se da ida àquele ambiente, da circunstância, para usufruir de inúmeros benefícios socialmente negados a eles: comida, cuidado, brinquedos, bem-estar e, sobretudo, esperança.

Momento próspero diante da realidade adversa – assim conta minha mãe emocionada entre suas humildes e dóceis palavras. Frequentar aquele espaço era a oportunidade de ver e de se ver em um mundo mais digno, injusto, contudo palpável, principalmente porque, ao sair dali, a rotina de seus passos lhe conduzia a uma vida contraditória: vivia “em um barraquinho todo de tábuas”, zelado apenas pelo apreço de sua mãe, pois tinha que permanecer sempre fechado por conta dos grandes casos de violência no local. O Esqueleto não era só uma estrutura inacabada de um projeto inviabilizado e improdutivo na visão governamental, mas também a expressividade do pânico e de medo em todo o seu linear, tal como as estruturas arquetípicas desenhavam-no pavorosamente.

Mesmo assim, tal como todas as perspicazes reinvenções da vida, havia uma aventurada rua que servia de palco para as peripécias infantis da criançada. Nos relatos, minha mãe diz que, por mais que a Favela fosse dividida em duas partes – de um lado viviam os moradores com “melhor condição financeira” que possuíam, por exemplo, vendas e tendinhas dentro das vielas e moravam em casas erguidas sob concretos; e, de outro, os mais “desafortunados”, que viviam em barracos construídos de madeira– os pólos e eixos encontravam-se nas suas brincadeiras populares, independentemente das subdivisões socio-financeiras existentes dentro da própria comunidade, figurando, claro, quando a ausência do trabalho lhes permitia tal degustação.

Outro relato pertinente a este trabalho, em seu jogo malemolente entre as representatividades da educação popular e do fazer cotidiano, vem da experiência da minha mãe com o ensino formal, experiência esta tão similar a muitas outras de sua redondeza. Por causa da cercania com o bairro de Vila Isabel, ela, e muitos de seus amigos, frequentou a Escola Municipal Argentina, situada às proximidades do Esqueleto, hoje, UERJ. Infelizmente, e pela necessidade do sustento familiar, só lhe foi possível cursar até a antiga 4^o série do ensino fundamental, já que nesta época, e diante de suas condições familiares, as políticas de proteção aos direitos infantis ainda não eram tão respeitadas. Na instituição, minha mãe mantinha um contato próximo com sua professora, a Senhora Regina, que se estreitava pelo fato de que sua mãe era responsável por lavar e passar a roupa da maestra, mas não tão próximo porque a relação entre aluno e professor não ultrapassava o limite das lavagens e das

classes, e acontecia sem qualquer outro diálogo solidário ante da valorização da vida feita e construída pelas dificuldades de se permanecer firme, confiante e viva.

Figura 9 – Momento em que os moradores do Esqueleto começam a desocupar seus barracos.



Fonte: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2015/03/05/rio-em-1965-remocao-de-favelas-falta-dagua-e-aumento-da-criminalidade/>

De lá para cá nada mudou com exatidão: nem para a minha mãe, nem para os tantos moradores que já não mais vivem no Esqueleto, e, sim, na Vila Kennedy, mas alguma coisa aconteceu⁸, fazendo alusão à música da Cássia Eller, algumas coisas aconteceram por aqui. O crescimento da Vila expandiu demasiadamente, ao longo de seus 53 anos, dentro da grande área considerada ideal para a sua criação, a grande extensão localizada entre o Distrito Industrial de Bangu e Campo Grande, e não cessou por aí. Lado a lado à expectativa de mudança e da revolta que a migração provocava em muitos, quase todos, casas desarranjadas foram sendo erguidas individualmente com intuito de abrigar toda a nova população, já que as 5.069 moradias entregues pelo governo municipal, como de se esperar, não contemplaram às famílias que se disponibilizaram a mudança inicial: vindos de diversas regiões da capital para a Zona Oeste da Cidade.

⁸ ELLER, Cássia. **Por Enquanto**. In: Acústico MTV. Rio de Janeiro: EMI, 2001.

Desde então, a Vila só se multiplica. Hoje são ao todo, segundo informações do Instituto Pereira Passos⁹ baseado no Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010, aproximadamente 11 sub-comunidades dentro da sua região geográfica cuja população local e domicílio seguem, respectivamente, a contagem a seguir: Área Formal, 3.935/1.250; Alto Kennedy, 2.674/ 757; Castor de Andrade, 118/ 29; Castor de Andrade II, 415/140; Estrada da Saudade 858/281; Estrada Sargento Miguel Filho, 628/203; Nova Kennedy, 3.206/923; Congo, 1.661/458; Vila Progresso, 1.497/ 484; Conjunto Estrada Sargento Miguel Filho, 3.587/1.111; Conjunto Vila Kennedy, 22.976/7.191; totalizando 41.555 habitantes e um total de residências de 12.836. Como moradora, posso assegurar que já houve alteração no cálculo estatístico, por exemplo, há outra comunidade surgindo às margens do Morro do Quiabo, com igual nome e com um número incontável de habitantes. Ou seja, estima-se a conta, acima, do IBGE sem a fugaz velocidade das construções residenciais e do crescimento populacional dos indivíduos.

Como podemos perceber A Vila Kennedy nasce, em um primeiro, da necessidade de diminuir um problema social que acometia a Cidade: o grande número de comunidades populares que surgiam às origens dos bairros de classe média da capital. E a recordação desse fato, coloca-nos diante de desafios e, principalmente, da necessidade de se manter viva a memória coletiva como retorno à infância da Vila Kennedy e às muitas que nasceram e se criaram por meio dela. Mas também dos desejos humildes, e cheios de esperança, dos muitos moradores que acreditaram na promessa da vida melhor que só foi possível, é, e continua sendo, pela arte que cada ator social manifesta em forma de “instrumentos de ação política capazes de responder às questões e expressões que emergem desta realidade construída por imensas desigualdades, decorrentes de conflitos de classe, étnico-raciais, geracionais, de gênero e de forma de exercício do poder político” (ASSUMPÇÃO, 2209, p. 7).

No entanto, é bom saber também que da história sofrida e dolorosa desses moradores nasceram tantas outras memoráveis: para eles, para mim e para a população de forma geral. Saber que da educação permanente, não-formal, que punha, se plantava e se colhia diariamente no Esqueleto, nas ressignificações das gentes, ainda que sem valorização, outros processos construtivos de conhecimento assomaram como, por exemplo, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mesmo a Vila Kennedy que – tal como aconteceu em Brasília em sua construção, e em outras tantas cidades do nosso país e até continente – diante do seu

⁹Fonte: <http://www.riomaisocial.org/territorios/vila-kennedy-em-ocupacao/>

cenário e contexto, não obstante com muita dificuldade, estimulou a formação de muitos educadores populares – um bom exemplo, encontro nas peripécias infantis que me levaram até o magistério – que desempenham suas atividades dentro e fora da comunidade, que apresenta a Vila para o mundo, seguros de que a boniteza de seu lugar está na valorização do caminhar de cada passo de seus habitantes.

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (BELL HOCKS, 2013, p. 83)

Para seguir nesse pensamento que, a partir de agora veremos e à luz desse estudo, as construções cultivadas pela educação popular nas veias de dois movimentos sociais que trazem o debate entre as ressignificações dos atores sociais da Vila Kennedy, na atualidade, perante as situações que, cotidianamente, lhes permitem sempre novos aprendizados. Através, então, das infâncias e juventudes reinventadas pelo desejo de se expressarem como gentes, como atores sociais conscientes de suas decisões políticas, humanitárias e sociais que constroem com seus braços o seu viver, aludindo à canção “Travessia” de Milton Nascimento¹⁰, conheceremos o 1 e o 2º Festivais de Curtas-metragens da Vila Kennedy, assim como também a Casa de Aya, em suas odisséias que servem-nos ao entendimento de que “as portas dos locais onde se pratica uma forma de educação popular estão sempre abertas a quem queira chegar e conviver com a aventura do partilhar o aprender e o saber” (ASSUMPÇÃO, 2009, p. 14) que, como as experiências infantis minhas e da Vila, faz-se em um nascer a toda hora – usando da tão linda poesia “O tempo passa? Não passa” de Carlos Drummond de Andrade.

Figura 10 – A Vila Kennedy de agora.



Fonte: <http://vivario.org.br/fr/lapogee-de-la-violence-marque-les-50-ans-de-vila-kennedy/>

¹⁰ NASCIMENTO, Milton. **Travessia**. In: Uma Travessia. Rio de Janeiro: Universal Music, 2013.

2 CURTA VK: O FESTIVAL COMUNITÁRIO DE CURTAS-METRAGENS DA VILA KENNEDY

A grande vocação e a maior aventura humana residem no aprender a saber, no partilhar o saber e no transformar vidas pessoais e mundos sociais por meio de um saber tornado ação, e uma ação coletiva vivida como projeto de transformação (Brandão, 2009, p10).

O mundo é espetáculo, mas sobretudo convocação
Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (2011d, p.19)

Antes de começarmos a falar sobre o Curta e da proposta dele para com este trabalho acadêmico, é importante mencionar que, ao longo da história de nascimento da Vila, inúmeras iniciativas foram criadas com igual ou similar propósito dos nossos dois projetos: o de considerar as potencialidades dos sujeitos nas lutas pelas transformações sociais e democráticas. A mudança do Esqueleto para a Vila trouxe desdobramentos e incertezas, mas também manifestações que, fora do domínio da educação escolar, propiciou que as muitas situações e práticas corporativas ou comunitárias difundissem outros saberes (BRANDÃO; ASSUMPCÃO, 2009) – tão importantes quanto necessários ao trabalho político de emancipação desses sujeitos, transeuntes populares, que se esforçam para alcançar a tão sonhada e almejada justiça social. Evidentemente, migrar de um território físico ao outro não resultou na diminuição dos grandes problemas que enfrentávamos, mesmo porque a solução não foi pensada para a melhoria da qualidade de vida daquela população, mas para maquiar um problema que se perdura há anos em nossa sociedade: a desigualdade social, melhor, a disparidade social entre as classes. Esse trânsito geográfico muito menos repercutiu de maneira benéfica no aos moradores, mas contribuiu para que, diante das promessas enganosas, eles se mobilizassem e, conseqüentemente, se organizassem em práticas que exprimissem suas indagações e indignações.

Algumas se formaram e se fizeram presentes nestes 53 anos de existência da Comunidade. Grupos organizados que, a seu modo, trabalharam para que o Estado, desde a mudança, se posicionasse também a favor dos interesses desses moradores que o pressionavam à medida que buscavam legitimar seus direitos naqueles e em outros espaços da sociedade. Para melhor exemplificar, temos o Centro Comunitário Irmãos Kennedy - CCIK¹¹,

¹¹Disponível em: <http://ccirmaoskennedy.blogspot.com.br/>

entidade sem fins lucrativos criada na década de 60, mantendo-se ativa até os dias de hoje oferecendo cursos profissionalizantes e oficinas para os moradores da redondeza, agora, com o apoio de entidades governamentais; o Teatro Mário Lago¹², sob o nome inicial de Teatro Faria Lima, palco das duas edições do Curta VK, como veremos mais adiante, criado a partir de um galpão da Companhia Estadual de Habitação (CEHAB-RJ), em 1979, através da mobilização de um grupo de artistas da própria Vila.

Temos ainda Unidos de Vila Kennedy, escola do grupo de acesso C, fundada em 1968, originalmente formada para se apresentar como bloco carnavalesco e oportunizar aos seus membros, citando Chico Buarque¹³, a alegria fugaz chamada carnaval. O MODU, Movimento Desabafo Urbano, criado, assim como o Curta e a Casa, em um período mais recente, mas que já celebram grande alcance dentro da comunidade. E outros que, durante todos esses anos, fizeram e fazem da Vila, mesmo timidamente, um ambiente mais solidário, sustentável, acolhedor para todos e cheio de aprendizagens, pois “a educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”, como nos entoa as luminosas palavras de Bell Hooks no seu livro “Ensinando a transgredir – Educação como prática de liberdade” (2013).

Para nos aproximarmos do Curta, começo falando de uma experiência recente, inquieta, desafiadora e estimulante que vivi. Certa vez, estava eu lendo o livro “Pedagogia da Autonomia”, para me ajudar na conclusão do trabalho da especialização em Educação Infantil que eu fazia, quando, em uma passagem do livro, pensei: “nossa, esta fala é tão Vinicius de Moraes”; ela me dizia da “disponibilidade à vida e a seus contratempos”. De imediato, compartilhei o pensamento com o Aristóteles Berino que, prestes a participar de um evento acadêmico, teve a ideia de suscitarmos o diálogo entre os dois escritores para apresentarmos no VII Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Transformações e Subversões na Atualidade, promovido pelo Instituto de Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Aceitei o desafio. Continuei a minha leitura já iniciada e, posteriormente, comecei a resgatar, em minha memória, todas as leituras que já tinha feito de Vinicius, começando pelo livro mais degustado por mim, o “Para Viver um Grande Amor”, e fiquei impressionada com às vezes em que eu me deparava com Paulo nos escritos de Vinicius, quero dizer, da

¹² <http://teatromariolago-vk.blogspot.com.br/>

¹³ BUARQUE, Chico; HIME, Francis. **Vai Passar**. In: Chico Buarque. Rio de Janeiro: Marola Edições Musicais LTDA, 1986.

aproximação, cada vez maior e evidente, entre eles: nas linhas, estrofes e versos. Para o meu “contentamento”, como o próprio “Poetinha” profere, as semelhanças entre eles não se apresentavam tão somente nas falas, mas nas experiências de vida, e cotidianas, de cada um, relatadas nas duas respectivas e memoráveis obras.

A cada leitura, ficava ainda mais maravilhada com tamanha aproximação entre eles. Era tão grande o encontro, o diálogo, o deleite e a afeição que, para esse incipiente momento de estudo, o trabalho limitou-se, apenas, aos discursos e/ou experiências transcritos nos dois livros já mencionados aqui, pois imaginamos que, se seguíssemos a viagem, um artigo seria insuficiente para narrar “o vaivém dos gestos de magia”¹⁴ entre eles. Vimos que este assunto poderia nos render horas e horas de conversa, de interpretação e apreciação, pois, mais mesmo do estávamos esperando, a então parceria nos propiciou muitas histórias entre eles e entre tantas outras nossas, inclusive, que ainda estariam, e estão, por vir.

Começo esta parte do meu trabalho narrando essa vivência, porque a ela devoto um imenso carinho. Através dela, descobri uma das passagens mais bonitas e instigantes, para mim, na vida de Vinicius – e mais educacionais também. Descobri-la foi como por “um pouco de amor numa cadência”, como o próprio poeta declama nos versos ritmados da tão famosa canção “Samba da Benção”¹⁵: uma cadência docente, itinerante, e magistral de professora, de moradora de comunidade popular, que acredita na valorização dos espaços como caminhos de transição, cultivo de saberes, persistências, troca de experiências e aprendizados. A passagem encontra-se na Crônica “Os Politécnicos”, na qual, o nosso Poetinha, relata a sua experiência frente a um convite feito pelo Grêmio dos “futuros engenheiros paulistas” (Idem, 2010), alunos do curso de Engenharia do Instituto Politécnico de São Paulo.

Na época em que lia a crônica, e os livros, simultaneamente à experiência de cursar uma pós-graduação *lato sensu* em educação, eu também trabalhava em um projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro destinado à inclusão de alunos com deficiência no ensino regular. A escola que fica localizada, como todos os dois projetos: o Curta e a Casa de Aya, na Vila Kennedy, no eixo muito conhecido por muitas disputas, entre facções, pelo monopólio do narcotráfico, era conhecida pelo número de alunos matriculados considerados “carentes”. Nunca gostei dessa expressão, cabe ressaltar, e só de mencioná-la aqui, sinto imensa tristeza

¹⁴Trecho da Crônica “Viagem à Sombra”, de Vinicius de Moraes. Fonte: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/viagem-sombra>

¹⁵ Vinicius, Moraes de. **Samba da Benção**. In: Minha História. Polygram: Rio de Janeiro, 1993.

por quem ainda a usa. Muitos teóricos consideram-na ultrapassada aos debates atuais sobre o tema e sobre a própria educação mesmo – Miguel Arroyo não nos deixa mentir, por exemplo. Alio-me a ele, inclusive, para dizer que a carência não está nas pessoas necessariamente, que em seu cotidiano, se reinventam nesta sociedade tão segregadora, mas nos recursos que a elas são destinados como cidadãos de direitos e deveres sociais.

Através da leitura da crônica – aliada aos momentos já mencionados da minha vida, que, em sua sabedoria estonteante, Vinicius me presenteia com a interpretação de que eu, daqui por diante, levaria para a minha vida acadêmica e intelectual – tomando-a como minha em boa parte das vezes. Entre as perguntas e relatos dos jovens estudantes, que nada dependiam “de cálculos, senão de experiências, bom-senso e um grão de poesia” (Moraes, 1993, p. 140) – parafraseando o Poetinha, Vinicius, ao ser altamente deparado com as indagações a respeito de sua vida: crença em Deus, experiências com mulheres e etc., percebe, então, qual era a real intenção da sua inserção naquele espaço.

Ele entendeu que o que os futuros engenheiros desejavam aprender, na verdade, não se limitava aos cálculos e ao labor da sua vindoura profissão, como muito devem ter aprendido na faculdade, mas ao que, “sequiosos de conhecimento”, a sua experiência de vida e mundo poderia, a eles, representar. O que os estudantes queriam, e desejavam em igual proporção, não estava circunscrito nos intermináveis manuais de como se utilizar determinado aparato e técnica. Tal como a minha experiência de professora naquela escola. Via que as diversas esferas, que dela fazem parte, não valorizavam as inquietações dos alunos como forma de conhecimento do novo, mas como sinônimo de limitação física, por vezes geográfica, e até mesmo cultural de seus integrantes.

Depois dessa vivência propiciada por Vinicius, entendi que meus alunos ali, assim como todos os atores sociais, moradores ou não da Vila Kennedy, não figuram como seres socialmente “carentes” no mundo cheio de injustiças e restrições, mas como seres “sequiosos”, e também sedentos, de conhecimento, tal como Vinicius nos apresenta em sua crônica. Denominá-los como “carentes”, então, distancia toda a originalidade construída na vontade de aprender sobre algo inédito, encantador, e surpreendente até então. A exemplo dos futuros engenheiros paulistas da década de 70 que, diferente da condição financeira dos Vila Kenedenses, provavelmente não sofriam de qualquer tipo de abstinência financeira, e, mesmo assim, seguiam desejosos de aprendizagens não tão somente científica, mas impreterivelmente de vida.

Em conversa com Rubem Alves, no livro “Encantar o Mundo pela Palavra” (2010), no qual Rubem Alves e Carlos Brandão discorrem a respeito das relações entre as pessoas que são encantadas e reencantadas pela palavra, Carlos Brandão aguça, em uma das muitas ilustres passagens, ou melhor, paisagens, do livro, a mesma reflexão sobre a representatividade da palavra proferida nas situações que fazem parte dos momentos cruciais da vida: essa que pode ser turva ou tenra dependendo do modo como se lida com ela – como o Poetinha me ensinou, com magnitude, a ler:

É preciso trapacear com a língua, porque, em estado puro – tal como nos é ensinado na escola, como ciência, como saber competente –, ela vem sempre acompanhada de rótulos de utilidade e de poder. Ela é sempre alguma coisa que constrange e classifica. Ela diz quem é bom, quem é ruim, quem vai ser salvo, quem não vai, como nas pregações religiosas. Ao mesmo tempo, existe também alguma coisa que faz uma moça chorar na sala de aula, porque ficou tocada. Às vezes, nem é poema inteiro, mas uma frase apenas, que nos persegue amorosamente pela vida afora. (p:44)

Esse entendimento construído na relação da educação com a poesia, ou da poesia com a educação, revela mais um aprendizado nas vias do sem-fim da minha carreira docente, pois entendi que as singularidades dos sujeitos não estão condicionadas ao seu poder aquisitivo, ou a sua camada social. E Vinicius de Moraes, assim como Alves, Brandão e tantos outros escritores, nos ajudam a entender que, independente do tipo de sociedade em que se vive o indivíduo, o desejo pela descoberta do que ainda não foi vivenciado, aprendido ou apreendido, não é arbitrário – é democrático – como foi vimos com os engenheiros que convidaram Vinicius para “prosear” sobre a vida e suas refigurações. Assim, podemos ver que o novo desperta o interesse ao aluno da faculdade de engenharia, assim como também ao aluno da escola pública localizada em um grande bairro suburbano, no nosso caso, na Vila Kennedy.

A história de Vinicius fez muitos frutos germinarem desde que me tocou, com generosidade, o coração. E ao longo dos anos que a trago viva em mim, propagando-a como sinônimo de representatividade social, um deles ganhou um memorável e afetivo destaque: o 1º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy, O Curta VK O festival surgiu em um momento muito delicado para a população, pois a Vila, como nós carinhosamente chamamos, passava por um período bem difícil de sua história – em que era, com frequência, associada às numerosas disputas territoriais pelo tráfico de drogas, realidade não muito adversa aos dias de hoje, da escrita deste trabalho, e que, de acordo com as justificativas governamentais sem fundamentação e sem qualquer tipo de critério, impedem que os acessos aos vários tipos de

informação e benefícios cheguem, até nós. Sabemos, contudo, que a alegação se trata de uma desculpa meramente rasa que serve de pretexto para legitimar o ineficaz alcance do Estado às suas diversas zonas de atuação, incluindo às mais distantes da grande capital, dos grandes Centros Urbanos, no nosso caso, a Vila Kennedy.

Para se ter um comparativo, o Instituto Rio¹⁶, fundação comunitária criada no ano 2000 com o objetivo de apoiar e fortalecer iniciativas que promovem o desenvolvimento social da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, apontou em um levantamento que esta área possui o menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do município. Seu número de habitantes representa quase a metade da população carioca, com 41,36%, o equivalente à 2.614.728 deles, considerando de 6.320.446 habitantes. Ainda assim, as ofertas culturais que buscam garantir os direitos igualitários à população só acentuam cada vez mais a desigualdade existente entre as demais Zonas da Cidade do Rio e a Zona Oeste, à medida que se reconhece como escassos os espaços que estimulam a transformação social através do conhecimento compartilhado: cinemas, teatros, bibliotecas, centros culturais, museus, etc.

Tal verificação inviabiliza qualquer construção democrática de sociedade, pois não estimula a participação de seus integrantes na construção do conhecimento a partir deles e com eles: isso porque a oferta de bens de educação às populações marginalizadas é regida por uma lógica – e uma ética – igualmente marginal. Diante dessa perspectiva, às margens dos muitos conflitos e obstinados na vontade de lutar pela valorização daquela população, seis jovens moradores da localidade aliam-se e almejando que a Vila fosse vista por outros olhos – talvez os mesmos de Vinicius – começam a dar forma ao projeto idealizado pelo educador Guilherme Junior. Projeto este que tem por objetivo o estímulo à cultura audiovisual na Vila Kennedy, e que foi escrito quando ele ainda fazia seu estágio curricular de arte em Portugal no ano de 2010, e contemplado, no ano seguinte, pelo Edital de Microprojetos da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, que disponibilizou a importância de R\$ 8.000,00 para que colocássemos nossa idéia em ação, em prática.

Assim fomos chegando, construindo e expandindo o plano inicial. Nós, então, a jornalista Débora Dantas e Érica Magni, eu, a professora Isabel Navega, a atual estudante de Assistência Social, Isabele Aguiar, o estudante da Escola Nacional de Circo, Jonathan Pontes e a, também jornalista, Luana Dias – gerados e nascidos na Vila Kennedy – abraçamos, na hora, a ideia do Guilherme e começamos, juntos, a ver o sonho, guardado em nossos corações,

¹⁶Disponível em <http://www.institutorio.org.br/node/1>

tomar forma e gosto. Sabíamos que, de alguma maneira, contribuiríamos para que a Vila figurasse nas grandes mídias com o seu potencial cultural, não sabíamos como nem quando e, pela genialidade dele, percebemos que, felizmente, o momento havia chegado sem que nos déssemos conta. Era agora, com o Curta VK.

Como retratei, todos os integrantes do projeto são “crias da VK”, falando autenticamente como muito se ouve entre ruas, avenidas, praças, vielas e becos que compõem a Vila Kennedy. E todos somos amigos de uma amizade que nutrimos desde quando ainda não tínhamos, sequer, a concepção de que a disparidade social existia entre nós diante das outras esferas sociais. Víamos, obviamente, pequenas parcelas de desigualdade, até mesmo entre nós: alguns estudavam em escolas públicas, como era o meu caso e o da Isabele; outros, como o próprio Guilherme, a Débora, a Érica e a Luana, em escolas particulares da região, mas não imaginávamos que isso significaria algum tipo de reflexo da ineficiente participação de iniciativas públicas no nosso espaço – ingenuamente pensávamos que se tratava de um investimento em educação propiciado por seus pais, ou seja, uns podiam, outros não.

Seguimos confiantes cada um com seu objetivo e formação. Amadurecemos demais com a vida e através dela, com o mundo e para o mundo, como diz Paulo Freire (2011c), diante das lutas, das resistências e das conquistas. Continuamos estudando, formamo-nos no ensino secundário – costume dizer que essa é uma conquista de grande peso para quem mora em comunidades populares, pois, para muitos daqui, incluindo os meus próprios pais e o dos meus amigos, lograr concluir o antigo Segundo Grau, atual Ensino Médio, significa atingir o ponto máximo da escolaridade. Rompemos esse pensamento, fomos além, chegamos ao ensino superior, cada qual a seu modo e cada qual a sua escolha, e aqui estamos: prosseguindo.

E o Curta VK é um dos instrumentos que nos leva, juntos, a prosseguir com a magia, a crença e a esperança de acreditar que “amanhã será um novo dia” – amanhã e sempre – referenciando a Chico Buarque na sua belíssima canção “Apesar de você”¹⁷. Com o anseio de reconfigurarmos nossos espaços, acreditando que “a arte entra em ação quando o saber desampara o homem” como cita Adorno (2006,p. 29) a Schelling, temos, na arte do Curta em ação como manifesto que emerge o desejo de se amenizar os muitos problemas sociais, um festival de cinema comunitário destinado às classes populares e periféricas do município do

¹⁷BUARQUE, Chico. **Apesar de Você**. In: Apesar de Você. Rio de Janeiro: Philips, 2006.

Rio de Janeiro, precisamente das localizadas no entorno da Vila Kennedy que, já apontamos, está localizada na área onde o Índice de Desenvolvimento Humano é o menor do Rio: a tão conhecida e rechaçada Zona Oeste da Cidade.

Para melhor apresentar as movimentações do Curta, os conhecimentos produzidos nos reconhecimentos, os encontros, a partilha, em suma, a gama de possibilidades surgidas ao largo da construção do evento, vamos a partir de agora apresentaras experiências que circundaram o 1º Festival de Curtas-metragens. O intuito aqui é o de despertar os olhares para as nuances que pensávamos que o projeto nos daria, mas, sobretudo, às emoções que ele nos suscitou, a nós e à comunidade, desde que começou a ganhar forma para, em seguida, mostrar como foi possível, através do despertar da primeira festividade, seguir adiante em busca da segunda e das muitas outras que ainda estão por vir.

Figura 11- Chamada para o 1º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

A luta começou com muito trabalho e determinação. Éramos seis, multiplicamo-nos e tornamo-nos muito mais que doze e/ou vinte quatro. Amigos dos amigos ajudaram-nos, trouxeram suas experiências de mundo, de gente, de atores sociais e moradores que, como nós e em suas similitudes, puderam e quiseram contribuir. Vizinhos, parentes, grupos organizados e parceiros abraçaram o projeto, abraçaram-nos com ele, e permitiram, diante das limitações

que desde sempre se faziam, que o Curta fosse o meio mais imediato e realizável de construção das bases de uma sociedade democraticamente sonhada, pelo menos para nós, moradores daquele ambiente e tão acostumados à segregação social – antes mesmo da nossa vinda ao mundo.

Começamos, então, a elaboração do Festival, que, como comentamos previamente, obteve o incentivo financeiro de R\$ 8.000,00, disponibilizado pela Secretaria Estadual de Cultura, através do edital de Microprojetos. Ademais, tivemos a parceria de várias iniciativas privadas, como o Viva Favela; contamos, ainda, com o apoio dos produtores dos filmes exibidos, na Mostra não-competitiva, que gentilmente nos cederam o direito de exibição de suas produções; e da ajuda memorável dos donos dos estabelecimentos comerciais da localidade que, em grande proporção, doou-nos os materiais de limpeza, para a realização das atividades e, também, os alimentícios, como os refrigerantes e o milho, permitindo que todas as seções tivessem, não só os filmes, mas o gostinho e o cheirinho de cinema que todo ambiente fílmico tem.

Essa, sem dúvida, foi uma das etapas mais gratificantes para nós, a que muito nos comoveu e instigou. Estávamos felizes demais em divulgar o festival para a comunidade, e em devolver a ela a resposta positiva de um investimento feito por nós inicialmente, mas não contávamos que, ao desbravar a Vila propagando o evento, falando de nós, e do próprio projeto, os comerciantes nos dessem tanta confiança a ponto de ajudar como ajudaram com os materiais. Por conta da verba restrita, não tínhamos como objetivo estender a distribuição de pipoca e refrigerante para todas as seções do evento, contudo, pela acolhida da população local, pela expectativa de que, sim, estávamos fazendo algo bacana ali, mudamos os planos, e a pipoca foi a acompanhante mais assídua de os três dias do Festival.

Quanto maior era a disponibilidade para com a comunidade, maior criava-se, em nós, a expectativa do momento a vir. A cada movimentação dentro da Vila Kennedy: na relação com os moradores, na mansidão de seus múltiplos e infinitos toques possibilitados pelos encontros comunitários da vida cotidiana – falada e sentida – criava-se, sobretudo, o desejo de que o ponto máximo do evento, as exibições fílmicas, fosse tão magnífico quanto mágico e acolhedor. O desejo desses indivíduos, em nossas concepções precoces, ingênuas, porém, afetuosas, dava-se pela esperança de saber, como muitos ouvimos por intermédio de tantas vozes que “alguém estava fazendo algo pela comunidade”¹⁸. Logo, crescia e acrescia em nós a

¹⁸Fala de muitos dos moradores que ouvíamos na Vila Kennedy enquanto seguíamos nas andanças pela divulgação do Festival.

importância do nosso papel social de cidadãos daquele espaço, de educadores populares e moradores iguais a eles, que resistem, porque se deve e se precisa, mas porque também se esforça para a esperança do milagre e para a participação da poesia na vida cotidiana dessa população, aludindo a Vinicius de Moraes, poeta máximo deste estágio do trabalho.

Nas conversas com cada um daqueles sujeitos cujas experiências irrefreáveis lhes cobriam e encorajavam a vida, os olhares, os gestos, víamos o quanto o nosso inicial projeto contribuiria, sim, ou mais do que imaginávamos quando submetemos o edital, para uma “oferta de educação compatível com as necessidades de instrução, formação, instrumentalização e capacitação das pessoas do povo”, assegurando o que as palavras de Carlos Rodrigues Brandão e Raiane Assumpção, no livro “Cultura Rebelde” (2009, p. 18), nos brinda. A súbita alegria oriunda do nosso encontro com eles a cada sutil movimentação gerava em nós a vontade de não fazê-los pensar que estavam, mais uma vez, enganados ou desamparados socialmente. O compromisso converteu-se, então, em comprometimento legitimado nas nossas ações para conosco, para com aquele espaço físico e geográfico e, mais ainda, para com eles e suas humildes, e caprichadas, permanências sociais que permitem reavaliar suas condições de sujeito sociais no cenário político de seus contextos (SANTOS, 2001).

Figura 12 - Foto extraída da primeira chamada do Curta VK.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=s0qmcSSYF6I#t=45>

A partir daí, das nossas andanças pelo bairro: idas às escolas públicas, as caminhadas pelas Feiras de domingo, nos e comunhões ainda mais expressivos dessa gente para com o 1º

Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy, para consigo simultaneamente, fez com que vestíssemos, literalmente, a camisa do projeto. Começamos a nos profissionalizarmos popularmente, com o aval dos grandes escritores e estudiosos da área, e o Guilherme Junior, nosso artista por formação, teve a ideia de criar um logotipo que, em seguida, tornaria o símbolo do Coletivo gerado por meio do Festival, o Coletivo Curta VK.

Figura 13 - Logo do Curta VK



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Passamos, então, a figurar nos lugares como representantes do evento e do Coletivo, a exemplo de alguns que já mencionamos logo de início, que ansiava extirpar da VK toda a imagem cinza e fúnebre que, desde a época da Favela do Esqueleto, ela trazia consigo. Desejávamos, com candura e humildade, lhe dar outra interpretação que, diferente do que estávamos acostumados a ver, ouvir e falar, se valessem das páginas de alguns dos principais veículos de comunicação da cidade, igual a que veremos a seguir, para mostrar-nos com nossas capacidades e desenvolturas que se expressam em arte no advento da representação social, através de práticas motivadas e encaminhadas por movimentos de educação, especialmente, de cultura popular – na irredutível recusa à poesia não vivida, novamente aproximando-nos a Vinicius de Moraes (2008), em sua poesia “O Haver”.

Figura 14 – Matéria publicada sobre o Curta VK, no jornal Extra. Na foto, a professora Isabel Navega, o professor Guilherme Junior, e a jornalista Débora Dantas.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Figura 15 - Gravação da chamada, para o festival, na Coluna semanal de evento do jornalista Fábio Júdice no RJTV.



Fonte: <http://extra.globo.com/noticias/rio/zona-oeste/festival-de-cinema-quer-mostrar-um-outro-lado-da-vila-kennedy-onde-violencia-nao-o-foco-4062675.html>

Em um novo poema de amor escrito pelo nosso querido poeta inspiração, de amor pelas exuberâncias e gostos populares de sua gente, ele responde a um questionamento feito pelo Mr. Buster (Moraes, 2008, p. 214), um “americano simpático”, “muito rico” e influente em seu país, sobre o fato de Vinicius querer voltar a sua nação, aparentemente subdesenvolvida – hoje emergente – diante do cenário econômico mundial, depois de já haver permanecido mais de cinco anos usufruindo do bem-estar propiciado pela estadia no contexto de Buster. Vinicius, então, diz à indagação do magnata que era coerente seu questionamento, e que talvez ele estivesse certo em pensar assim e, permanecer no exterior gozando de todos os apetrechos concebidos, seria uma viável opção, mas, de imediato, lhe faz uma pergunta reflexiva: “O Sr. sabe lá o que é um choro de Pixinguinha? O Sr. sabe lá o que é ter uma jabuticabeira no quintal? o Sr. Sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?”.

Nós sabemos e muito. Infelizmente, não damos conta das indagações contextuais de Vinicius, mas sabemos, como ele, da importância do prazer concebido na comunhão e na partilha dos pequenos e reluzentes sentimentos. Sabemos, ainda, o quanto o prazer incomensurável dos gestos, que amiúde habitam o imaginário social e coletivo, ajuda-nos, no diálogo com suas ambivalências, a transfigurar a nossa realidade tão historicamente opressora. Para Mr. Buster, a completude da vida limitava-se às cegas interpretações de que a felicidade andava lado a lado às condições financeiras, e esplendorosas, que possuía; para Vinicius, tal deleite encontrava-se em outros caminhos como, por exemplo, na participação da poesia singela e humilde que legitima o gosto popular pela simplicidade.

A vivência do Poetinha aproxima-nos à experiência do Curta, neste estágio de composição, porque, a exemplo do escritor e de sua amável passagem, a vida brindou-nos igualmente com a compreensão de que é nos pequenos movimentos que se transborda contentamento e plenitude. Como Vinicius e outros tantos atores sociais, populares no nosso caso, acreditávamos no potencial dos moradores à medida que eles, simultaneamente, creditavam em nós, nas nossas movimentações, a esperança na mudança e que, através dela, poderíamos, sim, romper com o estigma de que, somente, representávamos um problema social frente às questões populistas de nossa época. O que nos entusiasmava cada vez mais quando nos dávamos conta de que estávamos fomentando um espaço em que a educação para o povo começava a ceder lugar a educação que o povo criava: com ele, adaptados na Vila Kennedy– momento pelo qual acreditamos que os moradores, no reconhecimento de suas experiências pulsantes, solidárias, concebem a educação popular no aprender-a-saber com o outro, criando-a a partir das alternativas não determinadas, ou impostas, que valorizam as

formas de atuação autênticas de seu povo: que vive com intensidade, sabedoria e astúcia, sua época (FREIRE, 2011a; BRANDÃO, 2009).

Figura 16–Convite para o Festival posicionado no viaduto que liga os dois lados da Comunidade.



Fonte: <http://curtavk.blogspot.com.br>

Queríamos, com o Festival, chamar a atenção para o audiovisual e para as etapas que o processo construtivo das criações fílmicas possui. Ademais, desejávamos despertar o interesse pela produção, edição e filmagem de vídeos, precisamente, de pequenos curtas, com temas de conhecimento geral e/ou ambientados na Vila Kennedy – momento pelo qual acreditamos que os moradores, no reconhecimento de suas experiências pulsantes, solidárias, concebem a educação popular no aprender-a-saber com o outro, criando-a a partir das alternativas não determinadas, ou impostas, que valorizam as formas de atuação autênticas de seu povo; que vive com intensidade, sabedoria e astúcia, sua época (FREIRE, 2011a; BRANDÃO, 2009)

Para tanto, na semana anterior ao Festival, no dia 10 de março de 2012, disponibilizamos uma oficina, com o apoio do grupo Estética Central – que foi criado no ano de 2011 por ex-alunos da Escola de Arte e Tecnologia Oikabum, com a intenção de promover o uso de tecnologias mais acessíveis à população e oferecer inúmeras possibilidades encontradas nas mídias móveis através de celulares e de pequenas Câmeras de Vídeos¹⁹–na Vila Olímpica Ary de Carvalho. Lá, os integrantes conversaram com os produtores, muitas

¹⁹ Disponível em <https://www.facebook.com/esteticacentralweb>

das vezes amadores, sobre a utilização de equipamentos mais acessíveis como, por exemplo, celulares, câmeras digitais e webcams. Eles deram dicas também a respeito da elaboração de um roteiro, sonorização, luz além de dar dicas sobre roteiro, sonorização, luz e etc.

Com esse estímulo, queríamos que eles entendessem que, mesmo sem os aparatos tão oportunamente necessários e sofisticados para edição, como se vê nas grandes telas, eles, os moradores editores, também poderiam ser produtores e roteiristas de grandes histórias e filmes. Com o gesto, pretendíamos, também, permitir que os moradores e vizinhos da localidade pudessem ter acesso a todas as etapas do Festival: desde a confecção, a exibição e, por fim, a premiação dos filmes participantes. Tudo isso com o objetivo de estimular o desenvolvimento da cultura cinematográfica na Vila Kennedy, de integrá-la às suas realidades e contextos, captando a então movimentação da vida e suas inúmeras composições, deixando, então, de ser um espaço preponderantemente fabricante de memórias repetitivas, para ser um espaço comunicante e, portanto, criador (FREIRE, 2011b).

O próximo passo resultou na culminância do evento com a abertura do Festival, que foi dividido em três partes. A primeira, realizada na abertura do evento, dia 16 de março de 2012, contou com exposições de curtas-metragens produzidos e dirigidos por cineastas convidados. As sessões, desse dia, foram destinadas às crianças, mas os convites individuais foram feitos, diretamente, aos representantes das escolas públicas da comunidade, pois acreditamos ser de suma relevância estabelecer conexões entre elas e os espaços populares de ensino não-formal; assim como também porque cremos que é dentro desses estabelecimentos, de ensino formal, que encontramos o maior percentual, como retratado pelo índice do Instituto Rio, de habitantes que menos se beneficiam de ações que estimulem o exercício de suas cidadanias através de atividades culturais e lúdicas que, antes de mais nada, os considerem como provedores de conhecimento e cultura que se compõem em redes de conhecimento.

Esse distanciamento entre as comunidades populares e os bens culturais de acesso aos mais variados tipos de informação dá-se por inúmeras razões. Uma delas, bem latente, nós já conhecemos bem: é a localização geográfica. Desde a época em que a Vila era Esqueleto, vislumbrar a mudança para uma área mais afastada da cidade já causava transtorno entre os moradores; com o câmbio efetivado, não foi diferente e, durante todos os 52 anos vividos, o cenário pouco se alterou: os meios de entretenimento e comunicação estão todos posicionados nas outras zonas da cidade, precisamente, nas zonas Sul e Norte. O que inviabiliza a vinda deles para cá e, sucessivamente, a ida da população para lá, sem contar que, para direcionarem-se aos lugares cujas intervenções culturais são mais frequentes, há um gasto

sobre-humano com passagem e alimentação – que acaba por esbarrar em outra razão: a financeira, pois muitos dos habitantes da localidade são muito mal remunerados.

Voltando ao aspecto escolar, boa parte das instituições públicas convidadas não compareceu ao festival como disseram e como esperávamos. Apenas uma delas marcou presença no dia da Seção Criança, a Escola Municipal Joana Angélica. Isso se deu motivado por algumas razões: uma delas é a localização da escola, situada ao lado do espaço onde as seções aconteceram, o Teatro Mário Lago; a outra, é o fato de os profissionais de ensino vibrarem com iniciativas cujas temáticas acercam-se às do Curta VK, mas, sobretudo, por acreditarem que é na interação entre escola, o meio social, e seus integrantes, como o elo que vai para além das predeterminações curriculares, que os processos de aprendizagem acontecem e, transversalmente, estimulam a consciência cidadã de seu povo e os desafios que suscitam novas construções da realidade e conhecimentos de mundo.

Outro aspecto a ser considerado ficou claro, antes e após as duas rodadas fílmicas, nos diálogos com os professores do colégio: a importância atribuída às iniciativas que contribuem para a ruptura do entendimento de que os profissionais de ensino sejam “tratados como operadores de um sistema que prevê desde o planejamento das aulas, os materiais didáticos, até a avaliação”, deixando de considerá-los em suas totalidades, experiências e vidas, repletas de significância e protagonismo, para serem responsáveis pela divulgação de resultados que visam avaliar, entre tantos outros critérios, os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). E nesse intercâmbio de saberes proporcionado pelo uso do audiovisual como meio para aqueles que o fazem e para o público também, alunos e professores, mostram que a troca de saberes entre eles, seus meios e mundos, é sempre um local de formação livre, aberto e permanente (FRESQUET, 2015).

Muitos dos maestros, inclusive, retrataram a dificuldade de trazerem, para o espaço escolar, propostas pedagógicas que não casem, impreterivelmente, com os materiais didáticos estabelecidos pela rede na qual lecionam. Mesmo com a abertura da direção escolar que, na medida do possível, instiga as movimentações artísticas, a escola segue carregando, como descreve Fresquet (2015: p.17), “o peso de ser tradicionalmente caracterizada pela afirmação de regras e certezas”, distanciando a possibilidade de eles, os profissionais, expressarem-se através da arte de estar em contato com a educação nossa de todo dia, mas também de, mesmo involuntariamente, impedirem seus alunos de abrilhantarem o caminho cotidiano daquele ambiente e a jornada de suas vidas com as construções astutas que percorrem seus desejos infinitos e inesgotáveis.

Figura 17 - Seção Criança no primeiro dia do Festival Curta Vk.



Fonte:<http://curtavk.blogspot.com.br>

Com a participação das crianças que ocuparam os 164 assentos no primeiro dia do evento, prestigiando, interagindo, criando e recriando suas culturas juvenis, entendemos que pensar as relações entre cinema, como prática educativa, e infância é legitimar a construção do sentido diante das potencialidades dos indivíduos como participantes ativos na construção do sentido que se faz, mutuamente, na sociedade. Vimos, ainda, como essa afeição dá-se nos espaços onde as crianças posicionam-se como atores sociais no seu desenvolvimento integral, agem e trazem mudanças à sociedade ao produzirem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas (CORSARO, 2011).

E a participação da Escola Joana Angélica convidou-nos para a reflexão de que os ambientes formais de ensino, como já sabemos, não figura meramente, e apenas, como um espaço físico e geográfico dissociável do social dessa gente: eles são a comunhão de tudo o que pulsa na criança, no jovem, no adulto, ou seja, nos sujeitos em trânsito permanente entre suas escolhas, expectativas, sonhos, ambições e realidade. Convidando-nos, ainda, a refletir, frente à experiência do Curta e as muitas que ele pode proporcionar, sobre o papel da escola nesse processo de conhecimento. E como ela interage diante dessa relação intrínseca que se faz entre as práticas educativas em consonância com as interpelações da educação popular; e

até que ponto “é possível que a escola se sirva disso”, mencionando Paulo Freire (2011b) neste momento de observação. Mais adiante, tentaremos dissertar um pouco esse assunto, utilizando-nos ainda do vínculo com a Casa de Aya.

No primeiro dia do Festival, tivemos, contudo, a Oficina Rádio na Rua. Ela foi ministrada pelo Coletivo Curta Favela e teve por objetivo a criação de uma produção radiofônica, ou seja, de sequências sonoras, que nos ensinou os princípios básicos para se operar um áudio: como essa técnica se caracteriza, quando começa, sequência e finaliza. Assim, os alunos da Escola e os demais espectadores, que com maior representatividade participaram das atividades no primeiro dia do festival, puderam, no final da última seção de sexta-feira, interagir com outra modalidade artística tão significativa quanto o audiovisual, a música, e ouvirem suas invenções ao vivo, transmitidas e sintonizadas nas ondas sonoras da Rádioatravés de seu canal de acesso pela internet.

A segunda parte do 1º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy envolveu o segundo dia do evento, dia 17 de março. Nesse dia, assistimos ao Filme “5x Favela agora por nós mesmos”, produzido por Cacá Diegues e Renata Almeida Magalhães, e dirigido por jovens cineastas moradores de favelas do Rio de Janeiro. O desejo do filme é o de apresentar cinco curtas, de 20 minutos, que versem sobre inúmeros aspectos pungentes às vidas comunitárias. Ele é, ainda, classificado como um intertexto ao que foi produzido no ano de 1961 e denominado como o “marco do Cinema Novo”²⁰, cujo nome dá-se pela frase inicial do assistido no festival, “5x Favela” – também produzido por Cacá Diegues e por mais quatro amigos, Leon Hirszman, Miguel Borges, Joaquim Pedro de Andrade e Marcos Farias, que, à época, adentraram os morros cariocas para realizar um longa-metragem em episódios. O episódio de Cacá Diegues foi “Escola de Samba Alegria de Viver” que fala dos esforços de uma pequena escola de samba para desfilar no Carnaval, além dos conflitos entre seu líder e a mulher dele, envolvida em lutas sindicais²¹.

Para dialogarmos com a proposta do evento, de que a Vila fosse vista e feita por outros olhos, pensamos neste filme porque sua temática é bem próxima a do nosso contexto. Os episódios criados dentro das grandes comunidades populares do Rio de Janeiro retratam um misto de experiências que falam dentre uma série de questionamentos, de solidariedade e tolerância; dos laços entre família e a própria comunidade; e, muito pertinente, das

²⁰Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-180470/curiosidades/>

²¹Fonte: <http://www.carlosdiegues.com.br/osfilmes.asp?idF=1>

adversidades que sofrem cada morador por viver, sobreviver e existir no seu lugar. Outra característica muito marcante, honrosa e integralmente correlacionada ao nosso projeto é o fato de que este longa-metragem é o primeiro a ser concebido, escrito e realizado pelos jovens moradores da própria localidade – tal como o Curta.

Neste dia, para que a aproximação fosse mais efetiva, conseguimos trazer a diretora de um dos episódios, o “Fonte de Renda”, Manaíra Carneiro, para que pudéssemos entender, e conversarmos com a população ali presente, as circunstâncias pelas quais ela, jovem diretoria de cinema e moradora de comunidade popular, chegou ao roteiro e as concepções do curta diante da conjuntura dos fatos. O que nos ajudou a refletir acerca das condições da juventude brasileira desde os princípios básicos para a subsistência desses indivíduos até a anulação de seus direitos legitimados por lei como, por exemplo, o ingresso ao ensino superior, a falta de perspectivas profissionais, os preconceitos de raça e classe enfrentados diariamente. No entanto, o Curta mostra a possibilidade de se romper, perspicazmente, com tal estigma e superá-lo, mesmo sendo essa uma manobra difícil e desigual.

Para fazer companhia à Manaíra, no debate suscitado após a exibição do filme, recebemos também o produtor Cavi Borges, conhecido por ser o fundador da vídeo-locadora Cavídeo, que contava com um vasto acervo de filmes de arte e clássicos da cinematografia, e da produtora que possui o mesmo nome e já protagonizou a criação de vários curtas e longas-metragens, incluindo, o “Cidade de Deus – 10 anos depois”. A roda de conversa contou também com a participação do presidente da ONG Atitude Social, e coordenador do Ponto de Cultura Aos Pés do Santa Marta, Robespierre Avila, que desenvolve projetos sociais no Morro do Santa Marta; do escritor, jornalista, um dos criadores da FLUPP (Festa Literária Internacional das Unidades de Polícia Pacificador - UPPs), Júlio Ludemir, em um bate-papo estimulado pelo historiador e também produtor cinematográfico, Pedro Paulo Rosa.

Figura 18 - Primeira etapa do festival: exibição de curtas-metragens às crianças da Escola Joana Angélica



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Após o debate acolhedor e proveitoso junto da comunidade, dos produtores e dos cineastas, finalizamos as atividades desse grande dia com apresentação da banda Soul de Brasileiro, composta por três jovens moradores da Vila, J. Junior, Aline Silva e Genilson Vieira. Momento igualmente esperado pelos moradores, devido o prestígio que os músicos possuem na comunidade, o repertório deles ser atraente e instigante, ademais do grandioso talento vocal que cada um deles detém. Em mais um dia, pudemos perceber o contentamento dos participantes diante das etapas do Curta. Vimos o público crescendo, diversificando-se, aplaudindo as iniciativas, vendo pertencimento nelas, integrando-as por saberem que também faziam parte desse grande espetáculo da vida em trânsito, movimento e renascimento.

Amanhecemos extasiados por causa dos dois maravilhosos dias de evento. Era domingo, a feira semanal convidava os moradores para o amanhecer que se iniciava, despontando com cheirinho de fruta madura, e nos usava para, junto dela, ir ao encontro dos nossos espectadores populares de modo a reiterar que, ao entardecer, esperávamos por eles, no Teatro Mário Lago, para mais um dia de evento, infelizmente, o último que se caracterizou pelo encerramento do Festival. Para esse dia, tivemos a exibição dos curtas-metragens enviados por seus idealizadores com intuito de participar da mostra competitiva, dividida em duas categorias: a de “Tema Livre” que, como o título já indica, deveria conter produções cujos roteiros não se restringiriam a algum tema específico e a “Eu Curto a VK”, que contou com a exibição dos curtas ambientados na Vila Kennedy, produzidos por moradores ou não, mas que dessem conta das questões relacionadas à história, a população, a vida cotidiana dos moradores, seus problemas, apreensões, ou seja, deveria considerar a Vila Kennedy na narrativa fílmica.

No tocante à premiação dos curtas, ficou a cargo do Júri Técnico, composto pelo escritor e jornalista Júlio Ludemir, o cineasta Bruno F, o produtor cultural Gustavo Bergantes,

o professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Aristóteles Berino e do, à época, diretor do teatro, Eraldo Santos Dellea, a eleição do filme que melhor se aproximou dos critérios estipulados por eles para a escolha do ganhador da categoria “Tema Livre”, que recebeu um total de 26 produções. Já na categoria de “Eu Curto a VK”, acercando-nos dos entendimentos Freireanos de valorização das potencialidades dos sujeitos, ficou a cargo dos próprios moradores, como representantes e integrantes ativos não só da comunidade, mas de suas escolhas, a definição de quais dos 5 curtas-metragens recebidos, ambientados na Vila Kennedy, melhor correspondia à proposta da categoria e, de certa forma, do festival, que buscou a todo momento o reconhecimento e aproximação dos habitantes locais com seu ambiente.

Para a Mostra competitiva de “Tema Livre”, que aconteceu no dia 18, recebemos a inscrição dos seguintes curtas:

Tabela 1 – Curtas inscritos na mostra competitiva de “Tema Livre”.

Título	Direção
(A)Normal	Simone Helfer (Oginao Produções)
Fugalaça	Walter Quevedo
Ícaro	Jaqueline Lima
Golada – o rapto Sanguinário do Duende Sensitivo	Danielli Lima
Olha a Pipa	Pedro Portella
Pôr-do-sol	Fabíola Loureiro
Vila Aliança – Memórias em Cinco Minutos	Jeferson Cora
Poetas não escrevem romance	Kadu Burgos
Uma Nova Chance	Edu Pereira
Olhares sobre os 20 anos do	Lucas Pablo S. de Oliveira

Estatuto	
Cartas de Tereza	Marcelo Mendanha
Ele vem	Guilherme Augusto
NOPH História de Santa Cruz	Observatório de Gente
Luthieria – Família Vieiras	Observatório de Gente
Chacina	Tadeu Lima
Primeira Máquina do Tempo do Mundo	Joseane Antunes Cataldo
Meditação	Luis Cassiano
Bangu – Território em Transição	Marcelo Gularte
Valão da Sorte	Grupo Código
Camila Conta	Grupo Código
Agora	Grupo Código
Agora	Grupo Código
A bolsa é minha	Grupo Código
Cidade Partida	Vitor Hugo Fiúza e Wallace R
O amor de Nelson Cassus	Jardim do Éden
Pra inglês ver	Vitor Granado e Robson Dias

Para a temática “Você curte a VK?”, recebemos cinco produções:

Tabela 2 – Curtas inscritos na mostra competitiva de “Tema Livre”

Título	Direção
Cultura – Solução para uma vida melhor	Andrey Araújo
Histórias de Vida	Cátia de Souza Barbosa Fontes
O Santo Cão e o Esquisito	Claudia Vasconcelos
Rio das Sardinhas	Vanderson Rogério
Kennedy – Uma semente do amanhã	Leila Gabriel dos Santos

Figura 19 - Ainda na terceira etapa do festival: pronunciamento do júri técnico a respeito do curta-metragem vencedor da categoria “Eu curto a VK”, com filmes ambientados na Vila Kennedy, que contou com a participação do escritor Júlio Ludemir, do cineasta Bruno F, do produtor cultural Gustavo Bergantes, do professor Aristóteles Berino e do, então, diretor do Teatro Mário Lago, Eraldo Santos Dellea, divulgando os curtas ganhadores de “Tema Livre”.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

De todas as produções, apenas cinco de cada categoria foram selecionadas para exibição na grande tela do teatro. Das 26 contidas na categoria “Tema Livre”, os curtas foram: Vila Aliança – Memórias em Cinco minutos, de Jeferson Cora; Chacina, de Tadeu Lima; Pôr do Sol, de Fabíola Loureiro; A Primeira Máquina do Tempo do Mundo, de Joseane Antunes Cataldo; Bangu: Território em Transição, de Marcelo Gularte – sendo os dois últimos os ganhadores da categoria respectivamente através do “Júri Técnico” e do “Voto Popular”. Na categoria “Você curte a VK?”, o número de produções submetidas para inscrição não foi maior que cinco, relativamente alto, devido as circunstâncias e ser o primeiro projeto de incentivo à produção audiovisual na Vila Kennedy, justamente por isso todas as encaminhadas foram selecionadas para a participação na competição dessa categoria, ou seja, foram disponibilizadas para que o público ali, responsável pelo “Júri Popular”, pudesse optar pela mais coerente, afável e favorável das produções. Dos cinco curtas-metragens projetados, o curta “Histórias de Vida”, produzido pelo professor Wanderley e pela professora Cátia de Souza Barbosa Fontes, da Escola Municipal Ciep Vila Kennedy, junto de 39 alunos do Programa Educação de Jovens e Adultos, o PEJA, foi o ganhador unânime da categoria que também contou com o “Voto Popular”.

Figura 20 - Terceira etapa do festival: exibição dos curtas-metragens que participaram da mostra competitiva



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Dentre as oficinas, as exposições e os debates que compuseram o projeto de intervenção cultural na Vila Kennedy, o acesso aos vídeos que participaram da mostra competitiva, cujo tema era “Eu curto a Vila Kennedy”, foi um dos momentos mais esperados do evento, porque muitos moradores desejavam assistir às produções em que estavam envolvidos, as de seus vizinhos e amigos; o que propiciou, evidentemente, o diálogo deles com seu meio, e o entendimento de que o Teatro, suas vidas e histórias deixam de ser um espaço preponderantemente fabricante de memórias repetitivas, para ser um espaço comunicante e, portanto, criador, com o propósito de afirmar a própria existência como uma capacidade criadora – fazendo uso das nobres palavras de Paulo Freire (2011b) e acrescentando às de Berino (2007).

Tal como observado em outra oportunidade em que trabalhei com o mesmo projeto (NAVEGA, 2013). Na ocasião, foi possível perceber o envolvimento dos espectadores nos diversos momentos em que se entrelaçavam com as experiências fílmicas, deixando-se conduzir pelo sentido da narrativa, enquanto atribui significados a ela. Visivelmente, a troca de experiências produziu no espectador e em nós, que os contemplávamos – os moradores e os audiovisuais –, novas formas de interpretar as informações transpassadas nas projeções dos filmes, tiramos como exemplo o Curta ganhador da Mostra competitiva “Você curte a VK?”, o “Histórias de Vida”. No momento em que se descobriam atores nas histórias projetadas de seus conterrâneos, compreendíamos como os papéis sociais que desempenham se entrelaçam, se entrecruzam em cada relato disponibilizado na fala dos moradores-atores do Curta ganhador.

Nessa perspectiva, deparamo-nos com alguns discursos que, ademais do alcance mobilizador no momento de sua exibição, representa, media e permite um diálogo ativo com temáticas que incluem, entre outras questões, os deveres e direitos da população em sua totalidade. Como prova, temos o relato da aluna-atriz Maria José Lopes, uma senhora que na idade infantil não pode ir à escola e apanhou porque foi escondida, já que, segundo seu pai: “mulher não precisava aprender a ler. Aprender a ler pra quê, para escrever carta para o namorado?” (NAVEGA, 2013, p. 33). Outro exemplo é o da aluna Elza Maria, ela que, por razões diversas, não pode frequentar o colegiado na fase regular, diz que, ainda hoje, existem pessoas que a questionam se ela, na idade atual, uma senhora de 70 anos de idade, ainda tem “algo a aprender”. Ciente do seu papel social, Elza contrapõe dizendo: “eu ainda tenho muita coisa a aprender ainda”, ou seja, a educação sendo utilizada, nesse contexto, como elemento de superação, ou até mais do que isso, como elemento de possibilidades (Ibidem, p.33).

Outros dois relatos e experiências sociais do filme “Histórias de Vida”, entre tantos, tornam-se bem marcantes no ato de sua exibição. O primeiro é quando os alunos Carlos Davison e Mara Regina evidenciam seus sonhos: ele diz que é o de “ajudar ao próximo”, e ela revela seu desejo de “ser escritora”. São sonhos simples, mas são suficientes para marcarem as participações desses dois personagens na trama. Seus desejos rompem com os estereótipos de que, por viverem em uma região cuja precariedade do básico, como sustento, é constante, não possam por fim aos paradigmas que lhes são, constantemente, atribuídos (Ibidem, p.34).

Percebemos que os usos produzidos pelos moradores interpelam não só as concepções e práticas, individuais e coletivas, desses indivíduos, mas também as memórias sociais dos saberes de uma vida cotidiana marcada por inúmeros sentimentos, dentre eles, os que refutam o entendimento de que representam a estranheza e a incompletude da sociedade. As experiências, identidades e diversidades projetadas na grande tela, entrelaçadas às contidas nas manifestações singulares e, simultaneamente, grupais dos espectadores fez-nos chegar a compreensão de que o reconhecimento das diferenças transforma-se em arte: de ver, se ver, de viver os desdobramentos da vida e da cultura popular ineditamente como um espaço onde novos caminhos surgem pela necessidade e coragem de seguir adiante.

Desejando ampliar, ainda mais, a aproximação do público morador com o público espectador e, por conseguinte, com o público sujeito ativo na construção do sentido, conseguimos trazer dois ex-moradores da comunidade que, por suas resiliências, ajudaram-nos a projetar a beleza da Vila Kennedy através de seus protagonismos como habitantes, ao contrário das mazelas, incompletudes e diferenças socioculturais que lhes rotulavam, e que nos seguem rotulando até os dias de hoje nas grandes manchetes de jornal. São eles: Toni Garrido, cantor, compositor e vocalista da Banda Cidade Negra, e o ator e rapper André Ramiro, bem conhecido pela participação no filme *Tropa de Elite*, de 2007, dirigido por José Padilha e, no qual, interpretou o papel do policial Mathias, do BOPE.

Outra personalidade que serviu-nos de inspiração pela sensibilidade entre educação e as classes populares, e abraçou o projeto com total carinho, como “teia das incontáveis formas de relações entre pessoas, grupos e símbolos da vida social” (BRANDÃO, 2009, p. 24) foi o jovem Renê Silva, morador do Complexo do Alemão. Ele, que teve seu nome nacionalmente conhecido pela iniciativa de – em meio aos conflitos territoriais – criar uma rádio, “A voz da Comunidade”, relatou todo o processo de ocupação da Polícia Militar do Rio de Janeiro no Alemão, em 2010, visando alertar aos moradores sobre enfrentamento que a comunidade

passava diante dos brutais confrontos, ademais de permitir, paralelo a isso, a visibilidade daqueles que lutavam, e ainda lutam, individualmente a favor da causa popular.

Tê-los, ali, participando do enlace final do nosso projeto, o encerramento, fez-nos concluir que todo o trabalho pensado de valorização dos saberes populares na integração com seu meio, por meio da então “sensibilidade saudosa ou reativa em relação ao lugar”, como menciona o professor Aristóteles Berino em seu livro “A Economia Política da Diferença” (2007), só foi possível por causa da abertura à vida e aos contratempos que, bem no começo dessa parte do trabalho, mencionamos. O Toni, o Renê e o André Ramiro não foram, apenas, entregar os prêmios e os troféus aos produtores dos curtas ganhadores, mas mostrar-lhes que:

É ao longo do processo coletivo de transformá-la(a sociedade), por meio do qual as classes populares se educam com a sua própria prática e consolidam o seu saber popular com o aporte da educação popular. Pela primeira vez surge a proposta de uma educação que é popular não porque o seu trabalho se dirige a operários e camponeses prematuramente excluídos da escola seriada, mas porque o que ela “ensina” vincula-se organicamente à possibilidade de criação de um saber popular, por meio da conquista de uma educação de classe, instrumento de uma nova hegemonia (BRANDÃO; ASSUMPCÃO, 2009: P.34).

Figura 21 - Último dia do festival: exibição dos curtas e premiação



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Em função dessa perspectiva, percebemos na projeção e na elaboração do 1º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy, em 2012, que falar de experiências com cinema estabelece conexão com diversos elementos importantes para a construção do sentido. Além de suas manifestações mediarem e propiciarem o diálogo ativo com temáticas que englobam, entre outras questões, deveres e direitos da população como um todo e, por sua vez, permitem que o indivíduo, no resgate de sua cidadania, declare suas ambições, resignações, exigências, crenças, saberes, questionamentos e reivindicações quando determinados assuntos são postos em questão: por isso da sua importância nos múltiplos contextos sociais que circundam a educação popular nos dias de hoje.

Seguindo esse viés, de permanência e crescimento do Curta VK como iniciativa que vislumbra a integração do cinema – que nos permite aprender e ensinar com diálogos que relacionam diferentes áreas na produção do conhecimento dentro das narrativas ficcionais – com a educação popular – cujas classes populares se valem em maior peso nas construções e nas formas de atuação e que, por isso mesmo, precisam impor seu próprio caminho, sua cultura e também sua educação – que seguimos itinerantes em prol da autonomia, reconhecimento e participação das imagens e valores do povo no seu próprio processo de sentido, de concepção do mundo e das práticas sociais de emergência e participação a favor da contribuição social dessa gente para com seu espaço e humanidades (BERINO, 2016; FRESQUET, 2015).

E a batalha, em prol da busca por novas saídas que estimulem o desempenho ativo e o protagonismo das classes populares sobre suas massas, apenas começou. No ano de 2013, buscamos patrocínio, editais e financiamentos, mas não logramos êxito nos nossos intentos. Com o apoio comunitário, os mesmos que nos ajudaram na primeira edição, conseguimos realizar uma pequena mostra em comemoração ao aniversário do 1º Curta VK. Nesta, o diretor Cavi Borges enviou-nos seu longa-metragem “Cidade de Deus: dez anos depois”, para prestigiar o evento, recebemos o ilustre ator, morador também de uma grande comunidade popular do Rio de Janeiro, Firmino, mas conhecido como Zé Pequeno. Assistimos ao filme e, posteriormente, em uma roda de conversa nos entrelaçamos com o emaranhado de vida e de história que o ator nos proporcionou conhecer. O evento aconteceu em uma tarde clara de sábado e, diferente do ano anterior, foi realizado na Creche das Irmãs, conhecida na Vila Kennedy pelo seu trabalho social com as crianças da localidade.

Figura 22-Chamada para a mostra de 1 ano após o 1º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Figura 23 - Chamada para a mostra em comemoração ao primeiro aniversário do CurtaVK



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

E, com todas as dificuldades, por meio das iniciativas de menor dimensão e apoiando outras movimentações pungentes dentro da comunidade, passamos e passeamos pelos anos vindouros na expectativa de que, mais cedo ou mais tarde, daríamos continuidade ao Festival Curta VK em sua 2º edição. Chegamos, então, ao ano de 2015. Com o mesmo desejo dos anteriores, igualmente incansáveis e sedentos de experiências. Unimo-nos uma vez mais e, por intermédio do Prêmio de Ações Locais RIO450, fomos contemplados com um edital de R\$ 40.000,00 para a elaboração, com as mesmas propostas e temáticas do primeiro festival, do finalmente 2º Festival; ressaltando a inclusão de oficinas semanais para a elaboração de curtas-metragens feitos por jovens da comunidade e a exibição de curtas relacionados à leitura sobre a diversidade – visto o evento ser próximo ao dia da Consciência Negra, 20 de novembro. O convite foi estendido, também, às escolas da região cuja faixa etária de seus alunos seria, diferente dos demais, a partir dos 14 anos de idade.

3 CASA DE AYA

“Se a mudança faz parte necessária da experiência cultural, fora da qual não somos, o que se impõe a nós é tentar entendê-la na ou nas suas razões de ser. Para aceita-la ou negá-la devemos compreendê-la, sabendo que, se não somos puro objeto seu, ela não é tampouco o resultado de decisões voluntaristas de pessoas ou de grupos. Isto significa, sem dúvida, que, em face das mudanças de compreensão, de comportamento, de gosto, de negação de valores ontem respeitados, nem podemos simplesmente nos acomodar, nem também nos insurgir de maneira puramente emocional. É neste sentido que uma educação crítica, radical, não pode jamais prescindir da percepção lúcida da mudança que inclusive revela a presença interveniente do ser humano no mundo” (FREIRE, 2014: p. 34).

“Poder dormir,
 Poder morar,
 Poder sair,
 Poder chegar,
 Poder viver,
 Bem devagar
 E depois de partir, poder voltar,
 E dizer: este aqui é o meu lugar!
 E poder assistir ao entardecer,
 E saber que vai ver o sol raiar,
 E ter amor, e dar amor,
 E receber amor até não poder mais,
 E sem querer, nenhum poder,
 Poder viver feliz pra se morrer em paz!”

Vinicius de Moraes, Toquinho e Hermano Silva
 em “A Terra Prometida” (2011) 22

“A educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida”
 Freinet, (2004: p. 9)

Como marquei outrora, a minha relação com as experiências de mundo, que a vida em amorosidade me presenteia, sempre culmina em novas histórias. O Curta, como toda a arte do encontro e de seus desencontros pela vida²³, deu frutos instigantes, um deles é a Casa de Aya – que lhes apresento a partir de agora através das vivências que, juntos, construímos com o mesmo grupo de amigos, a exceção do Jonatan Pontes e da Érica Magni, incluindo duas novas integrantes, a Camila Aguiar e a Ingrid Pontes. A Casa surgiu por meio da vontade de, a exemplo da trajetória do Curta VK, seguir com as intervenções culturais de forma mais frequente e contínua na Vila Kennedy, pois o Curta, como foi apresentado, tem suas projeções

²²Moraes, Vinicius de; Toquinho. **A Terra Prometida**. São Paulo: RGE, 1971.

²³ Moraes, Vinicius de. **Samba da Benção**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1965.

em momentos pontuais do ano; diferente das atividades da Casa que, inicialmente, começaram com manifestações artísticas mensais, de troca de saberes, que foram se expandindo gradativamente à medida que novos colaboradores, e parceiros, juntaram-se a nós voluntariamente.

O Curta serviu-nos de estímulo para o sonho coletivo de se criar um espaço cultural cujas iniciativas baseavam-se no desejo de reconfigurar o cenário da Vila Kennedy, tão indesejado pelos moradores e malvisto pelos olhos das outras camadas sociais; e de permitir que os próprios moradores pudessem participar, autonomamente, na construção da aprendizagem em todos os seus âmbitos. No capítulo anterior, falamos um pouco de como iniciamos a contribuição para o novo entendimento sobre a representatividade da Vila – isolada a de sinônimo de inculta, rotunda de irracionalidade, de portadores de seres incivilizados e, mais ainda, de ignorantes sociais e políticos – e dessa ânsia de fazê-los, moradores e sujeitos ativos de suas produções, agentes nas diversas ações afirmativas da sociedade, incluindo as nossas.

A Casa, então, como espaço que exprime fraternidade, esperança e, sobretudo, continuidade do nosso Curta foi, assim, sendo construída: com as portas e janelas abertas aos sonhos pela emancipação social de nossa gente, que, no aprender às adversidades, revelam que “suas leituras do mundo, da cidade, do campo, das relações políticas, de produção, de trabalho, estão coladas aos resultados de suas resistências e de suas lutas por sobreviver a tantas opressões impostas”, como bem reflete Miguel Arroyo, no seu livro, “Outros Sujeitos, Outras Pedagogia” (2012, p.15). O mesmo autor diz-nos, ainda, que é sob essa mesma visão que os movimentos sociais, como o Curta VK e Casa de Aya, exigem ser reconhecidos não mais como marginais, segundo o viés predominante das políticas públicas, mas como provedores de conhecimento na história intelectual e cultural da humanidade.

E nessa proposição dialética entre resistir e pertencer, que a Casa tem se movimentado ao longo de sua recente criação: no ano de 2013, logo após a realização do primeiro festival de curtas-metragens da Vila. No final das apresentações do Curta, saímos extasiados com tamanha experiência e, por isso, resolvemos nos encontrar para uma conversa sobre o “que foi o festival”, assim como também para dialogarmos sobre o que ficou bom e o que se pode melhorar daqui para frente. Muito se discutiu, e um dos aspectos abordados, inclusive já apontado ao longo desse trabalho, é a adesão infanto-juvenil às seções voltadas para esse público. Outrora, citamos o fato de estarem, crianças e jovens, próximos ao Tetro Mário Lago como uma das suposições, mas também percebemos que existia um número elevado de

participantes nessa faixa etária, sem qualquer vínculo escolar, integrando o ambiente em todos os dias.

Em conversa com eles à medida que os encontrávamos pontualmente chegando para os espetáculos, entendemos que, o fato de se ter alguma movimentação nas proximidades do teatro, os encorajavam a fazer participar da programação – até mesmo nas seções e atividades que não estavam, diretamente, programadas para eles. Vimos que o que eles queriam, na verdade, era deleitar-se à súbita alegria de saber que poderiam compor aquele espaço como a tantos outros destinados a eles. Não os impedíamos, porque era lindo vê-los entusiasmados doando-nos suas expectativas, de suas mansidões, restando-nos, apenas, ofertar-lhes o prestígio de, também, ocupar os espaços que, sim, foram pensados para eles e, sobretudo, com eles.

Tomou-nos muito as reflexões da vida tê-los, ali no Teatro, totalmente entregues ao Curta. A apreciação deles era tão grande, pueril e concreta, que decidimos ser mais efetivos, contundentes e objetivos nas nossas movimentações enquanto agentes culturais e, aproximando-nos das muitas falas esplendorosas do nosso Poetinha, Vinicius de Moraes, que resolvemos encabeçar, juntos, um projeto em que, pensado na “contemporaneidade com o amanhã dos que não têm o hoje”, atendesse ao público que, desde sempre, nos escolheu para sermos seus porta-vozes na luta pela equidade de saberes e poderes: as crianças e os jovens moradores da comunidade. Frente, então, às mazelas sócias que nos distanciam dos entendimentos hegemônicos, começamos a refletir na possibilidade de se abrir um espaço de cultura, dentro da Vila Kennedy, para esses personagens que, apenas, começaram a desbravar o mundo e as situações inéditas que lhes cercam o cotidiano.

Imediatamente, tivemos a ideia de ocupar o único lugar que sabíamos estar disponível: a casa da Luana Dias, integrante do Coletivo Curta VK. A Luana, que da família herdou uma das casas doadas pelo projeto “aliança para o progresso”, na época da incursão dos moradores do Esqueleto na Vila – o mesmo já retratado aqui – teve a ideia de nos utilizarmos desse ambiente que se encontrava vago desde que ela se mudou para um bairro próximo à faculdade, visto as dificuldades de trânsito que, inclusive, sofremos até hoje para a locomoção entre os bairros centrais da capital carioca. Surgiu, então, o espaço para a troca de culturas e movimentações artísticas no qual denominaríamos Casa de Aya e que hoje, amorosamente, chamamos de Aya.

Aya é um símbolo “Adinkra” que:

Dentre os saberes desenvolvidos pelos Akan – grupo cultural presente no Gana, Costa do Marfim e no Togo, países da África do Oeste – destaca-se a utilização de um sistema de símbolos para transmitir ideias. Cada símbolo está associado a um provérbio ou ditado específico, enraizado na experiência dos akan. O conjunto desses símbolos, chamados adinkra, formam um sistema de preservação e transmissão dos valores acumulados pelos akan.

Pode-se dizer que esses símbolos são um tipo de escritura pictográfica, utilizada amplamente no cotidiano dessa sociedade e que está presente nos tecidos, cerâmica, arquitetura e em objetos de bronze. Da mesma maneira que os documentos escritos materializam a história nas sociedades ocidentais, em muitas culturas africanas é a arte que traz o conhecimento do passado até o presente (Casadas Áfricas, 2016).

Seu significado está associado, diretamente, ao enfrentamento das dificuldades, à perseverança, a mesma resistência que já hemos comentado e a busca pela independência da população como um todo – tal como se compõe a Vila: um ambiente onde os grandes problemas sociais tocam-nos de maneira avassaladora e crescente, mas que igualmente nos instiga a continuar tenaz na luta pela melhoria da nossa condição situacional. Espelhamo-nos na simbologia de Aya, porque acreditamos que, à imagem dos Akans, nossa comunidade popular pode ser sim entendida e lida através da trama das muitas situações que os saberes sociais, e curriculares até, se difundem no entrelaçamento dos gestos cotidianos de beleza, de busca, superação, astúcia e amorosidade.

Figura 24 - Fachada do portão central da Casa de Aya grafitada pelo colaborado, e amigo, Dáblío.



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Diferente do Curta VK, as práticas educativas na Casa iniciaram-se por intermédio do incentivo dos que confiavam nas nossas movimentações e dos que puderam participar do Curta e, felizes, creditaram em nós, no novo coletivo que se formava a partir de então, o Coletivo Casa de Aya, a expectativa de continuar fazendo mais, e melhor, pela Vila Kennedy. E sob um mutirão que aproximou vários moradores, vizinhos, amigos, começamos a moldurar a casa com nossos sonhos, esforços e anseios que culminaram na materialização de um espaço renovado onde a generosidade e a prosperidade constituem-se como sinônimo da morada comunitária dos modos sensíveis e emergentes da população sempre capaz de transfigurar, continuamente, suas relações sociais.

Figura 25 - O educador Guilherme Junior, integrante do Coletivo Casa de Aya, decorando as paredes da Casa.



Fonte: Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Assim temos, a exemplo mesmo da intervenção cultural acima, do educador Guilherme Junior, o saber popular abrindo-se em cor, em vida, em arte, formando-se pela educação que, juntos, começamos a esculpir na casa desde que, nela, projetamos a beleza dos muitos de nossos fecundos quereres frente a nossa comunidade. Até que a casa ficasse do jeitinho que esperávamos, foram dias de muito trabalho e contemplação para que a acolhida do público alvo – as crianças e jovens da redondeza – fosse não só harmoniosa, mas também repleta de significação, sentido, completude, alegria e contentamento.

À medida que delineávamos o ambiente, não tão somente ele ia se modelando para receber os nossos jovens moradores, mas nós também íamos, sincronicamente, nos reformulando para o tão desejado momento da partilha. A cada traço e toque humanizado de beleza, sentíamos aflorar o sentimento de que o prazer das coisas simples suscitava a emoção virtuosa das inéditas. Mesmo com a vivência do Curta, e partindo dela como apoteose às gradações que nos fizeram chegar até a Casa, agíamos como se o que nos aproximava às primeiras manifestações fosse, mais uma vez, os muitos primeiros dias que povoaram o nosso imaginário coletivo, leito da paixão pela afeição e pelo gosto popular.

Figura 26 - Amigos e moradores ajudando-nos com a pintura de uma das paredes da Casa.



Fonte: Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Figura 27- Conversa desinibida sobre as projeções



Fonte: Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Sentimos, de fato, que estamos criando um espaço em que a “educação para o povo” estava cedendo lugar a uma “educação que o povo cria” (BRANDÃO; ASSUMPÇÃO, p.33). Ver nossos amigos movimentando-se através da arte de criar e de partilhar, de se ver e se integrar ao nosso espaço, já nos estava sendo prazeroso demais. Ao sentirmos a vibração vinda de pessoas que, em meio às nossas aspirações, orquestravam-se em possibilidades compatibilizadas com os nossos mundos, entendíamos cada vez mais que a importância da manutenção das nossas ações conjuntas e, por isso, por elas e por nós, seguíamos mais e mais sequiosos e encorajados com o desejo de que as muitas desigualdades que nos cercam, confrontam e nos intitulam como “carentes” sejam erradicadas do nosso contexto situacional. É a Vila, em nós, despontando em seu principal objetivo: a urgência de se mostrar no conhecimento que se faz coletivamente e com a contribuição do povo, das gentes comunitariamente em prol de um ideário. Assim:

A forma como o movimento da sociedade se reflete na educação pode ser observada mais claramente sempre que se inicia um período de transformações e o sistema educacional existente (ou em formação) já não atende às novas necessidades criadas, necessitando ou de ampliação urgente ou de movimentos paralelos que preencham as lacunas deixadas pela organização de ensino vigente (2015, p. 29)

Abrimos, então, as portas da Casa e os nossos corações para ela e para a invasão de boa vontade trazida pelas gentes caridosas e empenhadas, como nós, a obsequiar a “ânsia de viver para poder cantar, cada vez mais longe e cada vez melhor, o amor”²⁴ – trazendo, a contribuição das ricas palavras de Vinicius de Moraes. O apoio voluntário e amoroso ao projeto estendeu-se com o recebimento dos materiais para a formação da biblioteca cuja temática falasse sobre diversidade, com intuito de se estimular e desenvolver a formação leitora das nossas futuras crianças e dos futuros nossos jovens da Casa no tocante a esse aspecto; ganhamos, ainda, os móveis para a acomodação da criançada, dos materiais pedagógicos com lápis, caderno, e outros tão necessários quanto fundamentais para a manutenção das atividades.

²⁴Para viver um grande amor; morte de um pássaro.

Figura 28 - Doações feitas pelos amigos Gabi Domingues, Sandra Vale e Leila Queiroz Hugo Araujo, Vanessa F Klein



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

A cada acolhida sentíamos-nos mais encorajados e entregues. E de coragem nos fortalecíamos, nos instrumentalizávamos, e nos tornávamos, sobretudo, educadores populares, e também alunos populares, na medida em que a relação entre o trabalho-ensino e a vida cotidiana dava-se iminentemente a cada atividade, a cada troca, experiência, informação, crítica, ação, situação e aprendizagem (Assumpção; Brandão: 2009). A vinda de cada indivíduo que desejava fazer parte do espaço, expressando-se através de suas artes de viver, comprazia-nos em uma afeição eufórica, inexplicável, indizível e inenarrável que, mesmo conhecendo-os vagamente, já os devotamos a gratidão e o respeito - um dos mais nobres e singelos sentimentos da humanidade.

Figura 29 - Quatro dos muitos voluntários que participaram das oficinas da Casa: Venina dos Santos, William da Silva, Francili Costa, Carla oliveira, interagindo com o espaço, primeiramente, através da nossa página no Facebook



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Iniciamos, então, as atividades com as crianças e os jovens da redondeza. O desejo era o de alcançar ao maior número possível, ou pretensiosamente, saber que ali encontraríamos um pouco de cada criança e jovem da comunidade que é ampla e subdividida. A exemplo da experiência que presenciamos no Curta, diante da proximidade com o Teatro Mário Lago, os participantes moravam, e seguem morando, também nos arredores da Casa que está no outro extremo da Vila Kennedy. Nesse momento de conhecimento com os atuantes-moradores, fomos no boca-a-boca convidando-os a ocupar a Casa e seus lugares no contexto em que pretendemos juntos alimentar: de respeito, liberdade, companheirismo e proteção.

Nesse viés, iniciamos as atividades que, a princípio, aconteciam no último domingo de cada mês, conforme já mencionamos aqui. Através das nossas experiências profissionais, das nossas experiências de vida, como movimentos de mão dupla, engrenamos as primeiras atividades da Casa. Trazendo a contribuição do 1º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy, utilizamo-nos do audiovisual para transpor o ideário de Aya, de luta e resistência, em consonância com os debates contemporâneos sobre questões tão perenes ao nosso contexto marginalizado socialmente, segregador e colonialista que subalterniza nossas pedagogias de resistências políticas e militantes. Tais demandas circundam as indagações a

respeito das emergentes leituras sobre diversidade, conflitos de classe, de gênero, étnico-raciais, entre outras.

“Lançadas nas telas para durar em nossas vidas, as imagens são políticas”, afirma-nos Berino e Caputo (2014, p. 191), e por intermédio da politização das imagens fílmicas, com o desejo permissivo de lhes apresentar no entrelaçar de suas experiências a conflagração da vida cotidiana, que nos utilizamos dessa ferramenta para realizar a primeira atividade da Casa. O audiovisual, então, propiciou a abertura das atividades da Casa que continua em sua efervescência até os dias de hoje. No dia 27 de abril de 2014, escolhemos o filme de animação “Menino Nito” disponibilizado pelo projeto “A cor da Cultura”, no qual a Luana Dias é integrante, que traz à tona algumas inferências sobre frases e pensamentos tão cristalizados em nosso cotidiano como, por exemplo, o fato de um “menino não chorar”. O Curta contribuiu ainda para a reflexão sobre o papel do negro, como protagonista de suas histórias, na sociedade, visto jogo de palavras trazido pela composição do nome da criança já que “Nito” vem de “boNITO”.

Além de outras contribuições que nos ajudam, igualmente, a pensar e repensar alguns papéis sociais naturalizados no dia a dia, por exemplo, o fato de a mulher ser responsável pelos afazeres domésticos, incumbindo a ela, tão exclusivamente, as tarefas do lar. Tais condutas ajudaram-nos, e nos ajudam ainda, a promover reflexões acerca de pensamentos alheios à realidade atual. De imediato, como veremos na imagem abaixo, as crianças mostraram-se atentas a cada manifestação, permitindo-nos pensar, mais uma vez, a experiência fílmica vivenciada no Curta por meio da visibilidade de olhares diversificados, educativo, fazendo com que as crianças interajam aos inesgotáveis saberes no momento de sua exibição e isso, consecutivamente, alia-se aos propósitos estipulados na lei que rege sua manutenção contínua, e permanente (TURNER, 1997).

Figura 30 - Registro da primeira atividade cultura, e educativa, na Casa de Aya.



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya.

Após a exibição e a abertura para uma roda de conversa, leve, sobre o que eles pensaram do filme, sucessivamente, os estimulamos a conversar sobre o que eles acharam da Casa como um espaço político de trocas lúdicas, e, sobretudo, como um espaço pelo qual se almeja estimular o diálogo a respeito das dificuldades que encontramos no cotidiano de nossas movimentações dentro da sociedade. Na atividade acima, após a exibição fílmica, estimulamos as leituras variadas propiciadas pelo filme, de modo a começarmos a pensar, em conjunto, as nossas práticas: do Coletivo e dos próprios jovens dentro de Aya. As primeiras experiências da interação delinearam-se por meio da exposição dos anseios frente ao que esses jovens esperavam encontrar na Casa e que, diante dos conflitos se faziam presentes: falta de estrutura, mobiliário, profissionais da área, tentaríamos, juntos, construir.

Figura 31 - A socióloga Bianca Arruda interagindo com eles após o debate a exibição filmica



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Desde a nossa primeira interação, entendemos que as experiências construídas pelo saber não se transplantavam àquelas crianças e jovens. Também não queríamos que a nossa relação, vinda desse contato ainda incipiente, se desse através de conhecimentos enraizados, pragmáticos, ou através da concepção, hegemônica e dominante, tão ultrapassada de que o conhecimento se transfere saberes. Vimos que elas, as vivências apreciadas entre eles, se reinventam, porque, diariamente, nos reinventamos em função da necessidade mínima de sobrevivência comunitária e também pela manifestação e habilidade artística que, em nós, se desenvolve para demonstrar nossas reflexões, formas de atuação, posicionamentos e práticas frente a sociedade que apoia e difunde a ideia de que passivos não almejamos, e igualmente lutamos, pelas transformações sociais (FREIRE, 2011a, p.19).

Na medida em que a Ação Cultural para a libertação é um ato de conhecimento e um método de ação transformadora da realidade através do qual as massas populares são desafiadas a exercer uma reflexão crítica sobre sua própria forma de estarem sendo, as classes dominantes, obviamente, não podem aceita-la. (FREIRE, 2013, p. 149)

Por essa razão que, passado o primeiro encontro e a cada novo iniciado, o nosso Coletivo Casa de Aya manteve-se focado em aumentar a oferta de atividades culturais na Casa. Continuamos estreitando os laços com a comunidade, com os que se dispuseram, desde que tomaram conhecimento do funcionamento da Casa, a contribuir com suas forças e potencialidades para o prosseguimento das oficinas em Aya. Recebemos o incentivo de

diversos profissionais que, abertos a uma oferta de uma educação que caminhe ao lado das necessidades das gentes, ajudaram-nos, deram suas graças e militâncias em prol da causa popular, da troca de saberes compatíveis com as aspirações, produções e práticas do povo como movimento dinâmico e virtuoso de sua condição humana.

A amiga que se disponibilizou, como retratamos acima, veio até nós para fazer uma oficina de “Contação de Histórias”. Ela apresentou-nos o livro “As tranças de Bintou”, de Sylviane Anna Diouf, que fala da história de uma menina que não se contenta com seus “birotos”, sonha em ter tranças longas, enfeitadas com pedras coloridas e conchinhas, como as de sua irmã. Outro amigo nosso, o Jonatan pontes, aluno da Escola Nacional de Circo, também nos trouxe as suas muitas vidas e peripécias de palhaço, acompanhado de sua Trupe formada também por alunos da Escola.

Figura 32 - Nas imagens: primeira, Venina dos Santos fazendo a contação de histórias do livro; na segunda, as crianças rendendo-se aos “birotos”; na terceira, as pinturas expressivas sobre a temática do conto.



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

A seguir, a apresentação circense de Jonatan Pontes, Diogo Maroja e Ashely Bravo com os protagonistas, igualmente a eles, da Casa de Aya:

Figura 33 – Apresentação Circense



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Outro momento encantador foi quando exibimos o filme: “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado, cuja temática alia-se ao desejo de trabalharmos, dentro da Casa, questões relacionadas à diversidade. Percebemos que as crianças estavam interligadas a tudo o que se passava com a menina, pois as experiências se cruzam entre elas. Uma delas, a Vitória, disse: “igual à trança da Analu”, associando ao penteado que, com frequência, sua mãe lhe faz; Outra, por sua vez, fez analogia às feições de seus familiares ao recuperar os traços que ela traz deles – tal como a mãe da moça bonita justificou o fato de a menina ser tão “pretinha” – e disse: “eu pareço mais com a minha mãe do que com o meu pai”. E foi com essas narrativas que seguimos a atividade cheia de descoberta, toques e vidas, aprendendo com eles a beleza encantadora de cada novo aprendizado. Era inédito para eles. Era inédito e reverberante para nós.

Lembrei-me de um trecho da poesia de Manoel de Barros no livro “Menino do Mato” (2015: p. 39), no qual diz “eu gosto do absurdo divino das imagens”. Nós da Casa também.

As imagens divinais que essas crianças e jovens nos trazem, na representatividade popular de suas produções: gestuais e artesanais são indispensáveis à formação crítica que vai de encontro à construção permanente de suas construções. A cada atividade, ou intervenção cultural como chamamos – por acreditar no entrelaçamento entre culturas – eliminamos os resquícios colonialistas que persistem em nos delinear, em nos delimitar, e rompem, por sua vez, com o costume ideológico das classes dominantes de que o saber não é social e, ao mesmo tempo, revolucionário e cabível a todos.

Guiando-nos pela via democrática do conhecimento e da prática de nossas figurações sociais e políticas, pensamos juntos sobre o modo como estávamos fazendo uso do ambiente. O que quero dizer com isso é sobre a organização do espaço para uma melhor e agradável permanência nele, pois notamos que nesses primeiros meses de atividades, o fato de não distinguirmos por faixa etária os encontro nem fazermos qualquer tipo de seleção para as atividades, o número de crianças foi aumentando consideravelmente, pois, como toda vivência comunitária, uma criança ia convidando a outra, uma vizinha ou mesmo familiar, para as nossas atividades dominicais e lhes informava o horário e dia da programação. Até hoje, passados dois anos, a pontualidade desses sujeitos é algo impressionante, eles sabem que ir à Casa já virou parte de suas rotinas: arrumam-se todos, usam roupas novas, vão perfumados e, mais do que isso, todas às vezes que encontram alguém do Coletivo nas ruas, abordam perguntando: “tia, vai ter Casa hoje?”.

Por esses movimentos, sentimos a necessidade, digo, nós e eles, de formularmos algumas reflexões sobre Aya: de manutenção do espaço, cuidado, usos dos materiais disponíveis para todos, etc. Criamos, então, o mural do pensamento, sob o título de “Lá em Casa, a gente...”, de modo a não esquecermos do que precisamos fazer para que o nosso ambiente seja cada vez mais próspero, humanitário e acolhedor. As crianças e os jovens da Casa foram os que estabeleceram as premissas dessa construção. A iniciativa também surgiu deles, e isso se dá pelo fato mesmo de pertencerem a outros espaços da vida social e comunitário que lhes estimula a respeito da consciência de suas cidadanias e pelos quais, para igualmente manter a abertura “à vida e aos contratemplos”, usando novamente Paulo Freire (2011c: p.131), faz-se necessário o trabalho contínuo para que os espaços sejam ainda mais favoráveis às suas atuações e permanências.

Figura 34 - Quatro das crianças que frequentam a Casa: a Gabi, a Fefê, a Aninha e o Arthur, juntos da jornalista Luana Dias, conversando sobre o que podemos fazer para que a nossa estadia na Casa seja harmoniosa.



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Dando continuidade, criamos o painel do humor: uma espécie de quadro no qual, a cada encontro, registramos nossos sentimentos perante a semana que passou. Essa ideia foi pensada diante da profundidade das relações que construíamos com eles. Nos nossos encontros, víamos que o lado emocional das crianças variava muito de um momento ao outro e, com essa dinâmica, nós do Coletivo, entendíamos que poderíamos alcançá-los e tocá-los cada vez mais e, de acordo com as nossas possibilidades de atuação, poder ajudá-los efetivamente ou guiando-os na condução do melhor caminho: mais condizente, contextual e humanitário. A nova experiência foi abraçada com fervor por eles. À medida que chegavam, já procuravam as carinhas para simbolizar como estavam, naquele momento, se sentindo. Ademais, a iniciativa fez com que, a partir de então, os encontros começassem sempre como uma espécie de “quebra-gelo”: nos sentávamos e, unidos, conversávamos sobre as experiências que a vida nos proporcionou naquela semana, independente de serem boas ou ruins – pensando a partir de suas concepções.

Abaixo, veremos, na prática das imagens, como funcionou o uso do nosso painel:

Figura 35 - As carinhas que figuram os estados de ânimo das crianças (e nossos também)



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Figura 36 - Uma das Crianças, o Arthur, iniciando as atividades na Casa retratando como se sentia naquele momento.



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

É muita coisa acontecendo em Aya. Engraçado que perante a experiência de lhes retratar a minha trajetória de criança popular e, hoje, de educadora popular, sinto-me tão feliz por saber que nasci, e renasço todas às vezes que a vida me brinda com as vivências dessas crianças, nesse ambiente tão segregado socialmente, dizendo com franqueza, sofrido mesmo,

pois foi através dele, por ele e para ele, que me fortaleci como gente. No entrelaçar dos desejos infantis que construí na minha infância, vejo a minha participação atuante na construção dos desejos infantis dessas crianças, desses novos “eus” como se eu estivesse vivendo a possibilidade de propiciá-los o que não tive, ou o que tive de maneira pulverizada, porém astuta, à época que de artista tornei-me “obra de arte”, aludindo aos ensinamentos de Friedrich Nietzsche em “A visão Dionisíaca do Mundo” (2010, p.9).

E a arte é o maior legado que podemos deixar para nossa sociedade. A arte de ver e sentir a vida dos nossos tempos. É através dela que compreendemos o alcance dos processos de aprendizagem, assim como também sua dimensão frente aos novos desafios da educação contemporânea, que se desenha, hoje, com mais representatividade e através do compromisso com o outro. É através da arte de viver, ainda, que na “reconstrução do saber social” (BRANDÃO; ASSUMPCÃO, p.12) rompe-se com a equivocada, errônea, e ingênua concepção de que os indivíduos, historicamente marginalizados, são incapazes de se posicionarem como sujeitos ativos e políticos de suas histórias, fazendo com que a educação, e igualmente o conhecimento, ganhe uma roupagem humanitária e pensada na emergência e nos desafios de agora: as classes populares.

Seguindo nosso caminho artístico infanto-juvenil no qual “o que se afigura para ser visto poderá constituir nosso conhecimento e entendimento da vida” (BERINO; CAPUTO, 2014, p. 190), ou sendo a própria vida em movimento – no nosso caso – que as atividades prosseguiram dentro da Casa. Com o passar do tempo, após um ano de atuação dentro da Vila Kennedy, continuamos recebendo nossos amigos e parceiros para a realização das oficinas voltadas às crianças e aos jovens da comunidade e, junto de nós – dos nossos sonhos e desejos por um espaço mais próximo e acolhedor – descentralizar o pensamento autoritário e absolutista de que não participam da construção ética, política, intelectual e cidadã da sociedade. Nessa perspectiva, recebemos o ilustrador, Marcelo Papf, que, dialogando com esse modelo de sociedade que queremos e não que nos impõem querer, nos trouxe a experiência de seu projeto chamado “Poética”, no qual, ao final, convidou a todos para se expressarem através da ilustração:

Figura 37- Oficina de ilustração com o professor Marcelo papf



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Paulinho da Viola canta-nos “as coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender”. Pensando na possibilidade de apresentar-lhes um pouco de todas essas coisas presentes no mundo disponíveis para o nosso deleite e, sobretudo, aprendizagem que continuamos firmes no propósito de ampliar as fronteiras do conhecimento dentro da nossa Casa. Para tanto, começamos a buscar editais compatíveis com a conjectura de Aya, de modo a recebermos algum tipo de financiamento para ampliarmos as oficinas: incluindo novas vertentes artísticas, proporcionando aos educadores uma ajuda de custo, ou mesmo auxílio transporte para ida e vinda das atividades, e o aumentando da quantidade de dias de cada oficina, pois a Casa ainda contava com a ajuda financeira dos amigos da Vila Kennedy, cuja verba era bem reduzida, e da boa vontade de alguns poucos comerciantes que nos auxiliavam doando seu trabalho, sua maior obra-prima, para que o nosso projeto continuasse afortunadamente atuante para a comunidade e com ela.

Tanta procura conferiu-nos, assim como o Curta VK, o incentivo do Prêmio de Ações Locais Rio450, da Prefeitura do Rio de Janeiro, com uma verba de igual valor, R\$ 40.000,00, a ser utilizada por um período de 1 (um) ano com atividades que valorizem a ludicidade, educação e diversidade – pilares centrais da casa. Com o Prêmio, a estruturação da casa tomaria, e tomou uma nova direção. As atividades expandiram-se: até aqui, contávamos com as movimentações artísticas sempre no último dia de cada mês; hoje, por conta do

investimento, já temos aulas de Capoeira, de reciclagem, alimentação saudável e arte. A Casa ganhou novos equipamentos; os profissionais ganham, agora, uma ajuda de custo para facilitar a locomoção até o nosso espaço; podemos fazer passeios – já realizamos dois desde então –; e podemos nos mobilizar com maior efetividade para a compra de aparatos que ajudem os profissionais em suas práticas de aula. Abaixo, veremos algumas:

Figura 38 – Alimentação Saudável, na qual as professoras conversam sobre nutrição e o que se tem no prato diariamente. Imagem da oficina: "O que você come?", que propiciou o conhecimento de novas frutas de forma bem lúdica e divertida.



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Figura 39 – Início da oficina de Capoeira com o Professor Leandro Bicicleta!



Fonte: www.facebook.com.br

Figura 40 - "Isso não foi legal, isso foi impressionante!", exclamaram Wesley e Luyd depois de assistirem a um vídeo de Parkour que a galera da Omnis Pro Parkour apresentou. Eles ficaram empolgadíssimos com a ideia de aprender a praticar a modalidade.



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Figura 41 - Oficina de artes do Guilherme Júnior, as crianças aprenderam um pouco da arte africana baseada no Livro “A Lenda da Pemba”, da autora Márcia Regina da Silva. Com recortes e pinturas fizeram lindos vasos africanos!



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Figura 42 - Aula de reciclagem com a professora Priscila Aguiar



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Figura 43 - No domingo, dia 20 de dezembro, a galera da Casa de Aya participou de um picnic nos Jardins do MAM. A ideia era levar as crianças para conhecer outro lugar da cidade, além de ter um tarde de diversão fora da Casa.



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Figura 44 - Retomada das atividades, após o recesso do ano de 2016, com os educadores da Casa.



Fonte: www.facebook.com.br/casadeaya

Conforme se pode ver nas imagens acima, o incentivo do projeto proporcionou o investimento em outras áreas do saber, tal como queríamos para a Casa, e que estamos lutando para que permaneça daqui por diante. Dentro da Casa de Aya, nós valorizamos muito as leituras que dialogam com a nossa realidade através das inúmeras atividades culturais disponibilizadas até então. O espaço é aberto para diálogo entre moradores, artistas e criação cultural na Vila Kennedy, e é por intermédio dessas atividades lúdicas, em contato com as movimentações das crianças e jovens que fazem uso da Casa como ambiente de troca entre imagens, gestos, ambições e desejos ajuda-nos a pensar sobre questões que podem ser próximas ao nosso ambiente situacional, ao nosso meio, o que contribui para as nossas projeções de vida e movimentações enquanto cidadãos atuantes na sociedade e sujeitos de nossas e de outras histórias (ARROYO, 2012).

Nas fotografias, temos o registro de algumas linguagens que habitam a nossa Casa em formas de Oficina: a de Artes, com o professor Guilherme Junior; a de Capoeira, com o professor Leandro Bicicleta; a de Reciclagem, com a professora Priscila Aguiar; a de Alimentação Saudável, com a professora Elaine. Nas imagens, apresentamos, ainda, uma das práticas educativas que o Coletivo Casa de Aya realiza todos os últimos domingos do mês, assim como também o registro de uma das intervenções realizadas fora do espaço físico da Casa, em diálogo aberto e consonante como o mundo que também nos cerca e, por fim, o encontro para o debate e discussões do Coletivo com os professores para pensarmos o projeto como um todo: sua evolução, prática, a percepção das crianças, o que podemos melhorar e

pensar como docentes e Coletivo para melhor substanciar nosso projeto dentro da comunidade, para a comunidade e com a comunidade.

Neste momento de troca, de olhar o outro e através do outro, a exposição das muitas vivências dos educadores na relação com suas práticas de ensino foi muito significativa. Pudemos perceber as crianças de Aya através das correspondências com cada docente, com cada experiência exposta nos relatos de suas dinâmicas didáticas e sociais, o que nos estimulou a reflexão sobre como essas inquietações, dos educadores e dos jovens – trazidas também pelos educadores durante o nosso bate-papo – interrogam as políticas, suas gestões e análises frente às emergências da vida cotidiana de cada indivíduo. No diálogo, as narrativas trazidas pelos professores relevam-nos, ademais das sedes de experiências dos alunos, uma nova qualidade: a formulação de uma fala revestida de incômodo que expõe as desigualdades em que vivem, buscando compreendê-las para ressignificá-las, pois sabem que romper com elas é uma prática impossível, mas repensá-las, não.

Refletir sobre o universo que se apresenta diante daquela realidade, da realidade que se apresenta nas atividades e nos contextos da Casa é primordial para a continuidade do nosso projeto, e foi fundamental para a continuidade deste trabalho, principalmente neste momento do discurso em que o conhecimento popular, na coexistência com o científico suplantado pelos professores, torna-se a referência da construção do saber democrático e digno de viver. Tomaremos como exemplo, então, algumas situações evidenciadas por esses educadores que, em consonância com os jovens atores sociais de Aya, durante as oficinas em que lecionam, espelham a proposta didática, educativa e pedagógica da Casa e, igualmente, a de nosso estudo. A primeira é a que a Professora Elaine, na Oficina de Alimentação Saudável, comentou conosco. Uma das alunas, a Alana, depois de saber os malefícios do consumo excessivo de sal no organismo, chegou em casa dizendo saber as causas pelas quais sua avó passava tanto mal do coração e sabendo esse ser o motivo que a levou a uma das Unidades de Pronto-atendimento da Prefeitura do Rio.

Na mesma Oficina, também tivemos outras interpretações. Ao conversarmos sobre o número expressivo de alimentos que são desperdiçados diariamente, na semana seguinte, os alunos Wesley e Vitória, retornaram à Casa dizendo-nos que, a partir de então, tem buscado não jogar comida fora nem colocar no prato o que não conseguirão comer para evitar a sobra e, sucessivamente, o desperdício. Outra experiência, que nos mostra como esses atores exigem e se articulam em políticas em todas as fronteiras do ser, é a que a aluna Camile confidenciou a Elaine. Ela pediu a professora, nutricionista por formação, que a auxiliasse na

construção de uma dieta similar à dieta que as famosas seguem, e que ela acompanha nos programas televisivos que vê. Esse pedido, a avaliação médica popular de Alana, e também a conscientização dos irmãos Wesley e Vitória aproximam-nos às discussões contemporâneas acerca da educação, sua amplitude, alcance e interpretação, ao entendimento de que eles, os alunos da Casa – assim como os muitos dos jovens moradores de comunidades populares – estão com e para os múltiplos processos de construção cidadã do conhecimento e do saber social. Nessas análises, conseguimos visualizar, contudo, as formas como se eles se apoderam dos bens de consumo que lhes são apresentados e como, por conta disso, a sociedade é obrigada a se reposicionar e a considerar as leituras, cheias de resistências, que seus atos exprimem.

Outra situação despertou-nos uma particular apreciação, porque, ao ser revelada, fez-nos rememorar, imediatamente, as muitas já vividas nos ambientes escolares enquanto profissionais de educação. O professor de Capoeira, Leandro Bicicleta, contou-nos sobre suas aulas na Casa e como tem sido a adesão dos alunos que nela se inscreveram. Diferentemente das outras atividades, a de Capoeira é a que concentra uma participação mais efetiva dos participantes, sem inclusive distinção de faixa etária. Como a participação, até mesmo pela aptidão por essa expressão cultural, é unânime, ele se utiliza de alguns recursos para aproximar ainda mais as crianças das atividades propostas nas aulas. Uma delas é a ideia do ajudante do professor. Nela, o Leandro seleciona uma aluna ou aluno para auxiliá-lo na execução do que foi planejado para a aula pensando na escolha através das lideranças que cada qual exerce, frente a seus pares, vinculadas aos processos culturais e educativos disponibilizados durante a classe.

Todos, voluntariamente, participam do planejamento, segundo discursa o professor. E, por meio dele, podemos pensar algumas articulações educacionais que a ação é capaz de despertar. A primeira é fazê-los sentirem-se integrantes como sujeitos, participantes e atuantes nas análises, avaliações e criações políticas de suas identidades e, igualmente, contextos; a segunda, a de, diante de suas interpretações, reinventarem o cenário no qual se situam, pensarem em seus condicionantes para superarem as desigualdades que anos de existência os discriminaram socialmente, tornando-os os vilões dos processos sócio-educativos que os empobrecem como gentes e que os ignoram, assim como generalizam seus mundos, suas formas de ver e encarar a vida, e seus papéis expressamente atuantes na construção de uma sociedade mais igualitária e menos injusta.

Na correspondência entre os professores e os alunos da Casa e nas movimentações que ocorrem dentro e fora do nosso espaço físico, entendemos que o direito ao conhecimento, à herança cultural democrática em indistintos ambientes, assim como o direito às ciências e às tecnologias, aos acessos e permanências indistintas às inúmeras esferas da vida social representa a luta pela ruptura de práticas homogeneizantes a favor da construção de pedagogias críticas que permitam pensar para além de seus condicionantes, como retrata o educador Paulo Freire (2011), e, diante do que lhes são apresentados como realidade, esses atores sociais possam repensar uma forma autêntica e sustentável de sobrevivência tanto para si quanto para seus pares.

Para finalizarmos essa parte do trabalho, usaremos dois depoimentos recebidos em forma de agradecimento a iniciativa da Casa: um de uma mãe de duas das crianças: Alana e Analu; o outro um desenho feito por uma delas, a Vitória, depois de me haver questionado sobre com quem moro na Vila. Para quem os fez, eles representam a completude e a alegria de pertencerem ao espaço como instrumento de uma composição e concepção poética sobre a vida, a vida deles em trânsito permanente com seus múltiplos e infinitos sonhos; para quem os recebeu, nós, os integrantes do Coletivo Casa de Aya, eles representam a prova de que, independente das barreiras que não cansam de cessar em nosso cotidiano, vale muito à pena continuar trabalhando para a construção de uma educação que se volte, cada vez mais, para as pessoas, suas resistências, mas que, acima de tudo, entenda que todo o processo de ensino-aprendizagem ou de aprendizado-ensinagem deve ser sempre pautado nas relações afetivas que os indivíduos estabelecem entre si, seu meio, seus mundos e suas aguerridas histórias.

Figura 45 – Depoimentos da mãe de duas alunas que participam do projeto

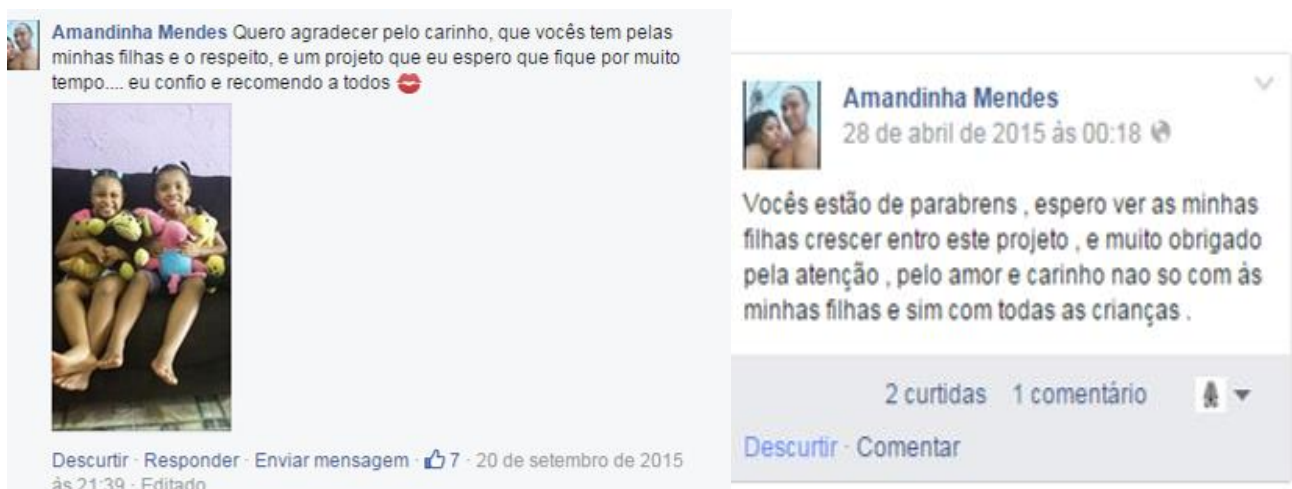


Figura 46 – Alana, uma das alunas do projeto, desenhando-me ao lado dela e de sua irmã, a Analu.



Fonte: arquivo pessoal

A maior solidão é a do ser que não ama. A maior solidão é a do ser que se ausenta, que se defende, que se fecha, que se recusa a participar da vida humana. A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, e que não há a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro. O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e de ferir-se, o ser casto de mulher, do amigo, do povo, do mundo.

Vinicius de Moraes (2010, p. 183).

4 FESTIVAL DE CURTAS-METRAGENS DA VILA KENNEDY: MEMÓRIA SOCIAL E CONTINUIDADE

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Essa pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade que quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia (FREIRE, 2011c: p. 31).

Figura 47 - Chamada para o 2º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy, realizado entre os dias 12 e 15 de novembro.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

O Curta VK, assim como a Casa de Aya, vem sendo pensado e vivido por acreditarmos, como nos diz Paulo Freire, no direito das classes populares de participar dos debates em torno de um projeto de mundo. Nos nossos movimentos enquanto gente de saberes e deveres, como legitimamente aborda Arroyo, o Curta nos impulsiona a ver, na vida transeunte de seus provedores, a vontade inexorável de ruptura com seus condicionantes, dos condicionantes que insistem em segregá-los socialmente e que cismam, ainda nos dias de hoje, de possibilidades e não de determinismo, em não considerá-los com suas histórias, conhecimentos, afetos e emoções. A minha relação com o próximo, de valorização, pertencimento, de permissão só existe porque, acima de tudo, existe, como princípio de transformação social, a afetividade – um dos fatores básicos da vida humana (ARROYO, 2012; FREIRE, 2011d).

Começar a pensar o festival, na segunda edição depois dos longos 3 anos de espera, com a verba de 40.000 mil reais, foi totalmente demais. Sabíamos que, mesmo nessas

circunstâncias, a verba não era tão grande quanto nos parecia, principalmente porque agora teríamos mais um dia de evento: ao invés de três, seguindo o cronograma do primeiro festival, contaríamos com quatro dias de programação no Teatro Mário Lago entre debates, exposições, oficinas, recepção de convidados, alimentos, entre outros. Porém, peregrinantes tal como a massa popular da Vila, e de tantas outras comunidades que lutam para que a sociedade em geral não esculhambe a inteireza do nosso caráter, fazendo uso das palavras de Mario de Andrade ao justificar a não ida de Macunaíma à Europa, seguimos, assim, trabalhando para que vigilantes e contra todas as práticas de desumanização, não nos sentenciem pelas condições de viver e de exercer nossas cidadanias atuantes que, muita das vezes, condena e denuncia a ordem social, a economia e política tamanha à precariedade na reprodução da vida (ANDRADE, 1989; FREIRE, 2011c; ARRROYO, 2014).

O meu ponto de vista é o dos ‘condenados da Terra’, o dos excluídos, clama Paulo Freire (2011c). O nosso também. E sob esse viés, recomeçamos com nossas forças e potencialidades: com e em prol dos tidos marginalizados. Diante do que já havíamos presenciado na primeira edição, entendemos a importância de reformularmos algumas estratégias. Uma delas, já mencionamos brevemente: ampliar o público e aumentar os dias do festival para um maior alcance da população, porque percebemos que o festival foi amplamente abraçado, nada mais oportuno do que permitir então, a eles e a nós, o desfrute de mais um dia, de, inclusive, novas experiências e intercâmbios que essa ação proporcionaria. E assim aconteceu: tudo o que pode ser repensado, foi; o que não pode, foi também.

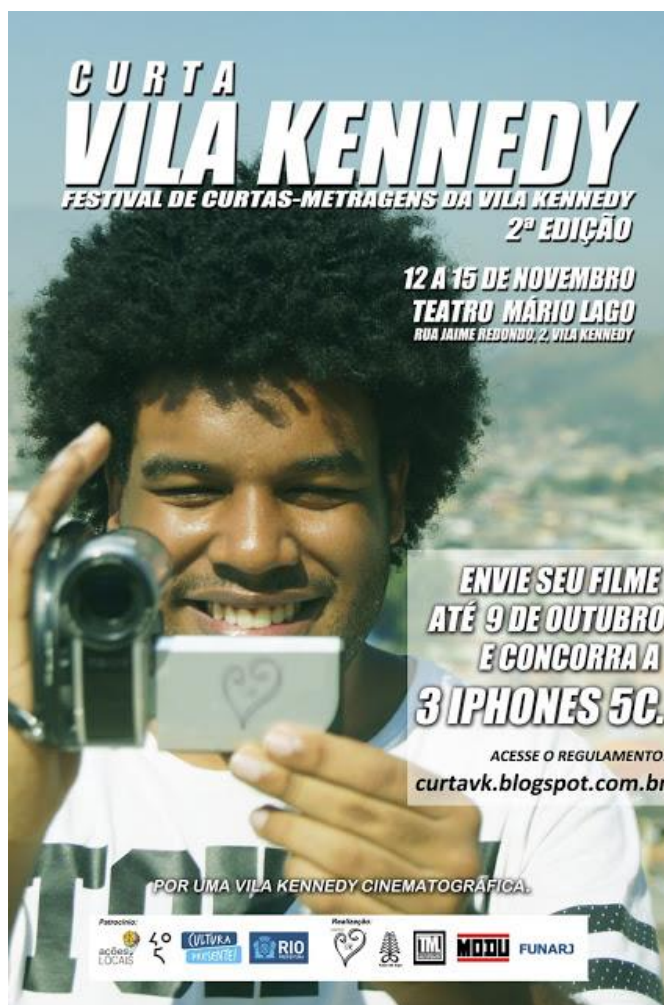
Precisávamos do apoio dos moradores, a exemplo da primeira experiência com o projeto. E, a exemplo da experiência anterior, seguimos na luta para que o sucesso do primeiro fosse igual o maior agora. Iniciamos a divulgação do 2º festival e, aliado à difusão, corremos, novamente, em busca de apoio local. Igualmente, passeamos pelas ruas do bairro para, mais uma vez, mostrar aos moradores como o Curta veio ao mundo, e como lutamos para que ele se firme dentro da comunidade, porque é parte integrante de nós. Para a nossa felicidade, a correspondência com todos foi calorosa e tão agradável quanto a que nos despontou para o mundo, permitindo-nos a capacidade de intervindo nele, conhecê-lo mais e melhor.

Figura 48 – Logo do CurtaVk contextualizado à temática do prêmio que nos possibilitou a segunda edição: Ações.



Locais Rio450Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Figura 49 - Cartaz de divulgação dentro e fora da comunidade e nas grandes redes sociais.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Dentro da comunidade, dividimo-nos e cada qual a seu tempo e modo chamava os moradores a, mais uma vez, fazer parte jornada na qual a formação coletiva é um vasto processo de possibilidade, mas de direito também. Voltamos a ir às escolas, mas o desejo agora era o de que os jovens estudantes dialogassem de forma mais representativa com o Curta, diferente do que percebemos originalmente, por isso os convites foram estendidos aos colégios da região cujo público alvo contempla essa faixa etária. A movimentação, então, migrava para a contemplação dessa vontade, mas também, e paralela a ela, para o despertar dos demais sujeitos sociais da Vila Kennedy e adjacências, incluindo os que, com fervor, participaram, interagiram e compuseram o nosso primeiro festival.

Assim seguimos: reabrindo caminhos para que a poesia da vida popular seja ingrediente também na construção do conhecimento que se dá de múltiplas formas, e através da apropriação e reapropriação de seus espaços igualmente formadores de cultura, mas que, aparentemente, são considerados “desprovidos de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimenta”, citando o grande Certeau (2012, p. 91). Tal concepção incipiente sobre os ‘quesaberes’ usando-nos de Paulo Freire (2011c), provoca a equivocada interpretação de que os saberes são hegemônicos e não construídos na relação comunitária dos indivíduos; em contrapartida a errônea interpretação serve-nos de combustível na luta pela reformulação dessas concepções dogmáticas da nossa sociedade tão segregadora, classicista e opressora.

O nosso Poetinha, tão amorosamente retratado por nós neste trabalho humanitário e poético, declama assim: “Para viver um grande amor, perfeito, não basta ser apenas bom sujeito; é preciso também ter muito peito — peito de remador”. E com o peito incansável de remador: socialmente aprendendo a servir, historicamente aprendendo a resistir e seguir desbravando amplos, sinuosos e constantes mares, que chegamos a cada protagonista, a cada ator-morador para apresentar-lhe o 2º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy, o Curta VK, feito deles, para eles e com eles. A recepção imediata foi calorosa e afável, o diálogo permissivo, mas percebemos que a estratégia para a acolhida e aproximação mais efetiva deveria ser repensada, pois a divulgação através das grandes redes e do convite às escolas não estava sendo suficiente para a imersão do público, no evento, desde os primeiros passos.

Cabe ressaltar que intitulamos como primeiros passos as oficinas de produção, direção e construção audiovisual por ser o momento pelo qual a população começa a interagir mais expressivamente com o projeto e ocupar os espaços disponíveis para tanto. Até aqui, fizemos apenas a divulgação do evento, e os convites nas escolas, como sinalizamos acima. A

princípio, achávamos que a comunicação iniciada nas grandes redes e nas escolas seria suficiente para que o público surgisse e buscasse como fazer parte dessa nova edição, desse primeiro momento. Enganamo-nos: a procura pelas oficinas pra a criação dos curtas foi menor do que imaginávamos – inclusive, este será um ponto a ser reconsiderado na próxima edição – mas graças a essa fragilidade que, sob as palavras de Milton Nascimento, disseminadas na canção “Nos bailes da Vida” na qual diz que “todo artista tem de ir aonde o povo está”, que entendemos a importância da reflexão contínua sobre como as experiências chegam até nós, moradores de classes populares, sem considerar as fronteiras diárias que nos impedem de tomar posse delas.

Através dessa vivência igualmente popular, notamos que se o povo não estava vindo até nós por inúmeras considerações, deveríamos ir impreterivelmente ao encontro deles, pois entendemos que se os esperássemos, seríamos mais uma iniciativa frente às tantas outras que figuram nosso espaço, mas que não nos consideram diante das adversidades brutais presentes nas esferas e vidas dos sujeitos populares. Optamos pela ruptura de achar que calmos, ou inconformados, esperaríamos a participação voluntária, imediata, deles, fomos, então, aos seus encontros, ao encontro do povo, das gentes, de modo que “solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância” Freire (2011c, p. 85).

Figura 50 - Primeira incursão nas praças da Vila Kennedy para convidar os moradores a participarem das oficinas de produção e editoração de vídeos. Na foto, esquerda para a direita: Isabel Navega, Isabele Aguiar, Dudu Alves, Carol e Guilherme Junior.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Essa experiência me tocou o coração tão grandiosamente que comecei a repensar a minha prática cidadã tanto quanto a minha prática docente. Tão acostumada, em sala de aula, a ver o distanciamento dos alunos frente os processos de ensino e aprendizagem, não entendi que estava, junto de meus amigos, reproduzindo o mesmo cenário no Curt VK. Nós que sabemos, enquanto educadores, como as vivências dos alunos não estão nunca no contexto escolar de suas identidades e figurações cotidianas; que por vezes presenciei formas desumanizadoras de valorização de suas potencialidades, arrogantes e autoritárias; distantes das suas afetividades, estávamos reforçando esse aspecto totalizador e determinista dos mecanismos opressores.

Na luta pelas ressignificações, socialmente aprendendo, pudemos modificar o modo pronto, estático, como esperávamos que os participantes-atores-moradores chegassem até nós, até as oficinas. Fomos ao boca-a-boca, nas ruas, nas praças, ou seja, nas grandes concentrações humanas da comunidade – pontos estratégicos para o diálogo e para abertura do novo e, em nossas vozes atuantes, para a abertura do nosso festival pedagógico-democrático em que a autonomia e a curiosidade são combustíveis para o exercício da cidadania de seus componentes-integrantes na busca por um mundo mais humano e menos injusto consigo, suas opiniões sociais, suas formas de ver, ser e pensar suas vidas.

Figura 51 – Divulgação dentro da comunidade.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Figura 52 – Divulgação dentro da comunidade.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

No dia da incursão, gravamos depoimentos curtos das principais personalidades da Vila: o mototaxista e pequeno empresário, dono de lojas que vendem açai; o vendedor de utensílios para o lar, localizado embaixo do viaduto que liga as duas extremidades da localidade, dividida pela Avenida Brasil; o motorista de ônibus que, ao ver as nossas movimentações, veio nos interrogar sobre o que significava os cartazes, entre outros que compuseram as pílulas, melhor dizendo, as chamadas divulgadas nas redes e no dia do festival entre um curta-metragem e outro. Os depoimentos contemplaram, ainda, a proposta de se criar um curta-metragem feito pelos alunos nas oficinas, cujo objetivo era o de apresentá-lo na culminância do evento: de 12 a 16 de novembro de 2015.

Figura 53 - Matéria publicada no jornal Extra, falando sobre o Curta VK.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Seguimos então com as atividades realizadas na Casa de Aya. Tentamos levar pessoas engajadas na temática do audiovisual, e produção de curtas e longas-metragens para interação com os iniciantes diretores da Vila. Diferente do primeiro festival, as oficinas aconteceram durante os meses de setembro e outubro de 2015, não apenas em um único dia como em 2012, e as ferramentas para tal foram adquiridas pela verba do edital RIO450. Ademais das pílulas com as chamadas do Curta, o trabalho entre esses meses de oficina permitiu a criação conjunta do curta-metragem "Terra Plena", que narra as histórias dos moradores da comunidade através da dança como expressão artística e cultural. O roteiro e a direção foram feitos pelos professores e alunos ao longo das aulas semanais de audiovisual, e, a captação das imagens, nos encontros realizados com os moradores. Os registros aconteceram nos arredores da localidade, sempre nos finais de semana. Os moradores-atores registraram, então, suas indagações nas performances corpóreas de seus corpos que falam da importância de se manterem ávidos na luta pela ressignificação de seus espaços.

Terra Plena traz os passos coreografados de três bailarinos moradores da comunidade que, por meio dessa expressão artística, atua em seus cotidianos para que sejam, eles e a própria localidade, reconhecidos como protagonistas de seu próprio cenário e, claro, de outros

também. Em paralelo, no entrelaçar cadenciado dos artistas, o curta traz registros de noticiários que relataram o surgimento da Vila Kennedy como espaço geográfico. Em seguida, mescla a movimentação urbana dos bailarinos, no zig-zag de seus corpos. A produção encerra-se com o poema de Casimiro de Abreu, chamado “Brasis”, figurando entre as imagens da comunidade transpassadas em cada verso declamado – imagens registradas pelos alunos durante os três meses de oficina.

Figura 54 - Oficinas com o produtor Jairo.

Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br



Figura 55 - Oficina com o produtor Jairo que mostrou como manusear a câmera, tripé, deu noções de enquadramento e falou também sobre edição.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Paralelo às oficinas realizadas na Casa de Aya, as inscrições seguiam a todo vapor para as modalidades já apresentadas aqui através dos relatos da primeira edição: a mostra competitiva de “Tema Livre” e a “Eu curto a Vila Kennedy”. Para a nossa felicidade e completude, recebemos 40 filmes inscritos na primeira modalidade. Os jurados compostos por

Jairo Alves, formado pela Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch no curso de Produção Audiovisual (ETEAB) e graduado em comunicação social com ênfase em multimídia pela Faculdade CCAA; pela Érika Nascimento, produtora e gestora cultural. É bacharel em Cenografia (UFRJ), pós-graduanda em Gestão Cultural (MBA-UCAM) e mestranda em Cultura e Territorialidades pela UFF (PPCULT/UFF); e pelo professor Aristóteles Berino, graduado em História pela UFF, mestrado e doutorado em Educação pela mesma universidade e pós-doutorado em Educação pela UERJ, elegeram, dentre as 40 produções, 20 dos quais 10 seriam exibidos na quinta-feira, e os outros 10 no dia 12 de novembro, sexta-feira.

Figura 56 – Programação de exibição dos Curtas da mostra “Tema Livre” – 1º dia

CURTA VILA KENNEDY
FESTIVAL DE CURTAS-METRAGENS DA VILA KENNEDY
2ª EDIÇÃO

12 A 15 DE NOVEMBRO
TEATRO MÁRIO LAGO
RUA JAIME REDONDO, N.º 2 VILA KENNEDY - RIO
BLOG: CURTAVK.BLOGSPOT.COM.BR

***DIA 12 / NOV (QU)**

14H CURTA INFANTIL - MULTIRIO **L**

19H MOSTRA COMPETITIVA

- 1- "ENTRE GENTE" – EUDALDO MONÇÃO JR. (SP) 15"
- 2- "A ENTREGA" – DOUGLAS GOMES/PAULO CHINA (RJ)
- 3- "MC MAGALHÃES, UMA LENDA VIVA DO FUNK" – MARCELO GULARTE (RJ) 15"
- 4- "A FESTA, A GUERRA" – HUMBERTO CARRÃO SINOTI (RJ) 15"
- 5- "O PREÇO DO MAL" – CRISTIANO DE OLIVEIRA (GO) 14'56"
- 6- "QUE APROVECHE" – RAFAEL CABRAL (RJ) 15"
- 7- "BOLOU" – RODRIGO SENA (RN) 8"
- 8- "ENTRE RETICÊNCIAS" – NIXON ALVES E SILVA/RAFAEL LO QUANG (RJ) 5"
- 9- "O MURO É O MEIO" – EUDALDO MONÇÃO JR. (SP) 15"
- 10- "MARIA" – ERICA SANSIL (BA) 1'16"

10

ENTRADA FRANCA

Programação sujeita a alterações

Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Figura 57- Programação de exibição dos Curtas da mostra “Tema Livre” – 2º dia

CURTA VILA KENNEDY
FESTIVAL DE CURTAS-METRAGENS DA VILA KENNEDY
2ª EDIÇÃO

12 A 15 DE NOVEMBRO
TEATRO MÁRIO LAGO
RUA JAIME REDONDO, N.º 2 VILA KENNEDY - RIO
BLOG: CURTAVK.BLOGSPOT.COM.BR

***DIA 13 / NOV (SEX)**

14H CURTA JOVEM - SESC **L**

19H MOSTRA COMPETITIVA

- 1- "O BILHETE" – JOSY MANHÃES (RJ) 4'56"
- 2- "MINHA VÓ É UMA FIGURA" – ELCI SOARES (RJ) 14'06"
- 3- "SALVEM O RIO" – RICARDO RODRIGUES (RJ) 5'24"
- 4- "FALTA ELA" – VITOR GRACCIANO (RJ) 4'45"
- 5- "O MENINO DO DENTE DE OURO" – RODRIGO SENA (RN) 14'40"
- 6- "AS GALERAS" – JULIANA PORTELLA (RJ) 14'57"
- 7- "LAR DOCE CELULAR" – ALEK LEAN (RJ) 10'15"
- 8- "O ESTRANHO MISTERIOSO" – ROBERTO FIRMINO DA SILVA (RJ) 14'56"
- 9- "UM LOBISOMEM NO SANTA MARTA" – ROBESPIERRE (RJ) 7"
- 10- "CINE PAISSANOU" – CHRISTIAN JAFAS (RJ) 15"

10

ENTRADA FRANCA

Programação sujeita a alterações

Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Dos 20 curtas-metragens, a população presente na localidade, o Teatro Mário Lago, votou nos 3 melhores de cada dia segundo a sua apreciação. Os seis eleitos foram novamente exibidos no último dia do festival, dia 15 de novembro, para uma nova escolha. Agora, os espectadores deveriam escolher um dos 6 como protagonistas do “Voto Popular” – este que é relacionado à categoria “Tema Livre”, assim como também um dos 2 exibidos na categoria “Eu Curto a Vila Kennedy”, a “A little Piece of Zoeira” e “A menina e a árvore”, cuja ideia consistia, como no primeiro Curta VK, nas produções ambientadas na Vila, nos anseios, projeções ou aflições da população.

Figura 58 - Programação de exibição dos Curtas finalistas das duas categorias “Tema Livre” e “Eu Curto a Vila Kennedy” no último dia do evento.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Antes da exibição dos curtas-metragens finalistas, tivemos ainda alguns pontos importantes no festival e tão marcantes quanto o momento em que o público, no ápice do evento, manifestavam-se como protagonistas, escolhendo os filmes finalistas e ganhadores das duas mostras. Um deles foi a Seção Criança, proposta trazida da experiência do 1º festival, que deu muito certo. Na publicidade, os mesmos colégios foram convidados, acrescentamos novos, cujas propostas pedagógicas eram a de atendimento ao público infantil. Para esse momento, contamos com o apoio da Prefeitura do Rio, através da MultiRio, que nos disponibilizou três séries, com cinco episódios cada uma, que tratavam de questões relacionadas à diversidade, meio ambiente, diversidade de gênero e étnica.

Mesmo com o convite sendo estendido para outras escolas da comunidade, percebemos que há muita dificuldade de as escolas deixarem seus territórios para adentrarem a outros que, também, figuram como sinônimo de aprendizado e de troca de saberes. Para nossa infelicidade, mais uma vez, as escolas infanto-juvenis da Vila não ocuparam o Teatro. Percebemos, com isso, que é muito predominante entre as concepções escolares o pensamento equivocado de que ele não representa uma prática educativa que, assim como a escola, dialoga com diversos contextos no momento da exibição fílmica. Com a ausência das escolas, compreendemos que muitas práticas docentes resistem a não conectividade com a vida humana de seus discentes, pois o filme como objeto e material simbólico ao longo do seu processo de desenvolvimento contribui para a construção social da infância e, sobretudo, para a reprodução interpretativa de suas culturas compartilhadas. Porém, ainda descontentes com o afastamento desse público, vimos com a participação da Escola Municipal Joana Angélica, que encontramos alguns profissionais que se valem, ainda, dessas iniciativas para permitirem que o ensino formal e o não-formal faz-se por intermédio das redes de conectividade entre eles.

Figura 59-Abertura do Festival com a Seção Criança com os alunos da Escola Municipal Joana Angélica.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Na foto e nos olhares, observamos a fascinação das crianças pelo audiovisual. Não é difícil notar o envolvimento delas com as projeções cinematográficas e a afeição individual na mansidão dos toques e gestos que as experiências fílmicas lhes trazem. O espaço ficou lotado, indicando a adesão por parte das crianças e dos profissionais de ensino que creditaram na

amálgama entre escola, cinema, práticas sociais, mas sabemos que o alcance precisa ser ainda maior, principalmente porque a Vila Kennedy não é composta por apenas uma escola de educação infantil. Na nossa militância entre a comunhão dos saberes que se fazem e se constroem na relação dos indivíduos com seus espaços sociais, nós do Coletivo CurtaVk, moradores e educadores populares, teremos muito o que percorrer para as escolas formarem parte do nosso novo projeto de sociedade em que elas considerem o próprio sujeito no processo educativo.

Quanto a mostra não-competitiva, na nova edição, utilizarmo-nos de outra temática. Em 2012, trouxemos um longa-metragem dividido em episódios que davam conta de trajetórias populares emancipatórias, tão contextuais à nossa realidade, em contato com as emergências e histórias sociais da população que luta pela legitimação de seus direitos em correspondência com a valorização dos próprios conhecimentos e produções, “cujo desafio é construir um projeto civilizatório contra-hegemônico” (Pimenta, 2014, p.33) que atenda a mais esferas da sociedade e deixe de perpetuar as grandes e discrepantes injustiças cotidianas que, durante anos, pretendeu emudecer as manifestações e as culturas dessas gentes. Em 2015, tivemos o mesmo propósito, mas o aproximamos à leitura sobre a diversidade de gênero, visto o festival acontecer na semana da consciência negra.

Pensamos, esquematizamos e, na mostra, fizemos a “Seção Negra”, com curtas-metragens caracterizados aos embates étnicos e raciais contemporâneos de equidade (Hocks, 2013; FREIRE, 2013). Neste dia, as produções exibidas foram: “Flor e Espinho”, de Luz Mariana e Rodrigo Mendes; “Conflitos e abismos: a expressão da condição humana”, de Everlane Moraes; “Eleko” de Mulheres de Pedra; “O dia de Jerusa”, de Viviane Ferreira; “A Boneca e o Silêncio” de Carol Rodrigues; “Vovó Leontina” de Paulo Rosa; “Gracejo a Pipa” de Márcio Belão; “Feli(Z)Cidade, de Clementino JR”. Posterior ao momento de exibição, a jornalista Cláudia Fonseca mediu o debate sobre as questões apresentadas nas projeções e, para tanto, contou com a participação da jornalista Débora Dantas, integrante do Coletivo.

Figura 60 - O público e os debatedores depois da exibição da “Seção Negra”.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

No domingo, dia 15 de novembro, encerramos as atividades com a exibição dos curtas finalistas da mostra competitiva, das duas categorias já citadas aqui. A população elegeu os seis melhores da Mostra Competitiva, ou mais bem contextualizados, entre quinta e de sexta-feira, respectivamente entre 12 e 13 daquele mês, foram eles: “Entre Gente” de Eudaldo Monção JR; “As Galeras”, de Juliana Portella; “Lar Doce Celular”, de AlekLean; “Falta Ela”, de Vitor Gracciano; “Mc Magalhães, uma lenda viva do funk”, de Marcelo Gularte; “A Entrega”, de Douglas Gomes e Paulo China e dois que participaram da mostra “Eu Curto a VK”. Dos seis que concorreram à premiação da mostra de “Tema Livre”, um foi eleito pelo Júri Técnico, cujos membros já informamos outrora, e outro pelo Júri Popular, que representa a massa espectadora do evento. Dos dois recebidos para a mostra “Eu Curto a Vila Kennedy”: “A little Piece of Zoeira”, de Ramon Kaway e a “A menina e a árvore”, um deles foi eleito também pelo Júri Popular e agraciado, igualmente, com a mesma premiação dos da categoria anterior. Fazer os moradores-espectadores encarregarem-se da seleção nas duas categorias simultaneamente implica em permitir que a autonomia desses sujeitos sociais e suas cidadanias tenham sentido e significado na trajetória de suas vidas.

Figura 61 - Família, moradora da comunidade, indo participar da mostra competitiva



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Figura 62 - Plateia começando a chegar para o último dia de Festival.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Este momento do projeto foi, nas duas edições, um dos mais esperados. A euforia dos participantes em saber que decidiriam, naquele momento, na escolha dos filmes finalistas e, posteriormente, na escolha dos ganhadores, mostrou-nos como iniciativas que estimulem a atuação dos indivíduos devem ser sempre valorizadas nos diversos espaços da sociedade, incluindo os que a educação popular faz-se mais presente. Ademais desse entendimento,

percebemos o quanto se faz importante convidar esses atores para o protagonismo das experiências cotidianas que lhes cercam a vida de modo a se autorreconhecerem e, acima de tudo, se autoproduzirem como sujeitos atuantes nos “movimentos sociais de libertação/emancipação dos padrões de poder, de trabalho, de apropriação/expropriação da terra, do solo, da riqueza, do conhecimento, das instituições do Estado” como um todo – fazendo uso das palavras de Carlos Brandão e Rubem Alves no livro “Encantar o mundo pela palavra” (2013: p. 30).

Figura 63 - Anúnciação dos ganhadores das duas Mostras: “Tema livre” e “Eu curto a Vila Kennedy”.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Os três filmes eleitos como destaques do festival, e ganhadores do “Iphone 5C”, obedecendo a ordem de Júri Técnico, Júri Popular e Prêmio “Eu Curto a Vila Kennedy”, foram: o primeiro é “Entre Gente”, de Eudaldo Monção, cuja narrativa relata a história de um nordestino, interpretado pelo ator Rodrigo Pinto, em trânsito contínuo e inigualável pelas ruas da urbe tresloucada que é capital paulista; o segundo, “Falta Ela”, de Vitor Gracciano, que faz uma analogia entre a falta de internet e os sofrimentos causados pela ausência de alguém – curiosamente, no momento da exibição desse filme, após compreenderem que não se tratava de um sofrimento amoroso propriamente dito, parte dos espectadores levantou-se e aplaudiu, de pé, a encenação do ator; o terceiro, “A Menina e a Árvore” da professora Jocélia Chagas, conta, através de desenho animado, as peripécias de uma menina diante de seu conflituoso cotidiano sobreposto ao redor de uma árvore.

O curta-metragem ganhador da mostra competitiva tematizada de “Eu curto a Vila Kennedy” foi, sem sombra de dúvidas, um dos momentos mais importantes do último dia, não

muito diferente à experiência do 1º Festival. Entendendo que a relação com o outro engrandece os indivíduos, percebemos que ao ver a Vila Kennedy protagonista, em ação nas imagens fílmicas da produção de uma moradora, a professora Jocélia Chagas, tão conhecida entre os que por sua mão já passaram, trouxe uma alegria estonteante aos participantes daquele dia, principalmente porque souberam que ela contou com a ajuda de um jovem morador, seu aluno, para a construção do seu curta-metragem, que retrata, como já mencionamos, a história de uma menina em seus saberes populares e cotidianos de vida: de aspirações e lutas sociais por sobrevivência diária – igualmente como nos apresenta, a exemplo, o entendimento do educador Carlos Brandão (2014: p.18):

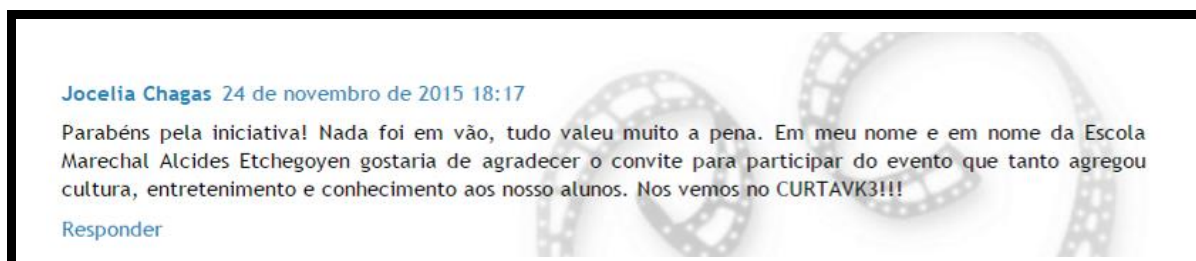
Essas ‘soluções populares’ para os problemas da vida social revelam algo interessante. Existe aí a maneira pela qual os setores populares identificam seus problemas; dito de outra forma: nessas soluções há maneiras pelas quais grupos populares se expressam “problematizados”, existem maneiras de produzir e apropriar-se de conhecimentos [...] os problemas percebidos se inserem dentro de um sistema de saber, que é deles; esse primeiro momento poderia nos mostrar que o Movimento Popular vai dimensionando suas percepções dentro de suas relações de mundo. Portanto: buscar “soluções populares” é, ao mesmo tempo, modificar as relações com esse mundo; nessas mudanças é que se elabora uma visão de transformação.

Figura 64 - Binho Cultura entregando o troféu e o prêmio, um “iphone 5C”, à diretora do curta-metragem “A Menina e a Árvore” da professora Jocélia Chagas



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

Figura 65 - Depoimento da professora Jocélia, ganhadora da mostra competitiva “Eu curto a Vila Kennedy” na página do Curta Vk.



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

E foi nesse encantamento, com a casa lotada, que encerramos as atividades do último dia e do 2º Festival de Curtas-metragens da Vila Kennedy. Em sua totalidade, toda a composição do evento atendeu às nossas expectativas, sentimos necessidade de realizar alguns ajustes que serão, na próxima edição, pensados e considerados. Um deles já foi mencionado, a participação das escolas com maior representatividade; outro é ir, ao invés das grandes praças, ao encontro dos moradores que vivem nas adjacências, em suas residências mesmo, porque no encerramento do evento, ao sentirmos que o alcance poderia ser menor, fomos convidá-los um a um. Nessa iniciativa, percebemos o quanto a disponibilidade ao próximo é inteiramente importante para que as lutas populares efetivamente transformem nossos mundos, a eles e a nós mesmos como integrantes dela, e que aproximação a esses vizinhos foi identificada e visível ao sentirmos que eles chegaram, algumas horas depois, ao Teatro, ocupando seus assentos nesse espaço e, para uma reflexão ainda mais ampla, na sociedade como um todo.

Por hora, finalizamos a apresentação do Curta VK e suas veias entre cinema e educação popular com a expectativa de que a comunhão entre ambos serve demais para a poesia: como tudo aquilo que a nossa sociedade rejeita, pisa e mija em cima - parafraseando Manoel de Barros, no poema “Matéria de Poesia” (2015, p. 45). A vida desses seres historicamente marginalizados, faz-se leito na medida em que, hoje, sua atenção está voltada para o oprimido como sujeito de sua libertação, face a face com uma lógica própria à construção popular de mundo: que os contempla em sua totalidade, em suas presenças, em seus movimentos e ações culturais e políticas. Emancipar-se, libertar-se é, ademais de

sobreviver a tantas opressões impostas, querer “mostrar para o que veio”²⁵ contemporaneamente musicalizado pela cantora das grandes massas populares, Anitta.

Figura 66 - Coletivo Curta VK, da esquerda para a direita: Luana Dias, Isabele Aguiar, Débora Dantas, Guilherme Junior e Isabel Navega



Fonte: www.curtavk.blogspot.com.br

²⁵ Anitta. Não Para. In: Anitta. Rio de Janeiro: Warner Music: 2013

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O aprendizado individual e coletivo do saber é inesgotável, ainda mais em um mundo de culturas destinadas a se encontrarem cada vez mais em e entre as suas diferenças originais, e a se transformarem, inclusive, através do diálogo livre e fecundo entre as pessoas, seus saberes, símbolos e significados; também a educação deveria ser pensada e vivida como algo absolutamente inclusivo, universal, diferenciado, dialógico, e... “para toda a vida”.

Raiane Assumpção, em *Educação Popular na Perspectiva Freireana* (2009, p.10)

“Resta essa faculdade incoercível de sonhar e transfigurar a realidade,
dentro dessa incapacidade de aceitá-la tal como é,
e essa visão ampla dos acontecimentos,
e essa impressionante e desnecessária presciência,
e essa memória anterior de mundos inexistentes,
e esse heroísmo estático,
e essa pequenina luz indecifrável
A que às vezes os poetas dão o nome
de esperança.”

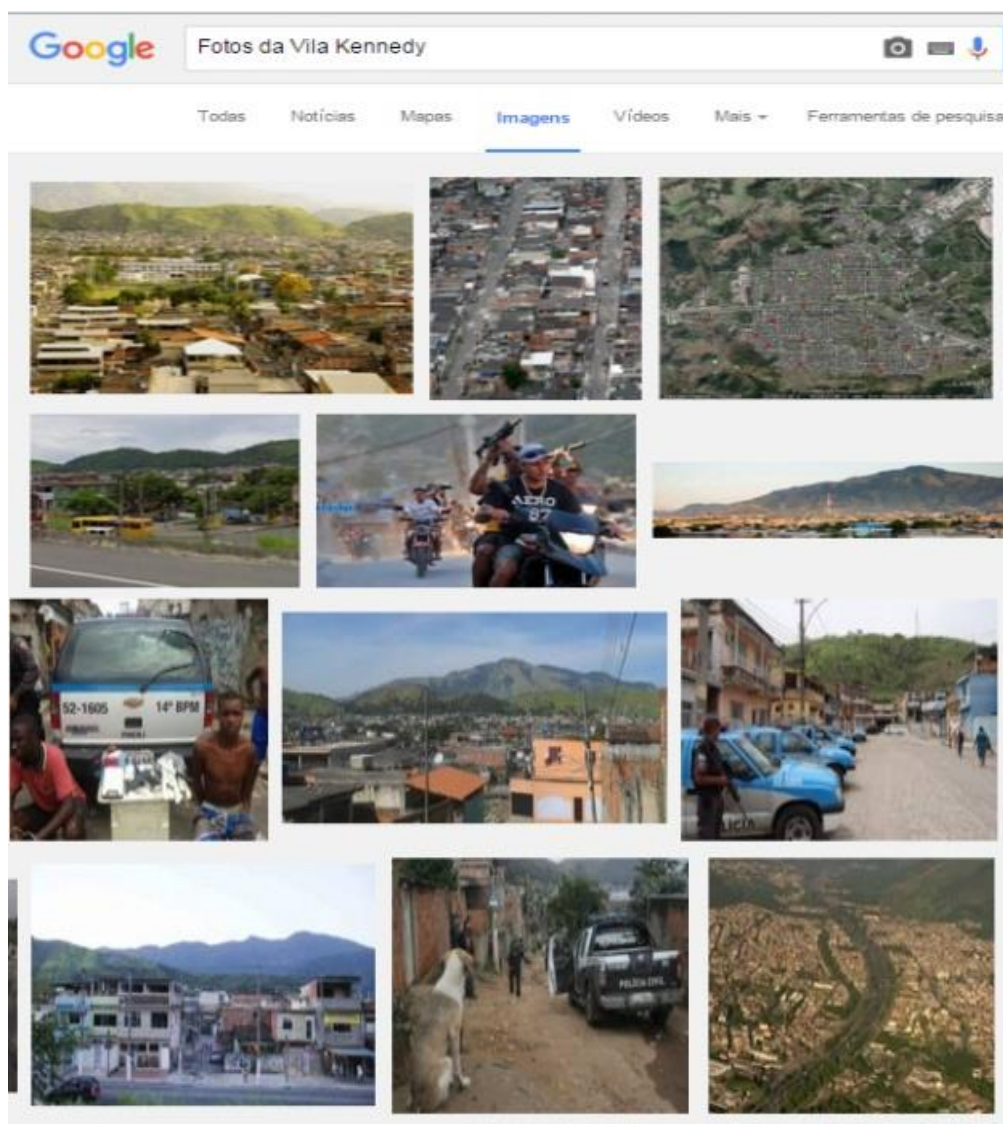
Vinicius de Moraes, *O Haver*

Chegamos à parte final do trabalho fazendo uso das citações acima, tão acolhedoras ao nosso contexto, para expressar o que as literaturas trazidas até aqui – como um movimento audacioso e alegre – vão de encontro com a temática contida no emaranhar da nossa narrativa: a valorização popular das aprendizagens e vivências das gentes para além do cenário da educação popular que habita tantos movimentos sociais, como as duas iniciativas que trouxemos para dialogar com os nossos objetivos centrais, o Curta VK, nas duas edições, e a Casa de Aya. Acreditando, crucialmente, que as pessoas estão a todo o momento, como um gesto perspicaz, de resistência e também de compromisso com a liberdade, inventando maneiras de ganhar a vida e de sair dos determinismos tão presentes em seus cotidianos e impostos pelo autoritarismo brutal da sociedade (CHIMAMANDA, 2015; FREIRE, 2011d).

Um bom exemplo trazemos através de uma das muitas experiências que a elaboração desse trabalho propiciou. Ao buscar imagens que pudessem dar conta das dimensões tanto da Favela do Esqueleto quando da Vila Kennedy, para compor a história de seu despontar para o mundo, deparamo-nos, no site de buscas “Google”, com a seguinte passagem – e o apresentamos aqui com intuito de exemplificar as errôneas e equivocadas interpretações que circundam às esferas sociais do nosso povo em sua conjuntura e totalidade – responsável por suscitar o desejo, através da criação das duas iniciativas mencionadas no parágrafo anterior,

de mostrar-nos em nossas potencialidades, em nossas capacidades humanas enquanto provedores de sentidos sociais e culturais tal como lhes passam às grandes elites e às classes médias. Vejamos:

Figura 67 – Fotos, do Google, que ilustram a Vila Kennedy



Essa imagem printada, que pode ser visualizada por qualquer indivíduo, se redigida a frase “Fotos da Vila Kennedy” no compartimento de localização, representa a Vila que muitos têm conhecimento; que muitos ouvem falar; que estampa as manchetes de jornais de âmbito nacional e até internacionalmente; as reportagens televisas; entre outros meios de divulgação que teimam em demarcar os problemas sociais, que diariamente nós vivemos, como sinônimo exclusivo de nossa existência. Deixando de contemplar, com isso, o que, de fato, estamos fazendo coletivamente para que essa visão deturpada e excludente tenha fim, ou melhor, não

seja soberana diante das outras imagens que, carregadas de luta, perseverança e amor dão luz a esse trabalho e mostram a Vila de outros olhos. Os olhos das gentes cujas implicações experimentam as composições da educação popular, mesmo sem o entendimento científico e acadêmico por parte delas, em seu sentido e abordagem mais amplos.

As experiências da Casa e do Curta ajudam-nos a compreender melhor esse entendimento, porque nos ensina, na coletividade, que as condições dos sujeitos sociais no panorama cultural de seus contextos populares têm, demasiadamente, pretensões políticas e sociais e, sobretudo, apresentam resultados que devem ser apropriados nos outros espaços da educação popular como, por exemplo, o escolar. Esse que, quando considerado a partir das vivências das classes populares, renova-se e se reinventa nas suas diversas formas de realização e subsistência, de perpetuação e ruptura, o que permite compreender como cada lugar, mas também cada coisa, cada pessoa, cada relação depende do mundo, pois, como sujeitos ativos na luta por uma vida digna e autônoma, mostram-nos que não estão apenas nele, mas com ele na mesma proporção e em todos os aspectos (SANTOS, 2010; FREIRE, 2011c).

Em cada atividade proposta pelos dois movimentos populares, pudemos perceber que os problemas acumulados na sociedade brasileira, incluindo os que se fazem presentes na educação escolar, perpetuam-se porque, em muita das vezes, os diálogos com a educação popular não são considerados nos processos de ensino-aprendizagem dentro dos círculos formais de ensino, no qual entendemos como redes de conhecimento. Vimos no primeiro Festival que as escolas convidadas, para as seções destinadas a elas, não compareceram ao evento, com exceção do colégio que está localizado ao lado do Teatro Mário Lago e isso pode ser interpretado por auxílio de vários pontos de vistas: o primeiro porque, habitualmente, essa aproximação entre a educação que o povo cria, aos inúmeros ambientes que figuram, não é relevante para as leituras de mundo existentes, também, nos inúmeros espaços escolares que classes populares têm; o segundo, porque as leituras dos sujeitos sociais quando não produzidas dentro das escolas não se consegue conceber sua importância para a construção de novos caminhos que vitalizam as vias da educação formal (FREIRE; NOGUEIRA, 2014).

A anulação habitual dessa integração traz-nos resultados precisos dentro desta pesquisa: a educação escolar, política, social e popular caminham independentes uma da outra, sem comunhão, sem toque, dando-se alheia, inclusive, à formação moral do educando. Vemos que onde existe uma, a outra não é prestigiada com tamanha ou igual representatividade, e vice-versa. Evidenciando-nos que se o fracasso escolar é um discurso

muito comum nos debates contemporâneos sobre educação, uma das causas é esta: a dissociação de todas as áreas do conhecimento, individualizando-as em todo o processo de ensino-aprendizagem. Por isso pensamos na Casa e no Curta como justificativa para esse trabalho – nos seus desdobramentos populares trazidos desde que a Vila ainda era uma pequenina criança nas entranhas do Esqueleto – que lotados de significação em um ambiente onde tudo se assemelha a fracasso, incompletude e feiura, mostra-nos que é possível, sim, encontrar riquezas nesses lugares marginalizados e, com elas, crescer e, ainda, pensar além (FREIRE, 2013).

Carlos Brandão (2002, p. 364) diz-nos que “partilhar da criação solidária do saber é inesgotável e sempre renovável”. Ao corroborar com essa proposição, Brandão ajuda-nos a entender que o saber, ademais de ser inesgotável e renovável, faz parte de um processo sem-fim que inexistente sem cooperação, solidariedade, partilha, amorosidade e, mais ainda, que inexistente sem a participação dos indivíduos como atores sociais que são nos diversos espaços em que eles vivem: sendo eles escolares ou não. Guiando-nos pelas palavras do educador, vemos que aprender é uma atividade contínua e que permite a aquisição do conhecimento através do entrelaçamento dos indivíduos com saberes que, ao serem contextualizados, decodificam sentido, dissemina conceitos e os adequa a comunicação para transcrever fatos, vivências ou puramente anseios. Brandão (2007, p. 47) menciona ainda que “é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida”, com a própria experiência do homem. Ou seja, a condução das inúmeras possibilidades de educação, sendo elas formais ou não, será sempre atribuída às situações que, direta ou indiretamente, estão interligadas às ideologias específicas da comunidade na qual o indivíduo é parte.

Assim a educação, de um modo geral, abarca inúmeras formas de expressão que propiciam aos indivíduos desbravarem o mundo, o ambiente e as situações que lhes cercam. E a educação popular, também contribui para a realização dessa ordem, já que possui um papel relevante na construção das redes de saberes que, também, visam o resgate e maior inserção dos indivíduos em seu meio (PONTUAL; IRELAND, 2006, p. 7; CANCLINI, 2013). Ela estabelece conexão com diversos elementos importantes para a construção do sentido, já que suas manifestações mediam o diálogo ativo com temáticas que englobam, entre outras questões, deveres e direitos da população como um todo e, por sua vez, permitem que o indivíduo, no resgate de sua cidadania, declare suas ambições, resignações, exigências, crenças, saberes e reivindicações quando determinados assuntos estão em voga.

Ainda sobre da valorização do sujeito, considerando-o agente na construção do sentido em um momento em que as implicações sobre cultura e sociedade “como reflexão de si mesma, consegue dizer-se a si mesma” (FREIRE, 201d), trazemos outro embate tão igualmente oportuno às análises que os dois projetos puderam nos proporcionar até então. Com a ideia latente de se legitimar a valorização da educação popular nos ambientes formais – onde as propriedades comuns são ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 75) – de ensino, e de fazer com que os alunos, atuantes nas transformações sociais de nossa época, possam, indiscriminadamente, transitar em todas as esferas sociais, creditamos o uso do audiovisual nas escolas. Com o Curta VK, vimos como as crianças e os jovens da Vila Kennedy deleitavam-se a cada seção, a cada seção que podiam interagir com as imagens e experiências fílmicas. Na Casa, não é diferente, as atividades que envolvem a exibição de filmes é sempre uma das mais pedidas por eles. Sempre que temos uma atividade que, provisoriamente, não tenha relação com o audiovisual, eles sempre perguntam: “a gente não vai ver filme hoje?”.

A permissividade do filme acrescenta uma gama de possibilidades diante das projeções fílmicas. E questionamos, com isso, até que ponto a escola serve-se desse aparato para aproximar a realidade do aluno aos processos de ensino-aprendizagem? Por meio das duas iniciativas apresentadas, podemos chegar a algumas conclusões. Uma delas é a certeza de que, efetivamente, a escola aproveita com muito pouca expressividade iniciativas que estimulem, fora do seu espaço de formação, a integração da população ao seu meio: a exemplo, citamos a sua quase nula participação nos projetos – haja vista a única que compareceu, ao Curta, à programação do festival voltada exclusivamente para ela estar localizada ao lado do teatro. As demais, não aparecem. O que, simultaneamente, nos estimula a pensar que, se não adentraram ao espaço, foi porque, também, a inserção do audiovisual dentro dos ambientes formais de ensino é desvalorizada – e por inúmeras justificativas: desde o momento da exibição não ser considerado como um momento de troca de saberes até a compreensão de que usar um filme para transpor conteúdos significa substituir as horas de aula como forma a “alforriar-se” da obrigação de lecionar.

Lembro-me, como se fosse hoje, das muitas vezes que tentei apresentar um filme como proposta educativa, e de ensino do espanhol como língua estrangeira, acreditando que seria uma das formas que podemos, com mais precisão, aproximar o uso da língua e o conhecimento das outras culturas, e fui inibida. Geralmente, a alegação era a de o filme em geral “ter duas horas”, sendo muito para substituir uma aula. Na verdade, não queria

substituir, queria mostrar que a aula ea relação com o conhecimento também pode existir quando interagimos com as experiências que nos possibilitam as grandes telas. No ensino de uma língua, a experiência é crucial, quicá indispensável, porque nos permite pensá-la a partir do nosso contexto e, ainda mais, conhecer traços da cultura de outros países sem, ao menos, deixarmos nosso território – ou seja, viajamos, aprendemos e conhecemos mais e melhor sem, sequer, nos desprendermos da nossa própria região.

Relacionado ainda ao uso dos filmes em sala de aula, no espaço escolar de forma geral, hoje, temos o incentivo da lei 13.006, que propõe a exibição de filmes como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por no mínimo duas horas mensais. Com a lei, a escola transforma-se em um pólo audiovisual dentro de sua comunidade e convida os indivíduos a pensarem nos porquês de determinadas utilizações feitas nas narrativas dos filmes e como elas podem ser interpretadas, ou imaginadas, de acordo com os conhecimentos de mundo que cada um traz consigo, já que a função do filme não é a de, tão somente, expressar o seu significado no momento da exibição, mas a de, também, mostrar os tipos de informações, e sentimentos, que ele, aliado à cultura do indivíduo, pode produzir nos espectadores (TURNER, 1997; FREIRE, 2011).

A lei foi criada recentemente, no ano de 2014, porém, apesar disso, muitos ajustes ainda precisam ser realizados para que o trabalho no espaço escolar seja condizente com a sua incipiente, porém rasa, justificativa, conforme indicação de seu idealizador, o Senador Cristovam Buarque. Segundo ele, a proposta precisa, contudo, ser adaptada à proposta curricular da escola para que alcance o seu primordial objetivo que é o de estimular a formação intelectual dos alunos por meio dos usos de bens e serviços culturais – quando esses atingirem a vida adulta – e, ademais, promover a divulgação da indústria cinematográfica nacional com a exibição de filmes realizados no nosso território. No entanto, os debates a cerca desse entendimento mostram-nos uma série de contrariedades: no que tange o desejo inicial de se estimular os alunos, assim como também o de se pensar o cinema na escola, tão somente nesse ambiente.

De imediato e frente às justificativas, reconhecemos – já na ausência da escola – uma das maiores dificuldades de diálogo entre a proposta fílmica e esse espaço de trocas de conhecimento, porque, quando não se acredita na importância desse envolvimento e que ele está para além do espaço físico e geográfico da escola, limita-se, demasiadamente, o terreno das possibilidades que as aprendizagens tem, diminuindo, assim, as fronteiras do

conhecimento e, sobretudo, seu ínfimo alcance. Ao largo do nosso projeto, o Curta VK, pudemos perceber que nosso trabalho tomaria outro sentido, ou significado, se o envolvimento dos profissionais fosse representativo e, com isso, indicasse, através da formação da plateia, o quanto consideram importante a experiência fílmica na formação continuada de seus alunos e de suas alunas e que esse exercício está para além da sala de aula. Portanto, outro dado que deve ser considerado como justificativa ao distanciamento desses profissionais, e, conseqüentemente, de seus discentes, é a não inclusão das experimentações desses atores na formulação e criação da lei. Como muitas das práticas populares que chegam a essa parcela da população, elas não convidam, a quem delas irá usufruir, para o debate acerca de sua aplicabilidade e isso impede, a quem delas desfrutará, inferir as vivências que a simbologia de seus cotidianos apresenta frequentemente.

Não sendo chamados para manifestarem seus pontos-de-vista fica difícil qualquer abertura para o entendimento de que, como ocorre com tantas outras linguagens, a cinematográfica desperta, sempre, novas leituras, reflexões e debates. Esse fato interfere diretamente na dinâmica da comunidade com outras iniciativas, inclusive as nossas. De imediato, ficamos impactados com o distanciamento da escola nas sessões e no evento como um todo, mas, em seguida, sentimos os motivos cada vez mais evidentes desse afastamento, principalmente quando começamos a esmiuçar o processo de construção e execução da lei 13.006. Dentro do território da Vila Kennedy, a apropriação da lei é inexpressiva, segundo relatos dos professores da escola Joaquim Edson, e isso nos ajuda a pensar no porquê de a presença da população escolar ter sido tão tímida. Outro dado circunda na conjuntura da concepção da lei e em como ela foi idealizada: sem a participação, necessidades e urgências de seus protagonistas. A lei surgiu sem que os usuários fossem consultados ou servissem de referência dentro de uma educação que se diz pautar e construir, sobretudo, na coletividade – evidenciando, assim, mais um dos motivos pelos quais se pode justificar a acanhada participação do público escolar no Festival.

Não pertencer significa também não dimensionar o caráter pedagógico do cinema, e do Curta como projeto no qual a realidade vivida figura como estímulo na luta por uma educação de cidadania, que tenha o seu caráter interligado às emergências de seus protagonistas e esteja conectada às aprendizagens a favor de uma proposta de atuação emancipatória, coerente com os novos tempos, novos debates, interesses e demandas sociais – que tanto nos cerca a contemporaneidade. Ademais, ao resgatarmos a lei, de modo a pensarmos para além das experiências do Curta e da Casa, pudemos entender com mais

clareza que a realidade presenciada nas duas iniciativas não figuram tão somente dentro da Vila Kennedy, os próprios professores, que lecionam em instituições de ensino localizadas em outras áreas, confienciaram-nos experiências similares.

O incentivo da lei estimula-nos a fazer uso dos filmes como prática educativa, porém os desdobramentos que possuímos, no tocante a sua aplicabilidade, indicam o oposto do que se alinhava no arquétipo de suas entrelinhas. Na prática, não se tem aparatos mínimos e necessários, não se tem, muita das vezes, incentivo da própria comunidade escolar para que o cinema invada seu espaço com a proposta didática e, totalmente, lúdica – essa inclusive de suma relevância para o desenvolvimento social e cognitivo dos discentes e dos docentes. Observamos muitos professores que, ao se apropriarem da linguagem fílmica como veículo no processo de ensino-aprendizagem, são coibidos com a escusa de que “pretendem não dar aula para passar um filme” – sem considerar a construção do conhecimento que, na relação com as experiências fílmicas, se faz, e o preparo minucioso que os professores têm entre a seleção da obra que será exibida e o seu paralelismo com os conteúdos estudados, da mesma maneira que a faixa etária os alunos, por exemplo.

Toda essa constatação permite-nos entender, ademais do afastamento da população escolar no projeto, o quão árduo ainda será o nosso trabalho de imersão cinematográfica dentro da Vila Kennedy, valorizando e acreditando que a abrangência do cinema vai além das projeções nas grandes telas e das concepções que, ao longo de tantos anos de aparição, consideram-no uma das práticas mais prestigiadas, de um modo geral, pela população. Com o Curta VK, a Casa de Aya, as experiências dos professores envolvidos, bem como as minhas, pudemos perceber que ele é uma prática social para aqueles que o fazem e para o público também, o que nos viabiliza a concepção de concebê-lo como possibilidade educativa, e popular, a ser integrada aos diversos públicos, indiscriminadamente, nos espaços cuja troca de experiências faz-se coletivamente e através das interações sociais (DE LA TAILLE, 1992b; *Ibidem*, 1997).

Sendo assim, falar de cinema e educação Popular é falar dos atores sociais e da diversidade dos papéis que eles desempenham em sua comunidade nas inúmeras tomadas de decisão, assinalando, com isso, variados aspectos na construção democrática da sociedade, como os próprios filmes, como as próprias leis que são feitas para eles, mas não com ele. É compreender, por exemplo, que a participação ampla de todos os envolvidos rejeita a submissão, a propagação de uma educação bancária, reprodutiva, determinista, tanto quanto

rechaça e repudia qualquer saber que se construa oligarquicamente na sociedade, que seja direcionado a esses atores e não feito por eles.

O que nos faz almejar, na projeção deste trabalho em sua totalidade: a valorização dos indivíduos envolvidos nos projetos através das suas relações com as manifestações que cada qual realiza nas esferas das transformações sociais. Por meio do que se foi exposto, então, que as leituras – escritas e visuais – buscaram a aproximação, com suas peculiaridades, ao meu projeto de pesquisa: a vida, a vida das gentes, a vida dos atores sociais que durante um longo tempo de suas histórias mantiveram seus anseios e inquietações segregados aos condicionamentos da sociedade que limitavam suas manifestações e que, hoje, compromissados e conscientes de seus papéis políticos como cidadãos de direitos e deveres, lutam incessantemente pelo reconhecimento de seu espaço, por justiça e equidade (BRANDÃO, 2006). Pois:

A refundação político-democrática do Estado, do público e das suas organizações e políticas exige a presença desses atores políticos, que não mais esperam pacientes e agradecidos às políticas benevolentes contra as desigualdades, mas já mostram sua capacidade de equacioná-las e de lutar para sua superação, evidenciando e atacando os processos de sua produção histórica (ARROYO, 2010).

Finalizo este trabalho nas entrelinhas da poesia que se construiu através dele, trazendo, a tão fabulosa, contextual, e gentil frase de Marx e Engels, como expressiva contribuição ao nosso trabalho em seu desfecho, contida no “Manifesto Comunista”, que, embora eles a tenham escrito há tantos anos atrás, ela se legitima contemporânea e muito se autentica aos tempos de agora por sua íntegra representatividade, amplitude e vivacidade: “os frutos estão amadurecendo” (2012, p. 38). Afirmo que eles seguem amadurecendo, em um despontar contínuo e inesgotável como tudo na humanidade seguirá sempre nesse percurso – incluindo a poesia, a poesia da vida; mas agrego que muitos já estão aí, oferecendo-se com um cheirinho gostoso de fruta que acaba de cair do pé, esperando, como um gesto ardente e límpido de beleza, pela nossa degustação.

“Só a poesia poderá salvar o mundo de amanhã”

Vinicius de Moraes, em A transfiguração pela poesia

Conheça-nos melhor através das nossas páginas:

www.curtavk.blogspot.com.br
www.facebook.com.br/casadeaya

6 A VILA DOS MEUS OLHOS

“A Gente não gostava de explicar as imagens,
porque explicar afasta as falas da imaginação”

Manoel de Barros, em “O menino do mato”

Figura 68

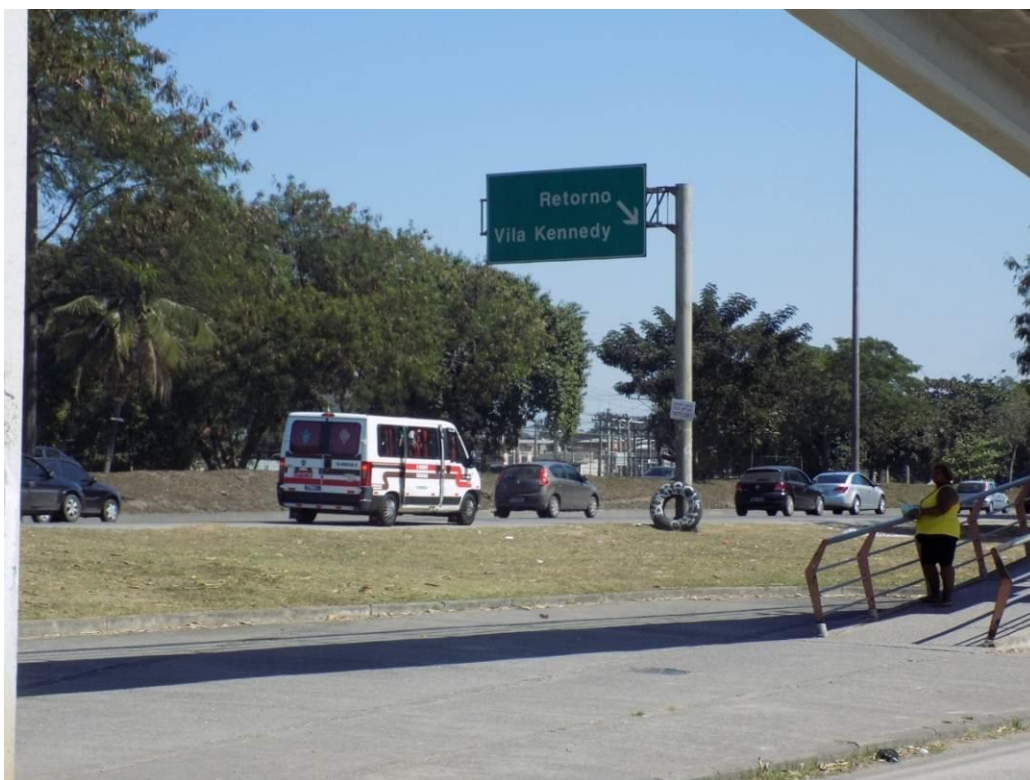


Figura 69



Figura 70



Figura 71



Figura 72



Figura 73



Figura 74



Figura 75



Figura 76



Figura 77



Figura 78

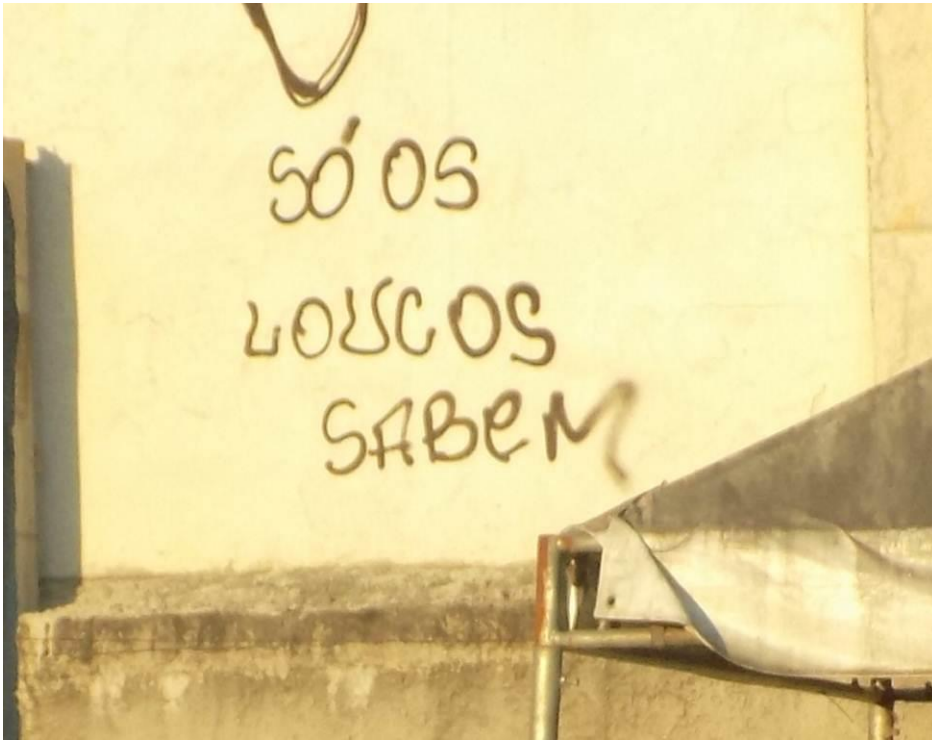


Figura 79



REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Cultura e cotidiano escolar**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPEd; Campinas, Autores Associados, n.23, p. 62-74, Maio/Ago. 2003.

ALVES, R.; BRANDÃO, C. R. **Encantar o mundo pela palavra**. Campinas: Papirus 7 Mares, 2010. p. 128.

ANDRADE, M. DE. **Macunaíma**. 22. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

ARROYO, M. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 336.

_____. **Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados**. In: Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out.-dez. 2010.

_____. **Imagens quebradas: trajetórias e tempo de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2014.

ARROYO, M.; BUFFA, E.; NOSELLA, P. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?**. São Paulo: Cortez, 2010.

ASSUMPÇÃO, R. (Org). **Educação popular na perspectiva freireana**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. p. 167.

ASSUMPÇÃO, R; BRANDÃO, C.R. **Cultura rebelde**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. p. 107.

BANDEIRA, M. **Crônicas da província do Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BARROS, M. DE. **Menino do mato**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p.112.

BARROS, M. DE. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Alfaguara: Rio de Janeiro, 2015

BERINO, A.; GUEDES, M G de S. **Besouro na roda da capoeira e da educação**. In: Fernando César Ferreira Gouvêa; Luiz Fernandes de Oliveira; Sandra Regina Sales. (Org.). Educação e relações étnico-raciais: entre diálogos contemporâneos e políticas públicas. 1ed.Petrópolis/Brasília-DF: DP et Alii/CAPES, 2014, v. 1, p. 189-200.

BERINO, A. **A economia política da diferença**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 229.

BERINO, A. **Tudo Que Aprendemos Juntos**. Aristóteles Berino, jan. 2016. Disponível em: <<http://aristotelesberino.blogspot.com.br/>>. Acesso: em 02 de fev. 2016.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2014. p.279.

BRANDÃO, C.R. **O Que é Educação popular**. São Paulo: Editora e Livraria Brasiliense, 2012. p.122.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2013. p.385.

CERTEAU, M. A **Invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 2012, [Tradução: Ephraim Ferreira Alves].

CHIMAMANDA, N. A. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CORSARO, W.A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011. 384p.

DRUMMOND, Carlos de. **O tempo passa? Não passa**. In: amar se aprende amando. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Alguma Poesia**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, 2010.

FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.153.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.p.262.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 14ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 149p.

_____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011c. p. 143.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Org. Ana Maria de Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011d. p.2453.

_____. **Pedagogia da tolerância**. Org. Ana Maria de Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.p.399.

FREIRE, P; GUIMARÃES, S. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e educação: A Lei 13.006: reflexões, perspectivas e propostas**. 1ed. Belo Horizonte: Horizonte Produção, 2015, v. 1, p. 167-176.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. p.283.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Penguin Classics/Companhia da Letras, 2012.

MORAES, Vinicius de. **Nova antologia poética**. Sel e Org. de Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. Vinicius de. **Para Viver um Grande Amor**. Sel e Org. de Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Vinicius de. **Poemas esparsos**. Sel. e org. de Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NETO, Júlio Alves de Oliveira. **Construção de Brasília: expectativa e frustração para o povo goiano (1957-1962)**. Disponível em: <http://www.unifaj.edu.br/NetManager/documentos/Constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20Bras%C3%ADlia%20Expectativa%20e%20Frustra%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20Povo%20Goiano.pdf> . Acessado em 10 de janeiro de 2016.

NIETZSCHE, N. **A Visão dionisíaca do mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 93.

PAIVA, V. **História da educação popular**. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p.527.

PIMENTA, S.G. **Educação popular e docência**. São Paulo: Cortez, 2014.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2014.

SCLAIR, Moacyr. **Cartas de Amor**. In: Minha Mãe não Entende Nada. 2a. Edição. Porto Alegre: L&PM, 1996.

TURNER, G. **O cinema como prática social**. Tradução Mauro Filho. São Paulo: Summus, 1997. 174p.

Páginas visitadas:

<http://www.casadasafricas.org.br/adinkras/>. Acesso em 5 fev. 2016. Acessado em 15 de janeiro de 2015.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6177.htm. Acessado em 20 de janeiro de 2015.